



UM CAMINHO DO OLHAR

Convívio dos jovens de CL

Assis, 23-26 de novembro de 2023

Um caminho do olhar

Convívio dos jovens de CL

Assis, 23-26 de novembro de 2023

Quinta-feira, 23 de novembro

INTRODUÇÃO

Francesco Cassese

Boa noite a todos, obrigado por terem vindo a esta segunda etapa em Assis. Viemos de toda a Itália e, nesta ocasião, temos também convidados do estrangeiro: cerca de trinta amigos, vindos sobretudo da Europa. Trago-vos as saudações do Davide Prospero, que lamenta muito não poder estar aqui conosco, mas está na Argentina nestes dias para se encontrar com as nossas comunidades.

Retomo os pontos salientes da lição e da síntese do padre Paolo Prospero no primeiro convívio, em março passado: a sociedade do cansaço caracterizada pelo *desempenho* como medida do nosso valor, o *self-made man* que nos faz sufocar dentro de uma gaiola, e o deixar-se “lavar os pés” como Pedro por Jesus, que é o caminho da libertação.

Queremos retomar o que surgiu da primeira vez e tentar dar alguns passos em frente, iluminados por aquilo que todos estamos a fazer em conjunto com o movimento. Refiro-me ao caminho da Escola de Comunidade, e em particular à Jornada de Início do ano: “A fé, realização da razão”. Tentemos dar um passo em frente na passagem da experiência natural à experiência cristã.

Nestes dias, dediquemos algum tempo a olhar uns para os outros. Percorremos um longo caminho, alguns mais do que outros, para chegar a Assis. Por que não estabelecer uma ligação? O que é que nos acrescenta o facto de podermos viver estes dias juntos? Estamos aqui para nos acompanharmos uns aos outros num troço do caminho. Para gozar a companhia que o Mistério nos dá através dos nossos rostos. É dar novamente espaço a Cristo para nos atrair a Si. Eu não seria capaz de dar um passo neste caminho sem esta atração que me volta a ser proposta. Queremos caminhar juntos. Não se aprende a caminhar juntos sem caminhar juntos.

Como foi evidente no passado mês de março, a nossa é uma «companhia *vocacional*, isto é, uma companhia que nos implica, porque gera a experiência e é gerada pela experiência em que o carisma nos tocou», como dizia o Davide. São dias que construímos juntos a partir do que acontece entre nós. Neste sentido, verão que as noites de amanhã e de depois de amanhã são preparadas e pensadas por vocês, desde os testemunhos aos cânticos.

Cerca de 150 pessoas, entre nós, não participaram no convívio de março, mas nestes últimos meses assistimos a uma onda que atingiu, através de círculos concêntricos, muitos outros. O conteúdo do livrinho de Assis foi retomado durante as férias de verão, e nasceram também iniciativas para reavivar a provocação da lição do padre Paolo. O Davide, na conclusão do gesto de março, dizia-nos: «Não vos convidei a vir aqui para vos dar “a linha do movimento”, mas para partilhar uma amizade. E, ao partilhar esta amizade, compreendemos também um pouco mais qual é o conteúdo da proposta que o movimento nos faz, esclarecendo a tarefa que nos foi confiada». Isto aconteceu verdadeiramente: foi uma ajuda preciosa para entrar mais profundamente no conteúdo da proposta do movimento. A “zoomata” na experiência de trabalho, o jogo do *desempenho*, ajudaram-nos a compreender o passo que a nossa companhia nos estava a propor.

Continuava o Davide: «Como digo sempre, quando somos objeto de uma preferência, ou é uma injustiça (pensem nos vossos amigos que não puderam vir aqui porque, infelizmente, não havia lugar para todos) ou essa preferência indica uma tarefa». Bem, parece-me que nenhum de nós considerou esta preferência como pertença a um clube exclusivo. A verdade do que vivemos trouxe consigo o ímpeto de abraçar e partilhar: «Ou que esta preferência, através de cada um de nós, se dilate, se torne uma responsabilidade nossa. Atenção, esta responsabilidade não se traduz num papel: vamos imediatamente afastar este equívoco da linha do horizonte das nossas expectativas... quero dizer: estar aqui não significa que amanhã estejam em todas as diaconias da esfera terrestre». Todos nos empenhámos no seio das nossas comunidades, mais desejosos de construir do que de ter um papel. Nalguns casos nasceram ini-

ciativas, noutros simplesmente voltámos à vida das nossas comunidades com mais entusiasmo.

Retomo estes elementos porque para nós é importante, é fundamental, podermos verificar o fruto de uma proposta. Tudo começou com uma aposta: sabíamos em que é que estávamos a apostar, mas não sabíamos onde é que a aposta nos levaria. Ainda hoje, não sabemos onde nos levará essa aposta, mas queremos verificar a sua bondade e a sua fecundidade.

Quero dizer uma última coisa: é decisiva, nestes dias, a postura que podemos ter perante a proposta que nos chega, nos diálogos entre nós, à mesa, nos momentos de escuta e de oração. Interessamos-nos viver estes dias duma forma verdadeira, duma forma autêntica. Oçam o que diz *don* Giussani: «“Não é o ativismo, tal como não é moralismo (...), que cria as situações verdadeiras”. Então o que é? “A minha conversão”. E em que consiste? Em “reconhecer o que Ele pôs na raiz do meu ser, reconhecer que sou uma nova criatura, eu sou Tu”. A este ponto, Giussani dirige-se diretamente a este Tu, quase numa oração: “Mostra-te lá, só um bocadinho, vem cá, aparece, investe os meus membros, os meus braços e as minhas mãos, a minha cabeça, os meus pensamentos, os meus sentimentos, os meus olhos, a minha boca. Investe-me, porque Tu és um fermento e a minha massa está tão pesada, percebo que é precisa toda a vida para que esta operação misteriosamente se verifique”» (A. Savorana, *Luigi Giussani. A sua vida*, Tenacitas, Coimbra 2017, p. 480).

Peçamos, nestes dias, a Sua presença: «Vem, Senhor Jesus».

Sexta-feira, 24 de novembro

EXCERDOS DA PRIMEIRA ASSEMBLEIA

Francesco Cassese (Camu). Esta manhã fazemos a assembleia, que pretende ser um momento de verificação do caminho que fizemos nestes últimos meses. Como vos dizia ontem, é uma oportunidade para partilhar a experiência que estamos a fazer: as perguntas, as descobertas, os testemunhos que nos ajudaram a viver. Para nos prepararmos, partilhámos esta pergunta: «Que experiência está a gerar em nós e na vida das nossas comunidades a proposta do movimento? Que perguntas estão a surgir?».

Como vos adiantámos por mail, nestes dias queremos refletir sobre estas palavras de *don* Giussani, tiradas do Prólogo dos Estatutos da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que contêm o núcleo da identidade do sujeito adulto na nossa companhia.

«O sentido profundo do movimento é o chamado de atenção à memória de Cristo, vivida quotidianamente nas circunstâncias da vida. A natureza específica do seu carisma pode ser assim descrita:

– a insistência sobre a memória de Cristo como afirmação dos fatores dos quais nasce a experiência cristã, na medida em que dão origem à verdadeira imagem do homem;

– a insistência sobre o facto de que a memória de Cristo só pode ser gerada pertencendo-se a uma comunialidade vivida;

– a insistência sobre o facto de que a memória de Cristo inevitavelmente tende a gerar uma comunialidade visível e propositiva na sociedade».

Antes de começar a assembleia, queria ler um texto de Giussani que explica, em resposta a uma pergunta, que tipo de trabalho nos espera. «Desculpem, mas permito-me insistir que um trabalho de assembleia não se baseia no facto de uma pessoa falar depois da outra. Se aquilo que alguém disse não é claro para nós, é preciso insistir, porque assim aplicamos o que acaba de ser dito, vamos ao fundo da questão e aprendemos. Tenho a certeza de que a maior

parte de vocês ainda não percebeu aquilo que foi dito na última intervenção, como se pode ver pelas vossas caras. Queira Deus que alguém tenha a coragem, ou simplesmente a inteligência, de dizer: “Desculpa, por favor, retoma, exemplifica”! Caso contrário, deixa de ser um trabalho, a assembleia tende a tornar-se uma coisa formal, isto é, uma coisa a fazer: quem tem de falar está lá a tratar do seu discurso e não ouve, não aprende nada, mas todos os outros estão ali também, empenhados no seu grande compromisso, que é o de que a assembleia acabe, esperando com benevolência que talvez, de repente, aconteça alguma coisa boa. Isto não é um trabalho. A questão levantada fere a própria raiz da atitude que adotamos. Muitas vezes, na minha opinião, é ainda pior do que isto, porque fazemos uma assembleia por fazer uma assembleia, fazemos uma iniciativa pública por fazer uma iniciativa pública. E temos o cuidado de não dizer muito alto entre nós: “Correu bem ou correu mal?”, censuramos até esta pergunta. “Conseguimos! Já acabou!” O que acabamos de dizer é a aplicação de um princípio que, sabe-se lá quantas vezes, já nos ouvimos repetir [...]: o homem aprende com a experiência, e a experiência é algo que se experimenta, que se faz, ajuizada à luz do ideal. Mas ajuizada! Aí, perguntamo-nos: onde é que falhámos? Onde é que é preciso esmagar mais ou fazer penetrar mais o critério ou torná-lo mais exato? Em suma, é um trabalho sobre o que foi feito ou está a ser feito».¹

Por isso, esta manhã será um resumo de testemunhos e perguntas, mas no âmbito de um diálogo, ou seja, com a oportunidade de definir alguns pontos e dar um juízo.

Simone. Desde que estivemos com o Papa, a 15 de outubro de 2022, que tenho uma pergunta, porque ele recordou-nos que o carisma é de todos. A coisa que sempre me impressionou em Giussani (contaram-me, li-o, portanto, foi indiretamente, mas é uma experiência de fé e é como se a tivesse feito eu) é que todas as coisas que ele fazia, fazia-as “novas”, isto é, de forma criativa. O que sempre me perguntei é como é que posso fazer com que o carisma se torne criativo em

¹ L. GIUSSANI, *Certi di alcune grandi cose (1979-1981)*, BUR, Milão 2007, pp. 288-289.

mim. E, com “criativo”, não quero dizer um esforço da minha parte, um “fazer eu mesmo”, mas sim: como posso deixar-me usar pelo Espírito Santo (porque é disso que estamos a falar, de um dom dado a Giussani para nós) para que Ele possa fazer novas todas as coisas? No trabalho, como é que posso estar diante dos doentes de forma humana? Ou, quando chego a casa, estar com os meus filhos como se Jesus estivesse lá? Isto sempre me impressionou no movimento: o cristianismo é um facto social e, portanto, não há nenhum aspeto da realidade em que Jesus não esteja envolvido. Então, como é que eu posso olhar para o dinheiro, para as amizades, para tudo, como Jesus olha para eles? Relato uma experiência indireta: é da minha mulher, mas foi a minha, porque a vivemos juntos. No ano passado, fez um projeto na escola dedicado a Vasily Grossman sobre “verdade e liberdade”, com alunos de uma escola normal, da prisão e de uma escola noturna. Fez uma exposição que também ganhou um prémio nacional no MIUR (Ministério da Instrução e do Mérito italiano, NdT). Uma exposição lindíssima. Ela disse sempre: «Eu sou cristã», mas nunca falou de Jesus, especialmente aos prisioneiros. Ela deu aulas numa prisão de segurança máxima, onde as pessoas tinham cometido crimes hediondos. No final do trabalho, quando se foi embora, os presos disseram-lhe: «Professora, a senhora fez-nos ser verdadeiramente livres, apesar de estarmos aqui dentro». A mesma frase que, no podcast O Sentido Religioso um aluno dizia sobre Giussani, que ele os fazia ser verdadeiramente livres apesar de estarem na aula. Eu percebo que uma pessoa, pedindo tanto uma posição – «Vem, Senhor Jesus» – e com o caminho do movimento, pode ser verdadeiramente um instrumento de criatividade. Parece uma coisa melosa, mas por que é que um prisioneiro diria: «Agora compreendo o que significa ser verdadeiramente livre»? É a síntese do terceiro capítulo d’ O Sentido Religioso: «Amar a verdade mais do que a nós mesmos». Grossman, que era o principal escritor do comunismo, começou a dizer a verdade devido a uma série de factos, uma série de encontros (a morte da mãe, a visão de Nossa Senhora Sistina). Começou a dizer: «Eu sou menos homem se não disser a verdade». Grossman era ateu, não era cristão, e de facto Giussani cita-o como um exemplo autêntico do sentido religioso, como Leopardi. Então, como é que eu posso

ser um instrumento desta criatividade? Trazia comigo esta pergunta e via um início de resposta nesta experiência da minha mulher.

Padre Paolo Prospero. Exato. Consegues dar-me só um exemplo?

Simone. Claro. Foi um ano em que a minha mulher trabalhou muito e eu estava mais em casa com as crianças. O facto de partilhar esta experiência, de a ver crescer na sua relação com os alunos... porque a primeira vez que ela entrou lá dentro, disse: «Eu quero fugir», e quando se foi embora disse: «Eu já não os quero deixar, porque fazem parte de mim»... Portanto, ver um eu que amadurece tanto – e ao partilhá-lo, amadureço eu também, porque a sua experiência se torna minha – é uma possibilidade para que a criatividade do carisma não seja abstrata para mim.

Padre Paolo Prospero. Isso eu percebi. A minha pergunta é diferente. Tu perguntas: «Qual é o caminho?», ou seja, «como é que o carisma se torna criativo em mim?». E a resposta que tu propões é... não percebi bem qual é.

Simone. Eu olho para quem faz uma experiência. Para mim, foi olhar para a experiência da minha mulher, que, como dizíamos na Jornada de Início de Ano, tem todos os fatores, ou seja, é uma experiência de fé, e levamo-la para um lugar, que é a Escola de Comunidade, que é a Igreja, e, contando-a, vemos pessoas que crescem.

Padre Paolo Prospero. Disseste muitas coisas. Espero que também outros possam dar o seu testemunho sobre a questão que puseste em cima da mesa. Entretanto, digo-te que a tua pergunta é belíssima e que o exemplo que deste é igualmente belo. Mas continua em aberto, parece-me, a questão do juízo que levas para casa a partir de tudo o que disseste. Ou seja, precisamente a resposta, ou o início de resposta à questão sobre o “como” é que o carisma se torna criativo em ti e em mim.

Simone. Oração. Isso, posso dizer-te.

Padre Paolo Prosperi. Sim, isso disseste.

Simone. Oração e uma relação sincera com os rostos que Jesus colocou diante de mim, um juízo. Por isso te digo: oração e juízo.

Padre Paolo Prosperi. Obrigado. Vamos voltar a isto.

Stefano. Quero contar um pouco do que o primeiro convívio de Assis gerou em mim e nos meus amigos ao longo destes meses. O primeiro grande fruto é o facto de que agora vivemos uma Fraternidade com alguns deles. Antes, eu estava inscrito na Fraternidade, mas nunca tinha percebido bem o que isso significava. Aqui, foi como se uma fâsca se tivesse acendido, de modo que intuí o carácter decisivo desta decisão: é verdadeiramente a vocação para a santidade para a vida adulta. Por isso, voltei para casa com o desejo de falar disto aos meus amigos e de os desafiar. O que me impressionou foi que, ao falar ao telefone com um amigo, dizíamos: «Mas nós já estamos a viver uma coisa assim», ou seja, não lhe tínhamos dado a “forma”, mas já havia uma amizade a este nível. Foi muito imediato reconhecer que se tratava de uma coisa que já nos tinha sido dada, não de um esforço organizativo ou de qualquer outra coisa, por isso não havia necessidade de nos reunirmos “intelectualmente” para definir os critérios para convidar as pessoas, mas sim para olhar para o trabalho do Mistério já em ação. Começámos com cinco e agora somos uma dúzia. Não digo isto por uma questão de números, mas para afirmar como esta amizade preferencial está a começar a irradiar e é para todos: também isto é sinal da obra de Outro. Conto uma coisa. Temos um pequeno grupo de Escola de Comunidade, e aconteceu que um dia o responsável não poderia estar presente. Nessa noite havia também a assembleia para os novos membros da Fraternidade, pelo que eu disse aos meus cinco amigos da Fraternidade: «Vamos encontrar-nos, fazemos primeiro o trabalho da Escola de Comunidade, jantamos juntos e depois acompanhamos o encontro, porque esta vida é uma novidade para nós». Depois, alguns amigos desafiaram-me, como por exemplo a minha mulher: «Mas por que é que não convidamos também os nossos amigos da Escola de Comunidade, mesmo que ainda não estejam inscri-

tos na Fraternidade, para este encontro? Porque de qualquer forma é para todos». Então a proposta alargou-se, fizemos este momento da Escola de Comunidade e dissemos também aos outros: «Nós depois ficamos a ver este encontro, quem quiser pode ficar». E alguns ficaram. Aquela assembleia respondeu também a muitas perguntas que tínhamos. Fiquei impressionado com o facto de, à hora do jantar, alguns deles terem começado a falar-me de coisas da sua vida de que precisavam de falar e que eu nunca tinha ouvido e, quando terminámos o serão, uma pessoa abraçou-me, com lágrimas nos olhos: «Obrigado». Fiquei impressionado porque pensei: «Bolas, muitas vezes eu penso que sei o que o outro precisa, mas depois acontece outra coisa e apercebo-me de que não é bem assim». Houve outro grande fruto de Assis que aconteceu comigo: é a questão do lava-pés, da «intromissão amorosa» destes amigos que está a gerar uma liberdade de se corrigir e de se deixar corrigir, que me está a levar a uma docilidade e a uma capacidade de captar aspetos da realidade que antes não via. Conto duas coisas muito breves. Sou professor do ensino básico. Há algum tempo que alguns alunos tinham manifestado o desejo de estabelecer uma amizade comigo. Eu tinha deixado essa possibilidade de lado. Depois de Assis, contei isto aos meus amigos e eles desafiaram-me: «Mas olha, está a acontecer qualquer coisa: porque não olhas para isso e não o levas a sério?». Provocado por isso, organizámos um dia de convívio simples com estes jovens (jogos, canções) e eu pedi aos meus amigos: «Dêem-me uma ajuda, não me deixem sozinho. Vocês deram-me esta coisa, vamos olhar para ela juntos». Estavam todos lá. O dia foi belíssimo. O tempo estava péssimo, mas aqueles jovens queriam mesmo lá estar. Eram cerca de vinte. Fizemos a assembleia final e uma rapariguinha disse: «Hoje senti-me muito bem com os meus colegas, como nunca me senti antes, ou seja, senti-me unida a eles, e isso foi possível olhando para a vossa amizade, para a forma como se olham e gostam uns dos outros». Isto impressiona-me porque é precisamente o sinal de uma unidade que é impossível para nós, porque somos pessoas muito diferentes, mas era evidente que a comunhão entre nós era o dom de outro e a rapariguinha apercebeu-se disso imediatamente, foi muito claro para ela. Segunda coisa. Eu queria apresentar os jovens dos Liceus a um antigo aluno meu, que estava curioso.

Organizei um encontro, mas ele disse-me uns dias antes: «Prof, tenho ginásio, não posso ir» e eu fiquei aborrecido: organizámos isto para ti e tu não vais?! A minha mulher desafiou-me: «Mas vamos ver o que é que acontece. Deixa o assunto de lado por um momento, não sejas instintivo». No dia seguinte, conto a mesma coisa a um amigo, que me diz: «Olha, eu conheci o movimento através de um padre, e ele nunca me obrigou a nada, deixou-me sempre livre para o seguir, nunca me disse: “Vem à Escola de Comunidade, faz isto...”. Eu fiquei curioso precisamente com o facto de ele me ter olhado assim e fui atrás dele». Esta correção deu-me, entretanto, uma grande paz de espírito, pelo que escrevi uma mensagem ao rapaz: «Não te preocupes, faz o que for mais útil para ti e sente-te livre nisso». Ele respondeu: «Prof, mas não quero perder a oportunidade de me relacionar consigo e com os seus amigos, por isso farei de tudo para lá estar». E depois conseguiu libertar-se e veio. Ao desafiá-lo na sua liberdade, amando a sua liberdade, ele foi capaz de fazer a verificação da experiência, de compreender o que realmente lhe correspondia.

Francesco Cassese. Obrigado por este bellissimo testemunho.

Martina. *Nos últimos meses, fui testemunha e protagonista duma criatividade como esta de que falámos agora, porque na escola onde ensino, desde fevereiro que demos início a uma experiência de Liceus que não existia antes. Eu cresci numa família do movimento, mas estive sempre um pouco em segundo plano. Mas este ano, graças à provocação do Papa na Audiência do Centenário e vendo tantas coisas a acontecer com os alunos, quis, juntamente com alguns dos meus colegas, dizer aos alunos que esta beleza que está a acontecer entre nós e eles vem da experiência cristã, e que é possível vivê-la da forma como a recebemos. É bonito, porque agora está a nascer uma comunidade, há jovens que estão a encontrar Jesus através de nós. Uma delas, há algumas semanas, disse-me: «Gosto de vir aos Liceus, porque não me faria uma única pergunta, mas quando venho aqui apercebo-me de que há muitas perguntas dentro de mim e isso faz-me olhar mais para tudo». E é isso o que acontece também comigo. A criatividade tem a sua raiz na amizade que experimento com os*

meus colegas e na minha comunidade do movimento, também com os amigos que estão aqui. É uma amizade que irradia de nós para estes jovens.

Padre Paolo Prosperi. Ou seja, eu entendi assim: tu estás a dizer-nos que a raiz da criatividade – olhando para a experiência que estás a viver – «está na amizade que vivo, na beleza da experiência que tenho com os meus amigos». Terei entendido bem? Foi isso que quiseste dizer?

***Martina.** Sim. Vivo-a há tanto tempo, esta amizade. Não sei por que razão este ano se tornou tão irradiante.*

Padre Paolo Prosperi. Por outro lado, se não estou em erro, também disseste outra coisa há pouco, que tem a ver com a “novidade” que aconteceu este ano. Disseste que foi o que começou a acontecer na relação com os jovens que acendeu uma faísca em ti...

***Martina.** Com os jovens, já estava a acontecer alguma coisa e nós dissemos: «Queremos dar um nome ao que está a acontecer. E esse nome é: Cristo. De onde vem a nossa maneira de estar com eles? Da experiência cristã que vivemos no movimento». Por isso queríamos aprofundar isto, também em relação à provocação do Papa: «Há tantos homens e mulheres que ainda não tiveram aquele encontro com o Senhor que mudou e tornou bela a vossa vida!» (15 de outubro de 2022). Passo à pergunta. Foi até relendo a lição que o Padre Paolo deu em março, sobre o desempenho, que me apercebi de que, de alguma forma, esta mentalidade entra diabolicamente também nas coisas do movimento: eu posso partir, como juízo, daquilo que vos disse e depois resvalar para o “olha como somos bons por termos criado uma comunidade!”. E isso estraga as coisas, porque é filho de uma verdade enlouquecida. Fiquei impressionado quando falaste do erro como uma verdade enlouquecida, porque é verdade que estou a dar tudo por tudo, até com esforço, tempo, dinheiro. O meu empenhamento está lá. Mas se, depois, a leitura dos factos for que já não sou subcriador, mas criador, é falso. Como é que nos podemos ajudar*

a viver uma virgindade em relação às coisas que acontecem, com a consciência de que é Deus que as cria através de nós?

Padre Paolo Prosperi. Obrigado. Esta pergunta, para mim, é muito bonita. E, de facto, como verão, na meditação desta tarde vou dedicar muito espaço ao tema que colocaste em cima da mesa, que é o da virgindade como forma de agir e como forma de relação. A virgindade como um novo olhar sobre o nosso fazer e sobre as pessoas que nos são confiadas. Voltaremos ao assunto.

Francesco. *Retomo um dos três pontos que propuseram: a memória de Cristo não pode ser gerada senão na imanência de uma comunhão vivida. Conto o facto que me marcou muito, e este ponto, na minha opinião, julga o facto. No início do verão, a minha mulher e eu descobrimos que estávamos à espera do nosso terceiro filho, e decidimos imediatamente dar a boa notícia a todos os nossos amigos da comunidade, de modo que a minha mulher até me disse: «Mas e se depois acontece alguma coisa?». E eu respondi assim, um pouco despreocupado: «Significa que vai haver muita gente a rezar». O facto de nos concebermos em comunhão desde o início, quando tudo corria bem, ajudou-nos a partilhar um pouco com os nossos amigos as dificuldades posteriores do caminho: logo na ecografia do primeiro trimestre, os médicos viram várias malformações importantes, provavelmente uma síndrome genética, mas ainda não se percebia se seria ou não compatível com a vida. A ecografia seguinte foi terrível para mim, porque a ginecologista passou três quartos de hora a fazer uma lista de todas as coisas que não estavam bem: o coração malformado, os pés tortos... até um ponto em que lhe perguntei, a ferver por dentro: «Mas sabemos alguma coisa do sexo?», para afirmar que aquele novelinho era já um filho. E a partir daqui nasceu em mim e na minha mulher a necessidade de sermos ajudados a olhar para esta criança com um olhar que não fosse o do mundo: nós éramos os primeiros que precisávamos de ser olhados com verdade. Por sugestão de vários amigos, que viram esta necessidade em nós, mais ainda do que nós, recorremos a alguns amigos médicos do “Percorso Giacomo” de Bolonha, para que a gravidez fosse seguida também do*

ponto de vista clínico. Logo na primeira leitura do relatório, vimos a diferença no modo como nos trataram: olharam para o nosso bebê não como um erro da natureza, mas com o olhar do próprio Deus, fazendo até companhia à minha mulher, dizendo-lhe, por exemplo, para ficar calma porque o bebê no seu ventre não estava a sofrer. Depois aceitámos a proposta do Padre Antonio Sangalli (o carmelita que nos casou, de quem a nossa comunidade é muito próxima) de rezar uma novena com toda a nossa comunidade e escolhemos o Enzo Piccinini para pedir a graça. A notícia espalhou-se e todas as noites nos ligávamos para rezar a novena de várias cidades, até da América. Diante desta provação, eu e a minha mulher sentimo-nos pequenos, a nossa fé não era certamente tão grande como a do centurião, mas era forte a presença de Deus nos rostos dos nossos amigos transformados por Cristo. No dia seguinte ao fim da novena, fizemos a ecografia de controlo e descobrimos que o nosso bebê estava no céu. Perante esta notícia, surgiram em mim dois grandes desejos, pelos quais me senti um pouco traído pelo bom Deus: queria conhecer o rosto desta criança e queria dar-lhe aquilo que, um pouco timidamente, a minha mulher e eu estamos a tentar dar aos nossos outros dois filhos, a vida do movimento e da Igreja. Foi precisamente na comunhão vivida até ao fundo da nossa vida conjugal que me foi revelado o nexa último de sentido relativamente a estes meus dois desejos. Uma amiga da comunidade, corrigindo-me, disse-me: «Já estás a ver o rosto do teu filho, é o rosto d'Aquele que to deu e estás a vê-lo em todos nós que rezamos por ele e por vocês». E depois o Padre Sangalli, numa ligação de juízo que quis fazer com todos os que tinham feito a novena, disse-nos: «O vosso filho é a nossa primícia no Céu e devemos rezar-lhe porque ele pode interceder por nós. Embora ainda não tivesse olhos, já está a olhar para Deus». Aí, apercebemo-nos de que já estávamos a dar a esta criança o que recebemos: um lugar, uma companhia onde se experimenta a medida exata do amor de Deus. O nosso filho foi objeto desse olhar no olhar dos nossos amigos para nós, e assim como um reflexo para ele, e ele próprio se tornou parte daquela «nuvem de testemunhas», cuja fé nesta circunstância também deu forma à nossa relação conjugal, fazendo-nos dizer de novo o nosso “sim” perante tanta graça.

Quando nos casámos, o Padre Sangalli dizia-nos: «Vocês não sabem o que vos espera». Mas compreendo que este “sim” fora de uma comunhão, com o tempo, mesmo na relação afetiva, corre o risco de se desvanecer. Como foi dito na Jornada de Início de Ano, foi decisivo para mim e para a minha mulher «aceitar que Outro se introduza entre mim e a realidade e torne possível a minha relação com esta». E este Outro torna-se imanente numa comunionalidade vivida, que quanto mais é vivida até nas questões íntimas e pessoais, mais torna possível a memória de Cristo e a experiência do cêntuplo. Vejo que esta comunionalidade toma conta de todos os aspetos da vida, torna imanente para ti a relação com Cristo, dando-te um nexo de sentido. Um último e breve exemplo: a recolha de alimentos. Decidiu-se fazer uma festa para toda a comunidade, proposta por aqueles que fazem a experiência dos Liceus juntamente com vários adultos. Envolvi-me com os jovens e aconteceu que uma rapariga disse uma coisa incrível. Mudámos a letra de Mattone su mattone (Tijolo sobre tijolo, Ndt): «Pacote sobre pacote... metade das minhas compras dou-as a ti». E ela disse: «Vamos mudar o ‘dou-as a ti’ para ‘para me fazeres feliz’. Porque eu sou mais feliz a fazer isto”. É nesta comunhão, mesmo com eles, que se revela um maior gosto em fazer as coisas.

Francesco Cassese. Surgiram muitos temas, que reaparecem nas várias intervenções: a criatividade, a memória, a comunhão. Padre Paolo, podes ajudar-nos a fazer alguns aprofundamentos? Ajuda-nos a aprofundar o nexo das coisas.

Padre Paolo Proserpi. Muito bem, vou reagir a quente. Depois, talvez, ao preparar o resumo, eu faça algumas reflexões mais orgânicas sobre o assunto.

O primeiro *insight* foi inspirado pela pergunta sobre a criatividade de colocada pelo Simone no início. O tema parece-me importante por muitas razões, entre as quais o facto de, se repararem, ser como se reunisse a provocação que o Papa nos lançou a 15 de outubro, quando nos convidou a fazer frutificar *criativamente* o carisma que recebemos, e a provocação que lançámos aqui em março, quando, ao centrarmo-nos no trabalho, sublinhávamos que a tentação de

idolstrar o nosso próprio *desempenho* depende do facto de que, com efeito, existe em nós o desejo de sermos criativos – a criatividade faz parte da nossa vocação –, como muito bem disse a Martina na sua intervenção. Nós não fomos feitos *apenas* para contemplar, para nos maravilharmos com a beleza das obras de Deus, e isso é tudo. Não, somos feitos também para colaborar com o Criador no aperfeiçoamento da realidade, somos feitos para gerar beleza (em março dizíamos, citando Tolkien: somos feitos para sermos subcriadores.²

Bem, tentando aprofundar um pouco esta questão, gostaria de tomar como ponto de partida uma pergunta que pode parecer banal, mas que, pelo contrário, me parece decisiva (uma pergunta que nos remete, para dizer a verdade, para o que já foi dito na lição sobre o trabalho): qual é a diferença entre a minha criatividade, entre a nossa criatividade e a criatividade de Deus? A palavra *criatividade*, com efeito, é ambígua (não é por acaso que só com o romantismo se tornou tão importante no imaginário coletivo do homem ocidental). É ambígua porque é fácil interpretar esta aspiração, este desejo de criatividade que grita dentro de nós – podia-se dizer: tal como há em nós uma necessidade indelével de beleza e de verdade, também há em nós uma necessidade indelével de criatividade: é a objetividade do coração! –, obliterando, por assim dizer, um fator inexorável da realidade (enquanto a razão é a abertura à realidade na *totalidade* dos seus fatores, como sabemos). Que fator? Já o dissemos em março: o facto de eu não poder criar a partir do nada. Tudo aquilo que faço, faço-o a partir dum receber – sou, antes de mais, um “recipiente”, um recetáculo. Só abrindo-me a receber é que posso também tornar-me generativo, criativo. E é isso que faz a diferença entre mim e Deus. Só Deus – diz a teologia – cria “a partir do nada”. É isto que me distingue de Deus, que distingue a criatura do Criador. Aliás, na verdade, há um sentido em que o que é verdade para nós é também verdade para Deus. Porque se considerarmos que Deus é uno, mas também é Trino, isto é, é comunhão de Pessoas, então apercebemo-nos de que

² Cfr. «3. Na raiz do mal-estar: o *self-made man* e o esquecimento do Deus *tudo em tudo*», in «Constituíste-o acima das obras de tuas mãos», Assis, 23-26 março de 2023, pp. 10-16, clonline.org.

nem mesmo Deus cria solitariamente. Mesmo a criação de Deus, que é Único que cria “do nada”, é na realidade o transbordamento ou a *irradiação*, para usar o termo usado pela Martina, de uma “Amizade”, de uma reciprocidade amorosa, daquele jogo de “dar e receber” que é constitutivo do amor entre as pessoas. De facto, poderíamos dizer que Deus é o primeiro paradigma desta “estrutura”, desta “mecânica” da criatividade, ou melhor – para usar um termo ainda mais bonito – da *generatividade*.

Então, que implicações tem tudo isto, que talvez para alguns pareça apenas teologia “abstrata” (quando não o é de todo), de um ponto de vista existencial? Que implicações tem para a nossa experiência, para as nossas vidas? Há uma lindíssima passagem de uma *Tischrede* – intitula-se «Ser criança» e podemos encontrá-la em encontrada em *L'autocoscienza del cosmo*³ – em que Giussani responde, de certa forma, a esta pergunta. E fá-lo de uma forma paradoxal, ou seja, de uma forma que, numa primeira leitura, parece desmentir a ideia de que é correto desejar ser criativo, quando, na verdade, não é o desmente de todo. É antes uma indicação do verdadeiro caminho para a criatividade, para a fecundidade. Diz ele: «Não devemos preocupar-nos em exprimir-nos, devemos preocupar-nos em aprofundar o espanto, porque o aprofundamento do espanto conduz a uma expressão adequada de nós próprios; ao passo que se nos esforçarmos por encontrar a expressão de nós próprios, encontraremos cada vez mais expressão de nós próprios. (...) Não nos é pedido que procuremos a nossa expressividade, é-nos pedido que aprofundemos o espanto de onde brota a expressividade. A expressividade, ou seja, a fecundidade, nasce de um amor; e o amor é o espanto por um Presente que é acolhido e abraçado, reconhecido e aceite».⁴

Que bonito: «Não tens de te preocupar em ser criativo, expressivo. Tens de te preocupar em aprofundar o espanto». Porquê? Porque a criatividade é, na verdade, proporcional, por assim dizer, ao espanto amoroso que experimentamos, ou seja, à ação sobre nós

³ L. GIUSSANI, *L'autocoscienza del cosmo*, BUR Rizzoli, Milão 2000, pp. 199-212.

⁴ *Ibidem*, pp. 204-205.

da Beleza de que bebemos, e não ao produto do nosso próprio esforço. Qual é a diferença entre um *fruto* e um *produto*?⁵ O produto é a aplicação de uma técnica para atingir um determinado objetivo (és tu que dominas, geras, manipulas as coisas para as fazeres ir para onde queres). O fruto, pelo contrário, é o efeito espontâneo e, de certa forma, imprevisível, *a priori* inimaginável, da tua abertura a um dom, da impressão deixada em nós pela Beleza que contemplamos e que nos “arrebata”. Pensemos na dinâmica da maternidade humana: uma mulher gera um filho (é esta, pelo menos, a dinâmica natural, aquela que, creio, mais corresponde ao coração de todas as mães aqui presentes), no impulso do amor para com o homem que ama. Quando a dinâmica não é esta, apercebemo-nos (talvez sem sabermos dizer porquê) que há algo de dissonante, que destoa. Por que é que há algo de dissonante na inseminação artificial? Só porque se violam as “leis da natureza”? Não, ou melhor, sim, mas no sentido de que nesta lei da natureza está inscrito algo muito maior e mais profundo do que um dado biológico: o facto é que, quer queiramos quer não (ou seja, independentemente das nossas intenções), com a inseminação artificial transformamos aquilo que deveria ser o *fruto misterioso* de uma reciprocidade de amor, no produto de uma técnica, ou seja, no produto do meu e do teu *ato de vontade*, que a tecnologia nos dá os meios para satisfazer. Mas isto significa precisamente eliminar aquele “ser-fruto do amor” que, pelo contrário, deveria pertencer à memória genética de cada ser humano. Significa atentar contra a verdadeira natureza da fecundidade, tal como Giussani a descreve no excerto citado acima. Significa ceder à mentalidade do *self-made man*, de que se falava em março, *quer se queira quer não*. Faço-me entender? A verdadeira generatividade, pelo contrário (esta é o primeiro ponto

⁵ Não é por acaso que São Paulo prefere falar do *fruto* do Espírito Santo, quando fala da ação da graça em nós, enquanto fala das *obras* da carne, quando se refere ao pecado, ou seja, precisamente a ação de um eu sozinho: «Mas as obras da carne estão à vista. São estas: fornicação, impureza, devassidão, idolatria, feitiçaria, inimizades, contenda, ciúme, fúrias, ambições, discórdias, partidarismos, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas. Por seu lado, é este o fruto do Espírito: amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade» (Gal 5,19-22).

sobre o qual quero insistir), é fruto do facto de eu me deixar continuamente re-atrair por um “presente”, diz Giussani, que me fecunda continuamente. Que “presente”, que Presença? A Presença de Cristo. Tu geras na medida em que bebes continuamente da Fonte do espanto, ou seja, de Cristo presente.

Começamos assim a perceber o nexu que existe entre a *generatividade* e a *memória*, e entre a *generatividade* e a *comunhão*. De facto, o nexu entre *generatividade* (ou expressividade, é a mesma coisa) e *memória* coincide com o nexu entre expressividade e espanto amoroso, porque a função da memória na nossa vida é precisamente alimentar e aprofundar o espanto. Mas a memória, diz Giussani no segundo ponto do prólogo, encontra por sua vez o seu alimento decisivo na comunhão, numa amizade vivida, como bem dizia a Martina.

Torna-se assim um pouco mais clara, pelo menos assim me parece, a relação entre as três palavras que o Camu me pediu que aprofundasse. A chave central da questão, a meu ver, encontra-se naquela frase de Giussani que citei, ou seja, na ligação entre espanto e expressividade, entre recetividade e fecundidade.

Eu torno-me gerativo – podemos resumir – na medida em que me deixo arrastar para o vórtice de *uma amizade que me agrada*. Só depois é que me torno verdadeiramente gerativo – primeiro ainda através do meu espanto, diria eu, do que mesmo através daquilo que faço: o que é que me conquistou primeiro no meu encontro com *don* Giussani? Voltarei a este assunto na lição, mas quero antecipá-lo: os seus olhos de espanto. A primeira forma como *don* Giussani me “gerou” foi através do testemunho do seu espanto, dos seus olhos abertos a Outro, cheios de Outro.

Ora, para evitar qualquer interpretação sentimental ou demasiado “mística” do que acabo de dizer, parece-me importante sublinhar que esta lei, antes da vida de fé, já se aplica a nível humano, aplica-se um pouco em todos os domínios em que a nossa razão, os nossos afetos e a nossa imaginação são postos em jogo. O relato do Simão é precisamente um bom testemunho disso.

É evidente que a mulher de Simone pode ter tido a ideia de fazer um trabalho sobre Grossman com os prisioneiros, não porque se te-

nha sentado e dito: “Vamos lá ver, vou ver todos os livros do mês da história de CL e encontro aquele que posso usar para impressionar estes tipos”. A dinâmica, corrige-me Simone se estiver enganado, foi provavelmente diferente: a tua mulher pensou em Grossman, simplesmente porque ela, em *primeiro lugar*, ao ler Grossman, tinha ficado impressionada, fascinada, edificada. Ela pensou em Grossman porque a leitura de Grossman a tinha *alimentado a ela*. Estão a perceber? Nós, pelo contrário, muitas vezes (e digo isto quer enquanto professor, quer enquanto padre) corremos o risco de perturbar a ordem dos fatores, por assim dizer. Por exemplo: como tenho de pregar, isto é, tenho de preparar esta e aquela homilia, este e aquele retiro, então leio o Evangelho e as Escrituras, medito sobre os textos que medito, apenas com a vontade de encontrar coisas para dizer aos outros, pistas que me permitam fazer um bom sermão, uma boa lição. Pelo amor de Deus, a dinâmica é inevitável (e é um dever de caridade preparar-se bem). Mas se um padre lê o Evangelho *só* para isso, ou um professor de italiano lê Manzoni e Leopardi *só* para isso, então matam-se dois pardais com um só tiro: primeiro, perde-se o sabor, o alimento que *só* a leitura calma, pelo gosto *puro e gratuito* da aprendizagem, pode dar; segundo, prega-se mal, porque afinal o que se diz *só* pode tocar o coração dos outros se nascer do nosso espanto pessoal, do nosso amor pessoal e “desapaixonado” por aquilo de que estamos a falar. Mas como é que se pode estar cheio de admiração, se o que se comenta é uma página que se lê à pressa, na ânsia de encontrar algo para dizer?

Daí a importância daquilo a que nós, padres, chamamos *preparação remota*. O que é que significa *preparação remota*? Significa que, no próprio silêncio, se deve procurar salvaguardar sempre, se for possível (porque às vezes é impossível!), um espaço dedicado à leitura de coisas que não se leem por motivos pastorais (ou seja, porque se está a preparar este ou aquele discurso), mas pelo puro prazer de aprender algo novo, isto é, precisamente com o objetivo de «aprofundar o espanto». Quanto mais se faz isto, mais, com o tempo, nos apercebemos de que precisamente esse tempo *gratuitamente* dado ao aprofundamento do espanto, precisamente esse tempo que parecia “desperdiçado” – divina ironia! – acaba por ser o mais produtivo,

porque toda a riqueza do que aprendeste em horas e horas de “estudo gratuito” (*studium* em latim significa paixão), a certa altura volta a sair e fertiliza todos os teus sermões, todos os discursos que tens de fazer, das formas mais surpreendentes e até... divertidas!

Em resumo, o primeiro ponto que queria sublinhar é o seguinte: tornamo-nos fecundos não nos preocupando em sermos fecundos; tornamo-nos fecundos aprofundando o espanto. Como isto é verdade também em relação às responsabilidades que talvez alguns de nós tenhamos no movimento! Penso que é uma experiência conhecida por muitos. Começa-se talvez dominado pela gratidão pelo encontro que se fez, cheio de entusiasmo como uma criança. Mas depois, com o passar do tempo, é como se a responsabilidade que se tem (falo no movimento, mas o mesmo é válido com os filhos) e, portanto, a preocupação de “poder comunicar”, engolisse, devorasse aquela primazia do espanto, aquela primazia do acolhimento, que é, pelo contrário, o segredo da verdadeira fecundidade, ou seja, de uma comunicação que não é a repetição de um discurso aprendido de cor, mas é o transbordar de uma água “viva” que jorra sempre nova dentro de ti, porque tu a voltas sempre a tirar do Poço.

Passemos agora ao segundo *insight*, que por sua vez me foi inspirado pela intervenção da Martina (na verdade, já tinha antecipado antes, quando a interrompi, aquilo que queria dizer). É verdade, como dizia a Martina, que a fecundidade é a irradiação de uma amizade que enche a nossa vida. Há, no entanto, ou assim me parece, uma outra face da moeda. De onde nasce a capacidade de originalidade na proposta que se faz? A resposta que demos até agora é: do facto de se continuar a recorrer à Origem. No entanto, não é só por isso. Se uma pessoa tem de ir à China, não lhe basta aprofundar o seu espanto. Tem também de aprender chinês, ou não? Coloca-se então a pergunta: onde está a capacidade de “traduzir” o dom do carisma numa *linguagem* adequada ao contexto em que nos encontramos, que pode ser um contexto muito diferente daquele em que *don* Giussani trabalhou, em que o Enzo Piccinini trabalhou, etc.? A resposta parece-me clara: da escuta do contexto ambiental, da escuta humilde e corajosa das vozes que enchem o ambiente em que somos chamados a viver e a testemunhar a fé.

Pensemos nos desafios culturais sem precedentes que enfrentamos hoje: não são os mesmos dos anos 50 e 60, quando *don* Giussani ensinava no Berchet de Milão. *Don* Giussani, por exemplo, nunca tratou do tema, especificamente, da afetividade (embora falasse dela, e dissesse coisas muito profundas sobre ela); não falou especificamente da relação entre rapaz e rapariga (ainda que hoje já não possamos tomar o *o* e o *a* como garantidos). Daí a sentença, que já ouvi muitas vezes (e que num contexto como o de há cinquenta ou quarenta ou mesmo trinta anos fazia todo o sentido, note-se): é uma perda de tempo falar destas coisas, é moralismo, é falar de coisas secundária, de consequências morais. Giussani, pelo contrário, educou-nos a concentrarmo-nos no essencial, ou seja, por um lado o sentido religioso e, por outro, o anúncio do Acontecimento de Cristo. O resto é corolário. Longe de mim contestar isto. A primazia do essencial pertence ao ADN do nosso carisma.

Por outro lado, basta abrir um pouco os olhos para perceber que o tema afetivo tem hoje um alcance diferente do que tinha há 50 anos, porque o que está a hoje em discussão é a ontologia da pessoa humana – *o ser da pessoa*, não a “moral”, não as “regras”. O que é que significa *ser homem* e *ser mulher*? Há que admitir que não é só para os “outros”, de fora, mas também para os nossos próprios jovens, que a resposta já não é tão pacífica. Pensemos em toda a polémica que se gerou nos últimos dias após a morte da pobre Giulia Cecchetti. Num contexto em que o poder procura, de forma tão martelante, inculcar na cabeça dos jovens uma interpretação ideológica precisa da diferença (ou melhor, da *não diferença!*) entre homem e mulher, não se pode fingir que nada se passa, não se pode pensar em educar como se esta questão não existisse. Será que tentar entrar nesta questão significa trair o carisma? Penso que não. Pelo contrário, significa aceitar o desafio que o presente nos lança. O carisma, como insistiu o Papa, não é uma coisa separada do espaço e do tempo – uma doutrina imutável e supratemporal, um discurso idêntico a si mesmo em tudo e para tudo. Exige um trabalho de releitura contínua, de apropriação criativa. Por exemplo: como é que a experiência de fé que vivemos nos ajuda a fazer um juízo original sobre o género, ou sobre a utilização correta das novas tecnologias? Não basta repetir sempre e apenas aquilo que

Giussani já disse. É preciso ter o gosto, a paciência e a coragem de nos perguntarmos que luz é que o carisma que recebemos lança sobre as novas questões que o presente nos coloca.

Ora, em que consiste, concretamente, este trabalho de apropriação criativa?

Para resumir, sublinharia dois aspetos: primeiro, ajudarmo-nos mutuamente – porque este é um trabalho que somos chamados a fazer em conjunto – a tornar cada vez mais claro o essencial, ou seja, o núcleo *inalienável* do carisma, por assim dizer. Se eu não souber o que é *essencial*, não serei sequer livre de o “traduzir” para uma nova forma, abandonando formas que não são essenciais. Quando tive de me mudar da Rússia para a América, tive de escolher que livros levar comigo e que livros deixar para trás, porque não podia levá-los todos. Teria sido uma despesa insuportável. No entanto, esta circunstância em parte triste (os meus livros e os meus CDs!) obrigou-me a esclarecer a mim próprio quais eram os meus livros mais importantes e quais eram aqueles a que podia renunciar. O mesmo se passa, parece-me, em relação ao carisma. A alteração das circunstâncias, colocando-nos em crise, é sempre uma oportunidade de crescimento, porque nos obriga a tomar consciência mais claramente (*crise* em grego significa juízo!) do que é verdadeiramente essencial, ao mesmo tempo que nos dá a liberdade de “morrer” para “renascer” na nova situação.

Segundo aspeto (a que aliás já me referi): este renascimento depende também da escuta das novas circunstâncias, ou seja, da humildade e da paixão com que, por exemplo, me deixo ferir e interpelar pelas perguntas dos jovens que encontro na escola (se for professor). Não basta (embora seja a *primeira* coisa!) que eu esteja à escuta daquilo que me gera, para que eu seja criativo. A esta primeira “recetividade”, deve associar-se uma segunda: escutar o ambiente que me rodeia no *presente*. Imaginemos que a mulher do Simone, diante da incapacidade dos seus reclusos de compreenderem o que quer que fosse sobre Grossman, se empenhava em explicar-lhes Grossman como tinha pensado fazer no início. Todos jogam aos dardos e ela continua, continua sem se perturbar, sem mudar nada na sua forma de explicar. O problema da nossa amiga,

neste caso, não residiria na sua falta de paixão por Grossman, mas sim na sua falta de atenção para com os prisioneiros!

***Elena.** Tenho uma pergunta, que resumo da seguinte forma: qual é a relação entre o sucesso virtuoso no trabalho e a vocação? Por “sucesso virtuoso” entendo a resolução de problemas, o contributo para a construção do local de trabalho onde nos encontramos e não para a sua destruição. O ano passado, do ponto de vista profissional, foi muito difícil para mim. Faço um trabalho de que gosto e não o mudaria por nada deste mundo. Ensino literatura no ensino secundário. Mas passei por um ano muito difícil, de tal forma que a certa altura disse a mim própria: «Mas eu quero resolver problemas, não quero criá-los». E em relação ao sítio onde trabalho, que é uma obra, quero construí-la. A certa altura, aconteceu uma coisa que virou tudo de pernas para o ar: um amigo muito querido dos Memores Domini, que trabalhava comigo desde o início, diz-me: «Conheci a Rose Busingye, que estava aqui em Itália, tive uma conversa com ela e ela fez-me esta pergunta: “Mas tu, com tudo o que és, queres aprofundar a tua vocação?”». Quando ele me contou isto, eu disse: «E então?». E ele: «Disse-lhe que sim, vou trabalhar no Uganda, no liceu Luigi Giussani». Esta coisa, juntamente com todos os meses que se seguiram, até à sua partida, e ainda hoje, quando falamos e trocamos impressões, foi a coisa que mais me fez sair da posição em que me encontrava, porque é como se tivesse mudado o meu foco. Também eu me coloquei esta questão: mas será que eu, com tudo o que sou, quero, através do meu trabalho, aprofundar a minha vocação, isto é, a minha relação pessoal com Cristo? Isso revirou literalmente a minha posição, porque....*

Padre Paolo Prospero. Isso é interessante. Porquê?

***Elena.** Porque comecei a querer resolver os problemas. Não é que, não conseguindo resolver os problemas, me tenha ido embora, para outro local de trabalho, mas fiquei lá, cheia de convicção, e comecei a olhar para os problemas de outro ponto de vista. Mas, com o tempo, apercebi-me de que o ponto de vista que tinha inicialmente era:*

como é que se resolve isto? Qual é o verdadeiro problema? O que é que está certo? Como é que podemos melhorar isto e aquilo? Agora, depois deste facto, o ponto de partida é outra questão: através do que faço, estou interessado em aprofundar a minha relação pessoal com Cristo, ou seja, a minha vocação?

Padre Paolo Prosperi. E por que é que contrapões? Por que é que tentar resolver problemas não haveria de ser um aprofundamento da tua vocação? Ajuda-me a perceber melhor o valor acrescentado ou mesmo crítico da segunda coisa em relação à primeira.

Elena. *Eu intuo que não estão em contraposição. Descobri que, na minha experiência, não estou em contraposição, de tal modo que estou em paz e feliz onde estou. Intuo que isso também tem a ver com a minha vocação, ou seja, com o ponto exato da vida em que me encontro. Mas é como se, a certa altura, do ano passado até hoje, por causa do que me aconteceu, é como se me apercebesse de que, por vezes, desloco o centro de gravidade para aquilo que, através das minhas ações virtuosas, consigo alcançar, para o resultado... ou seja, para uma imagem que tenho de construção, ainda que positiva, de bem.*

Padre Paolo Prosperi. Então, estás a dizer, a perguntar: que relação existe entre esta busca da perfeição da ação, do fazer o bem (e, portanto, de nos ocuparmos, de gastarmos o tempo e toda esta dinâmica) e a pergunta da Rose, de que o objetivo da ação é aprofundar a minha relação com Cristo? O que é que estas duas coisas têm a ver uma com a outra? Como é que se relacionam? Como é que a segunda traz algo de novo à primeira? É assim? Será que percebi bem?

Elena. *Muito bem. Porque eu não quero viver o trabalho como toda a gente, não me interessa.*

Padre Paolo Prosperi. Gostaria de manter esta questão em aberto, porque espero que da lição possam surgir pistas de resposta para ela. Caso contrário, voltaremos ao assunto.

Davide. Parto da questão central da criatividade, também em relação ao que disse o padre Paulo – «que contributo dá Cristo?» – contando um pouco da minha experiência profissional. Sou licenciado em engenharia civil e em arquitetura. Trabalhei desde o início na empresa fundada pelo meu pai. Desde pequeno que sempre senti em mim uma vocação humanista, mas devido a várias vicissitudes tirei engenharia. A vida foi como um comboio, e eu subi: tive sempre, quase automaticamente, a ideia de prosseguir a atividade do meu pai. Mas esta minha paixão pela poesia, pela literatura, pela arte nunca se extinguiu, continuava ali. Por isso, vivi sempre esta forte contradição interna e costumava dizer a mim próprio um pouco isto: «Bem, no fundo tu és engenheiro para viver e depois cultivas aquilo que és, a tua paixão, de outra forma, nos tempos livres». Mas permaneceu sempre em mim um subtil mal-estar, que foi ficando cada vez mais forte, porque, ainda assim, estamos no escritório oito horas por dia e estamos integralmente envolvidos em algo que, no fim de contas, não nos corresponde. Por isso, muitas vezes dizia a mim próprio: «Se o Senhor me dá isto, tenho de ficar aqui», o que teoricamente era verdade, mas hoje percebo que era sobretudo uma forma de não olhar em profundidade para este mal-estar. O que sempre me encantou no movimento e me encanta ainda hoje é a maneira como Giussani – através das pessoas que conheci – olhou sempre para o meu humano. Não como um obstáculo, mas como um valor, como um caminho (ou seja: o teu modo de ser é um contributo, não um acidente). E, ao mesmo tempo, a forma como olhava para a realidade (ou seja, Deus chama-te não de maneira abstrata, mas no seio das circunstâncias, mesmo daquelas que não escolherias de forma imediata). O que é que aconteceu? Outro aspeto que sempre detetei em mim, paralelamente a esta “vocação” humanista, era uma curiosidade, um fascínio no lidar com os jovens. Então disse: «Vamos começar a verificar isto. Será que isto é apenas um sonho? Será que é apenas um erro do sistema?». Pelo percurso de estudos que fiz, podia ensinar História da Arte, por isso fiz o concurso e este ano estou a dar aulas [aplausos]. Descobri que a criatividade que Cristo gera em mim é a forma como fui capaz de olhar para o meu humano, com a ternura de alguém que te diz: «Não estás errado». E, por outro lado, a possibilidade de não fugir da

realidade, mas de estar presente mesmo quando ela não corresponde; e assim não fugi do trabalho, mas fiz tentativas de olhar para as respostas que o Senhor me dava. Como é que esta criatividade se gerou em mim? Como um fruto inesperado. Eu só fiz uma coisa, fiquei ligado, com todas as minhas limitações, a um lugar onde me é dado continuamente este olhar sobre o meu humano: «Não, aos 38 anos não estás louco, podes mudar de trabalho, talvez o Senhor te chame para alguma coisa, porque o teu humano, a tua forma de ser, é um contributo».

Francesco É um tema interessante, sobretudo porque é importante não ignorar esta «contradição», esta possível tensão entre dois polos: por um lado, a realidade que nos pede para ir numa determinada direção e, por outro, as exigências que persistem no tempo e continuam a pressionar. Esta tensão abre-nos a uma relação. É por isso que, sem obliterar qualquer fator emergente, a nossa iniciativa pode tornar-se uma espécie de “namoro”, ou seja, testamos uma nova hipótese, examinamo-la, em obediência às condições que vão surgindo à medida que avançamos. A isto chama-se *realismo*. Mas este realismo não é uma fotografia impressa, é uma relação emocional. Vem-me à memória o episódio que Pier Paolo Bellini nos contou aqui em Assis: «Finalmente, acabei de me licenciar em Composição. Mas em maio, o meu amigo Enzo Piccinini morre num acidente de automóvel. Tudo tinha começado com ele. Para ele, decidi escrever uma peça para coro sobre o texto do salmo que ele amava. Dou-a a ouvir a Gius: “Sim. É muito bonita! Muito.” “Ouve, *don* Gius, tenho de te fazer uma pergunta. Batalhei durante dez anos para me tornar, digamos assim, um Mozart... Tornei-me capaz de escrever música e gosto disso. Mas o mundo não está à procura de compositores, e a minha família está a crescer... o que é que achas?” Ele olha para mim com aqueles olhos vivos e experientes: “Widmer (era assim que me chamava), quero tentar ajudar-te, antes de mais, a perceber. Na vida, há dois tipos de acontecimentos: as ocasiões e as necessidades. O mundo pensa que nos realizamos aproveitando as primeiras. Nós, pelo contrário, pensamos que é sobretudo através das segundas que uma pessoa se pode realizar. Por

isso, ponho-te as coisas por ordem para que seja mais fácil tomares as tuas decisões. Primeiro: a tua família e as suas necessidades. Segundo: as tuas responsabilidades para com a Igreja e o mundo. Terceiro: o que resta”. Que ordem! Até a possibilidade e o desejo de experimentar o que eu queria estavam lá. Mas a frase com que se despediu tornou-se para mim o auge da arte e da libertação: “São as duas primeiras coisas que devem tornar-se música!”».

Padre Paolo Prosperi. Et de hoc satis.

***Matilde.** Nasci numa família do Movimento. Os meus pais eram amigos de Giussani e eu, enquanto estava em casa, respirava toda a plenitude do que é o Movimento. Tive uma vida bonita: seis irmãos, uma casa cheia, a possibilidade de estudar. Casei-me antes de terminar o curso e tive a dádiva de três filhos. Recebi tudo da vida. Tudo quer dizer tudo, e eu fui sempre feliz. Depois, de repente, tudo me foi tirado: aos quatro anos, a minha segunda filha adoeceu com uma doença incurável. De um dia para o outro, tudo o que o bom Deus me tinha dado foi-me tirado. E eu e o meu marido tivemos de recomeçar a viver, a reaprender a viver, do início, a aceitar todos os compromissos que esta nova situação exigia e exige. Senti que me faltava tudo. Sinto que me falta tudo. Agora estamos a aproximar-nos do terceiro ano de doença, que tem sido uma subtração contínua no corpo da minha filha.... Mas queria dizer uma coisa: pensava que tinha as ferramentas para saber viver, pensava que podia aguentar tudo (com as ferramentas do movimento, de ser cristã, de ser amada, de amar), mas quando me senti a morrer, Deus tomou a iniciativa comigo. Nem sempre estive disposta a dizer “sim”, é-me difícil dizer «tanta dor e tanta graça», mas se respondermos à Sua iniciativa, cada dia que Ele tira alguma coisa à minha filha, e que também me tira a mim, somos iluminados por uma paz que nos permite, pelo menos, estar diante d’Ele.*

Padre Paolo Prosperi. Bem. Por um lado, eu só me apetecia ficar calado depois de ter ouvido esta tua intervenção. Por outro lado, é a única intervenção sobre a qual desejo vivamente dizer alguma coisa. As duas coisas são verdadeiras, digo-te com sinceridade.

Por isso, vou dizer o seguinte. Conhecendo um pouco a tua história, ainda que indiretamente, quero começar por te dizer que fiquei muito impressionado com a forma como falaste diante de nós do teu sofrimento. Impressionou-me porque corresponde plenamente à experiência paradoxal da dor e do sofrimento, tal como (certamente em menor escala) também me foi dado experimentá-la. Como um caminho para a Verdade, que, no entanto, passa por uma espoliação vivida em pleno, sem descontos.

Entrando na questão: a primeira coisa que me impressionou naquilo que disseste foi aquela expressão sobre a qual te detiveste (penso que não por acaso) de uma forma quase insistente: «Tudo me foi dado e tudo me foi tirado». Gostaria também de te dizer porque é que me impressionou. Impressionou-me porque – falo sobretudo para quem nunca viveu nada parecido com aquilo que tu viveste e estás a viver – a primeira objeção às tuas palavras que pode surgir na mente daqueles que te ouviram é: «Mas como? Não te foi tirado tudo. Tens outros filhos, tens tantas outras consolações». Entende-me bem: eu estou de acordo contigo (partindo do princípio de que temos o direito de “estar de acordo” com quem fala daquilo de que tu falas). Mas parece-me importante ter em consideração esta objeção, precisamente para fazer sobressair a misteriosa grandeza, a misteriosa profundidade da experiência de que falaste, que eu tentaria descrever assim: perante um Deus, ou pelo menos perante uma realidade (cuja origem última é Deus) que te tira alguma coisa, aliás alguém que amas profundamente – algo verdadeiramente sagrado como uma filha –, não é apenas esse bem particular que te é tirado, que parece que te é tirado. É como se verdadeiramente tudo te fosse tirado. Porquê? Por que é que tudo te é tirado? Porque o facto de a tua filha te ser tirada – mais: o facto de que a tua filha inocente tenha de sofrer, parece uma injustiça intolerável. Parece uma coisa sem sentido. Mas se não consigo encontrar o sentido *desta* coisa, então é-me tirado o sentido da *justiça* de tudo, ou seja, é-me tirada a percepção de que Deus é um bom Pai, a percepção de que Deus me ama e de que toda a vida, toda a realidade tem, em última instância, um sentido belo e bom. Dizia-o bem Dostoiévski, n’ *Os Irmãos Karamazov*: uma única lágrima de uma única criança

inocente é suficiente para pôr em dúvida o sentido do universo. A dor de uma única criança é suficiente para abalar a certeza de que o mundo faz sentido, de que a vida faz sentido. E é por isso que tudo o que estamos a ler nos jornais, por estes dias, sobre o caso da Giulia é tão redutor, sem querer negar, por amor de Deus, a gravidade do fenómeno dos feminicídios e outras coisas. Mesmo que fosse verdade que a morte trágica de Giulia é imputável ao flagelo do patriarcado e do machismo típicos do nosso país atrasado (o que não acredito), o que é que isso muda? Basta dizer isto para dar sentido à morte de Giulia? Mesmo que a morte de Giulia desencadeasse um movimento que levasse ao fim do feminicídio em Itália, o que em si mesmo é muito desejável, seria isso suficiente para justificar o que ela sofreu? Evidentemente que não. Portanto, é justo, é humano, é natural e até – se me permitem a expressão – giussaniano este movimento de revolta que tu, Matilde, descreveste – este movimento de revolta que te levou *quase ao limiar* da blasfémia. Não se trata de irreligiosidade, paradoxalmente (os Salmos estão repletos de gritos aparentemente irreverentes a Deus). É, antes, o sinal de uma razão que olha de frente todos os fatores da realidade, sem negar nenhum deles. Ou seja, de uma razão que, partindo da certeza de que Deus é bom, porque “me deu tudo” (portanto uma certeza razoável, porque fundada numa experiência), esbarra com um facto da realidade que parece pôr em causa este juízo, provocando como que um curto-circuito: as peças do puzzle não encaixam, há uma peça que não encaixa. Não encaixa, não há nada a fazer! Daí a revolta. Por outro lado, podemos e, na minha opinião, devemos também olhar para ela do lado oposto, para compreender o seu grande mistério. Ou seja: atenção, a revolta não surge *simplesmente* do facto de me acontecer uma coisa terrível. Se não esperássemos nada de bom, se não se presumíssemos que tínhamos o direito de esperar o bem d’Aquele que está na origem da realidade, não se revoltaríamos quando nos caíssem em cima os males, porque não veríamos neles nenhuma injustiça. Por isso tu, Matilde, revoltas-te perante a doença da tua filha, porque esse facto choca com todo o bem e o belo que viste na tua vida e que te levou a acreditar que Deus é bom. Ora, qual é a posição verdadeiramente humana, isto é, a posição

que salva inteiramente a estatura do humano, numa tal situação? Foi o que tu testemunhaste. A posição mais humana, isto é, mais razoável, é a de quem, mesmo perante uma situação tão estridente, não desiste de olhar de frente toda a realidade, sem negar nenhum dos seus factores. É a posição de quem não faz como a avestruz, isto é, de quem não fecha os olhos a um lado ou a outro da realidade, mas a olha de frente na sua totalidade, que foi o que tu fizeste: “Eu não nego todo o bem que vi e vivi”, disseste-nos, “mas não consigo abafar, defender-me da dor que este facto misterioso e terrível me causa, da revolta que me sobe cá dentro. Estou perante estes dois ‘pedaços de realidade’ – tudo me foi dado e tudo me foi tirado – que não sei como compor em unidade. Não sei como gerir este contraste, não sei como chegar a uma síntese, sozinha não chego lá”.

Ora, qual é a ação para a qual flui – deve fluir! – um uso tão leal e corajoso da razão como o que tu testemunhaste? Chama-se *grito*. Chama-se grito, súplica ou grito. E, de facto, o grito lançado para o Céu, para o Mistério divino que se encontra no fundo das coisas, é a figura máxima daquilo que é, na minha opinião, a expressão mais elevada e mais pungente da poesia do mundo pré-cristão, nomeadamente a tragédia grega. Onde reside a grandeza da tragédia grega? Está precisamente em documentar a trajetória, o caminho da razão que descrevemos e que a Matilde nos testemunhou: por um lado, o homem grego vê um mundo cheio de luz, de ordem, de beleza, de racionalidade – o que o faz dizer, com o coração cheio de admiração: sim, há a marca de um Bem na realidade. Por outro lado, vê também a realidade da morte e da dor – sobretudo a realidade incompreensível da dor inocente. Os inocentes sucumbem. Porquê? Mitya Karamazov também fará seu o mesmo grito, no famoso sonho da aldeia em chamas: por que é que aquela criança está a chorar? Porquê?! Não sei! Mas não posso negar o bem porque também existe o mal. E então grito. Grito! A resposta a este grito – que é, aliás, o mesmo grito de Jesus na cruz: porquê? Porque me abandonaste? – só pode vir do Alto, de Outro. Não a posso fabricar eu. Eu só posso pedir, gritando. E então percebe-se em que sentido uma dor tão grande se pode tornar verdadeiramente um caminho para a Verdade.

Caminho não no sentido – como muito bem dizia a Matilde – em que uma pessoa se apressa, como que para amortecer e conter a dor, a chamar “graça” à dor. Como é fácil ceder à tentação de chamar “graça” a essa dor demasiado depressa, só porque, no fundo, se tem medo de olhar de frente para o rosto do «horrendo e imenso abismo» – para citar o nosso amigo Leopardi – diante do qual certas provações têm o poder (e talvez o objetivo?) de nos colocar. Por outro lado, se o Senhor permite que nos aconteça uma coisa tão terrível, talvez seja precisamente para que eu me encontre tão desprovido de respostas, tão perdido, que não possa fazer outra coisa senão gritar por Ele noite e dia. É tão fácil usar o nome de Jesus para resistir subtilmente ao modo como Jesus nos atrai a Si (paradoxo irónico), ou seja, para nos defendermos dessa dor, dessa ferida que pode, pelo contrário, tornar-se o motor mais potente de uma relação com Ele finalmente verdadeira, finalmente ardente, uma relação que penetra a carne e o sangue no decorrer dos minutos, das horas, dos dias. «É preciso sofrer – dizia o grande Mounier – para que a verdade não se cristalice em doutrina, mas nasça da carne».

É acima de tudo neste sentido, parece-me, que temos o direito de chamar *graça* a experiências tremendas como a da Matilde. Depois, a dada altura, quando Deus quiser, acontece que nos apercebemos de que Deus não é de todo surdo aos nossos gritos. Apercebemo-nos – lentamente ou numa bela manhã, de repente – que o nosso olhar sobre a dor da nossa filha está a mudar. Apercebemo-nos de que somos capazes, nem sequer sabemos como, de ver a dor dela como uma associação misteriosa com o sacrifício de Jesus na cruz (são os olhos da fé de que falava a Jone na Jornada de Início de Ano). Mas este ver só é uma *experiência verdadeira* (e não uma forma de autossugestão consoladora), quando desabrocha em nós como milagre, isto é, como resposta do Espírito ao grito do coração, às lágrimas de um coração que implora com verdade, que luta com o Mistério no prolongamento das horas e dos dias. A fé não é renúncia à razão. É antes uma flor de graça – dizia *don* Giuss – que “desponta” no limite extremo da razão. Bem, chega, já falei muito.

Matteo. *Faço só uma pergunta porque o trabalho desta manhã me impressionou muito, especialmente a insistência na criatividade. Vou tentar não dar um exemplo, depois, se não se perceber, dou um exemplo. Quando se trata de arriscar, apercebo-me de que muitas vezes fico preso ao facto de que a consciência de ser feito por Outro, isto é, a consciência de depender de Outro a quem estou a responder (como dizíamos em março), é como se, em vez de me fazer sentir libertado, carregasse a minha tentativa com uma expectativa que tantas vezes tenho medo de desapontar.*

Padre Paolo Prospero. De Outro com O maiúsculo?

Matteo. *Sim, Outro com O maiúsculo.*

Francesco Cassese. Dá um exemplo.

Matteo. *Está bem, perfeito. Fiquei muito impressionado com o aviso sobre educação na Jornada de Início de Ano, porque enquanto os outros à minha volta viam toda a agitação que se gerava, eu disse para mim próprio: «O aviso também fala de “universidade”. Mas não é que eu possa decidir ser “professor universitário”. Quer dizer, a realidade é que não depende apenas da minha vontade poder fazê-lo. Há uma série de circunstâncias das quais depende o facto de eu o poder fazer ou não. Por isso, perguntei-me: o que é que este aviso do movimento significa em relação à minha vocação e à minha tentativa de carreira universitária? Não posso dizer simplesmente: «Faço-o ou não o faço-o», porque entramos na “lotaria” da universidade e depois não sabemos como vai acabar. No entanto, duas semanas mais tarde, estava a falar com a minha professora – estou a tentar terminar a minha tese, mas ainda me falta pelo menos mais um ano – e a certa altura ela disse-me: «Mas, Matteo, se queres subir de nível, tens de começar a fazer alguma coisa, eu não posso fazer tudo sozinha, inventa alguma coisa».*

Francesco Cassese. Bem, ela não deixa de ter razão. [risos]

Padre Paolo Prosperi. Muito bem, muito bem.

Matteo. A questão surgiu-me a propósito disso, porque, tendo em conta todo o trabalho que fiz no ano passado, quando a professora me disse isso, foi como se tivesse levado uma bofetada na cara, porque disse para mim próprio: «Bolas, tenho trabalhado tanto e agora ela insiste tanto na necessidade de um maior empenho!». Pensando melhor, porém, percebi que na realidade ela me queria bem, ou seja, era como se quisesse que eu fosse ainda mais adulto em relação ao que faço, como se quisesse que eu fosse cada vez mais responsável, cada vez mais protagonista. Agora, ao tentar responder a este apelo da minha professora, apercebi-me de que a minha fraqueza reside no facto de que depois, quando tenho de fazer a minha tentativa, é como se me faltasse aquela audácia ingénua de que Giussani falava sempre... sim, em suma...

Padre Paolo Prosperi: O gosto do risco.

Matteo. Sim, mas Giussani diz isto sublinhando sempre que há como que uma ingenuidade subjacente a este risco, que eu percebo que me falta. A minha pergunta é sobre isto.

Padre Paolo Prosperi. Olha, caro Matteo, um dos pontos que abordarei na lição desta tarde será precisamente este: o que é que nos liberta do medo de falhar, de não estar à altura? O que é que nos torna ousados, isto é, livres na ação, nos nossos esforços? Mas quero dizer já alguma coisa. E gostaria de o fazer pegando na tua pergunta por um lado particular, se me permites, um lado que pode parecer ter pouco a ver com a tua pergunta, mas que, pelo contrário, toca numa premissa latente, mas importante, da tua pergunta, na minha opinião (assumindo que compreendi corretamente o fio do teu raciocínio, o que pode muito bem não ser o caso). Tu perguntas: o que é que me liberta deste medo – do sentimento de desproporcionalidade e ceticismo que sinto perante um desafio que me põe à prova? O que me ajuda a viver esse desafio com a audácia ingénua de que fala Giussani?

Gostaria de te responder de forma instintiva, ligando-me ao segundo ponto da ordem do dia: ajudam-te duas coisas, a *memória* e a *comunhão vivida*. No entanto, se eu te disser apenas isto, há o risco de não se perceber bem a relação destas duas palavras com o drama concreto que tu descreves, ou melhor, o sentido e o motivo pelo qual cada uma destas duas palavras tem a ver com o drama que tu descreves. Ou seja, trata-se de perceber, pelo menos na minha opinião, em que sentido é que *comunhão vivida* e *memória* trabalham em conjunto para te mudar, para mudar a forma como te posicionas perante a realidade.

Vou tentar explicar. Como sabes – como todos sabem, se tiverem refletido sobre a ordem do dia –, nos dois primeiros pontos da descrição do carisma, que retirámos dos antigos estatutos da Fraternidade, *don* Giussani diz essencialmente duas coisas: primeiro, que o sujeito novo, o homem novo, nasce da memória vivida de Cristo (estou a parafrasear). Segundo, que a memória de Cristo não pode ser gerada senão na «imanência de uma comunhão vivida». Então, de onde vem a ousadia ingénua que tu desejas, Matteo? A primeira resposta de Giussani parece ser: da memória vivida de Cristo. Mas esta memória, que é o que te deve permitir olhar de forma diferente, mais livre, para o desafio que tens diante de ti, não se auto-gera nem auto-sustenta. Alimenta-se da imanência a uma comunhão vivida. Porquê? Em que sentido?

É aqui que a experiência que tu nos contaste pode vir a ser extremamente educativa para todos nós.

Parece-me, de facto, que muitas vezes corremos o risco (e eu incluo-me nesta lista, sobretudo quando me lembro de quando tinha a idade do Matteo) de ceder a uma tentação subtil. Que tentação? A tentação de interpretar o sentido destas palavras de forma redutora, ou seja, minimalista. “Por que é que eu preciso da comunhão dos meus amigos do movimento para viver a minha relação pessoal com Cristo?” A resposta minimalista soa: “Sim, claro, preciso dos testemunhos, do exemplo dos outros que me “despertam” do sono, mas, no fim de contas, a relação pessoal com Cristo é minha, está toda no meu coração”. Por outras palavras, a função da companhia eclesial, a função da “nuvem de testemunhas”, é aqui apenas a de despertar

em mim a memória de Algo, ou melhor, de Alguém, que já conheço perfeitamente, e de quem só preciso de re-experimentar uma e outra vez a irrupção, o tornar-se Presente, por assim dizer. Bem, onde está o problema? Por que é que eu digo que esta visão é redutora?

Tento dizê-lo com um exemplo, e depois explicar o que é que tudo isto tem a ver com a pergunta do Matteo (pelo menos na minha opinião). Há alguns dias, ou melhor, há vários dias, a minha sobrinha, que vive em Milão (eu estava em Milão, embora viva em Roma), convidou-me para jantar com um grupo de amigos seus do CLU. Estes seus amigos – são quatro, cinco jovens com os quais se criou uma certa relação, porque muitas vezes, quando passo por Milão, a minha sobrinha organiza estes jantares – sabem que, entre as várias coisas que estudo, estão também os Evangelhos (sobretudo o quarto) e, por isso, fazem-me muitas vezes perguntas sobre os Evangelhos. Assim, da última vez, um destes jovens – um rapaz muito simpático, provocador, mas também humilde – cita-me uma passagem do Evangelho (não me lembro qual) e diz-me: «Mas olha, a experiência que eu estou a fazer de Cristo levou-me à convicção de que o Inferno não existe». Olhei para ele durante alguns segundos para ver se estava a provocar-me ou a ser sincero e, por fim, tendo concluído que era sincero (pelo menos um pouco), disse-lhe: «Desculpa, em virtude da experiência que estás a fazer de Cristo, chegaste à convicção de que o Inferno não existe? Talvez deveses ter acrescentado: em virtude da experiência que estás a fazer da *tua ideia* de Cristo, não da tua experiência de Cristo». E ele: «Mas não, por que é que dizes isso? Não, não, é mesmo a experiência de Cristo, tenho a certeza disso». Tomei então a liberdade de lhe dizer: «Desculpa, mas *em virtude do quê* é que tens a certeza? Lamento, mas *a realidade* de Jesus Cristo não é redutível à ideia que tens d'Ele com base na tua experiência – o que quer que tu entendas por com esse termo. De facto – gostes ou não – ninguém falou tanto do Inferno como Jesus. Jesus falou sobre o Diabo e o Inferno muito mais do que em todo o Antigo Testamento (que, como sabe, é muito mais volumoso do que o Novo). Lê os quatro Evangelhos. O critério para dizer o que está de acordo com Cristo é... Jesus Cristo, não a tua experiência. Da mesma forma, se me disseses que hoje

a ideia da indissolubilidade do casamento está ultrapassada e que Jesus – misericordioso como era – diria coisas diferentes hoje (porque alguém, “iniciado” por uma conferência qualquer que houve na Estatal, também levantava essa questão), terias todo o direito de pensar assim, mas o facto é que Jesus disse outra coisa, mesmo que tu não a percebas, mesmo que te pareça não ser correspondente. E fica a saber (dizia-lhe eu) que, no tempo de Jesus, a possibilidade de divórcio era na realidade a norma, e não a exceção, como o demonstra a reação de Pedro às palavras de Jesus: «Se é assim, então não *convém* casar-se» (diz mesmo assim!). Se quiseres, podemos falar sobre a razão pela qual a posição de Jesus pode ser correspondente e também da forma correta de perceber as palavras de Jesus sobre o Inferno. Mas não podes dizer que estas ideias devem ser eliminadas do Evangelho porque não são essenciais. Isso és tu que dizes, mas tu não és o critério para determinar o que está de acordo com Cristo e o que não está...» (Obviamente, aquele amigo agora passou-se para o meu lado... pelo menos é o que ele diz!)

Bem, por que é que contei esta história? O que é que ela tem a ver com o problema colocado pelo Matteo? E o que é que tem a ver com a relação entre *memória* e *comunhão*? Na minha opinião, tem tudo a ver. Tem a ver, porque, de facto, podemos viver a nossa relação com o Mistério pensando que temos uma ideia clara do Seu Rosto, quando talvez, *deep down* (ou seja, no mais profundo de nós), não seja nada assim. Por exemplo, uma pessoa pode repetir a palavra “Cristo”, mas continuar a ter dentro de si, por mil razões diferentes, uma ideia de Deus, do Mistério, que não corresponde à do Deus de Jesus Cristo – por exemplo, a ideia de um Deus juiz, que está ali para te examinar, para ver se tu és capaz ou não... De facto, se voltarmos ao início do discurso de Mateus, apercebemo-nos de que ele começou por dizer qualquer coisa como isto: “Quando penso na minha ação como *resposta ao Mistério*, não me sinto aliviado por este ato de memória. Pelo contrário, sinto-me ainda mais ansioso, porque penso no medo de defraudar a Sua (do Mistério!) expectativa”.

Ora, de que é que depende este estranho facto (que, na verdade, não é nada estranho, aliás, não sabes como te entendo!)? Não depende do facto do Matteo não ter tido um encontro real com Cris-

to. De modo algum! Talvez ele tenha tido um encontro mais forte do que todos nós juntos. Mas é como se houvesse uma “estrato profunda” do seu ego – os psicólogos chamam-lhe subconsciente – que talvez ainda não tenha sido totalmente “batizado”, isto é, iluminado pela graça de Cristo, e por isso é como se coexistissem dentro dele imagens diferentes do rosto do Mistério – uma que é o reflexo do encontro que fez, outra que, pelo contrário, vem do homem velho, dos restos do homem velho que estão em nós. Por exemplo, da relação com os nossos pais. Para não negar uma evidência: como alguns de vós sabem, perdi o meu pai quando tinha quatro anos. Pois bem, é claro que este facto teve consequências de um certo peso, até na minha maneira de “imaginar” o rosto do Pai com P maiúsculo. De facto, lembro-me que, quando era pequeno, imaginava Deus (sem perceber porquê!) como Alguém que está ali para ver se cometemos um erro, um Deus distante que nos abandona se não nos portamos bem. Era-me difícil senti-lo como um Pai próximo e misericordioso.

Ora, como é que eu compreendi, não só com a cabeça, *mas também com o coração*, por assim dizer, que essa imagem de Deus estava errada, era falsa? Não através da leitura de livros de teologia (embora tenha lido muitos desde então), mas através da graça do encontro com *don* Giussani e os amigos do movimento, que me transmitiram, como que por osmose, ao longo do tempo, uma *nova imagem* de Deus – uma imagem que desafiava a antiga e que, lentamente, fazia surgir aos poucos a verdadeira, no meu íntimo. O que significa realmente que Deus é Pai, aprendi-o muito mais com a positividade infantil e sem limites que brotava do rosto de *don* Giussani quando falava de Deus, e depois com o modo como ele me amava, do que com os muitos livros sobre a paternidade de Deus que até li depois. O mesmo, embora em graus diferentes, poderia ser dito da minha relação com muitos amigos que foram meus companheiros em todos estes anos. Em suma, sem a imanência numa “comunhão vivida”, não é apenas que eu teria feito menos memória de Cristo. É mais do que isso: é que o *conteúdo da minha memória* nunca se teria tornado o que é agora – eu teria provavelmente permanecido apagado ao meu Deus à maneira de Ibsen – ao Deus dos

luteranos escandinavos, ao qual a minha psique se tinha tornado estranhamente “apegada” pela minha história.

Mas, na vossa opinião, por que é que a sabedoria da Igreja, desde há 2 mil anos, nos faz rezar com os Salmos? Não seria melhor cada um rezar como «lhe sai», ou seja, com palavras que saem do seu coração? Por que é que a Igreja me pede para me dirigir a Deus com palavras de outros, palavras que eu não escolhi?! A resposta é simples: precisamente porque a Igreja sabe, na sua Sabedoria milenar, que as palavras com que nos dirigimos a Deus, os nomes com que O invocamos – Misericordioso, Imenso, em vez de Rocha, Penhasco, etc. – se gritadas com o “coração na mão”, vão lentamente fazendo penetrar na memória do nosso “hardware profundo”, no “disco duro” do nosso ego, *o rosto do verdadeiro* Deus – o Deus que se revelou na História, o Deus de Abraão e de Jesus –, de modo que a imagem deste Rosto vai lentamente suplantando todo o amontoado de imagens confusas que temos dentro de nós. O nosso coração, entregue a si mesmo, não consegue fazer senão uma imagem muito pálida, se não deformada, do rosto de Deus. E daí os Salmos, «barragem de granito para as águas amargas do nosso amor», como diz o abade de *Miguel Mañara*: estes poemas, precisamente porque inspirados por Deus, precisamente porque nos são entregues por Deus, têm o poder de nos “conduzir” para Ele, para o Seu verdadeiro rosto, melhor do que qualquer palavra nossa.

Aqui parece-me que algo semelhante pode e deve ser dito sobre a companhia vocacional na nossa vida. É certo que a fé nasce de um puro acontecimento de graça, que acontece como o Senhor quer. Chama-se encontro. Mas o aprofundamento do encontro – isto é, a evangelização progressiva do meu eu, no sentido que dissemos – exige a imanência *no tempo* de uma comunhão vivida, exige que eu me deixe introduzir através dos outros numa familiaridade cada vez maior com Cristo, isto é, com o rosto concreto de Deus revelado na História.

Já chega.

Sexta-feira, 24 de novembro

LIÇÃO

padre Paolo Prosperi

«Um caminho do olhar»⁶

O objetivo da lição desta tarde, digo-o desde já para que não haja margem para dúvidas, não é lançar sabe-se lá que novo tema. O nosso objetivo é antes tentar dar mais alguns passos no caminho de reflexão já iniciado aqui em março – e tentar fazê-lo à luz do passo que o movimento propõe a todos (estou a pensar sobretudo na Jornada de Início de Ano). De facto, estou convencido de que entre o tema aqui abordado e o da experiência cristã, ou, se preferirem, do *novo olhar* que a fé dá (tema central da Jornada de Início de ano), há uma ligação mais estreita do que pode parecer. Começemos, então.

⁶ O título desta lição – «Um caminho do olhar» –, retoma uma expressão de Ignace de la Potterie notoriamente cara a *don* Giussani: «É através do encontro com uma determinada presença que a pessoa começa a perceber-se a si própria, a perceber qual é o seu destino, a perceber como ir para o seu destino e com que energia deve caminhar. O encontro com uma presença não constitui ontologicamente a pessoa na sua subjetividade: o encontro desperta algo que era obscuro, algo que era existencialmente impensado e impensável. O acontecimento é, portanto, o método pelo qual o eu se reconhece a si próprio. O eu constituído é o eu que se reconheceu a si próprio. Sendo o acontecimento um método, um percurso, trata-se de uma experiência a fazer. O grande biblista Ignace de la Potterie dizia: “A fé cristã é um caminho do olhar”. Não se trata de uma frase poética ou abstrata: é a descrição exata e factual de um *método*. O olhar primeiro vislumbra, depois começa a perceber fatores mais distintos, e só depois começa a surpreender a possibilidade de um sentido. Ao aumentar a sua atenção para este significado, apercebe-se de que é verdadeiro» (L. GIUSSANI, *L'avvenimento cristiano*, BUR, Milão 2003, p. 59).

1. «Porventura nós também somos cegos?» (Jo 9,40)⁷: uma doença dos olhos

Parto duma consideração que ouvi a muitas pessoas, durante os muitos diálogos sobre os conteúdos de Assis em que participei este verão, circulando pelas férias das comunidades de CL.

A consideração é a seguinte: a *mentalidade do self-made man*, ou seja, aquela atitude interior em que a pessoa faz consistir o seu valor na sua capacidade de realização, não tem apenas a ver com a esfera do trabalho.⁸ É, antes, uma mentalidade que tende a infiltrar-se na relação que temos com tudo – mulher ou marido, filhos, amizades, vida moral, etc..⁹

Ora, se isto é verdade, torna-se ainda mais urgente a pergunta – também muito popular nas férias de verão: **como** é que saímos da gaiola do hamster? **Como** é que se sai da gaiola do *ego* performativo e se entra no *ponto de vista* de Cristo?¹⁰ «É bonita

⁷ A pergunta, como é sabido, é a que os fariseus dirigem a Jesus, logo depois de ele ter ironizado o facto de que, enquanto um cego de nascença pôde acreditar nele à primeira vista (!), eles, que sempre viram perfeitamente, parecem incapazes de ler corretamente aquilo que veem. Como se dissesse: a *consciência de ser cego*, ou seja, de *precisar de olhos novos*, é condição para poder recebê-los como dom do Senhor, enquanto aqueles que acreditam que *já veem tudo perfeitamente*, dificilmente se deixarão introduzir por Ele numa visão nova e mais profunda da realidade (neste caso, a realidade do próprio Jesus). Vale a pena citar a passagem toda: «Jesus declarou: “Eu vim a este mundo para proceder a um juízo: de modo que os que não veem vejam, e os que veem fiquem cegos”. Alguns fariseus que estavam com Ele ouviram isto e perguntaram-lhe: “Porventura nós também somos cegos?”. Jesus respondeu-lhes: “Se fôsseis cegos, não estaríeis em pecado; mas, como dizeis que vedes, o vosso pecado permanece”» (Jo 9,39-41).

⁸ Como muitos desablinharam, fenómenos como *great resignation* e *quiet quitting* parecem assinalar o desaparecimento da sociedade do desempenho e a crise do modelo antropológico que lhe está subjacente. Se isto é em parte verdade, há que dizer, por outro lado, que os mesmos fenómenos podem e, em minha opinião, devem ser lidos como um sinal da *continuação da dominância do paradigma antropológico subjacente*, dado que qualquer vontade de fuga pressupõe o sentimento de prisão. O facto de a “ansiedade de desempenho” tender a invadir esferas que pouco ou nada têm a ver com a profissão (estou a pensar sobretudo no campo da afetividade), como muitos testemunharam este verão, parece-me confirmar que, na realidade, o modelo antropológico do *self-made man* está longe de estar “ultrapassado”. A questão tem raízes mais profundas, como já tentámos ilustrar (cfr. «3. Na raiz do mal-estar: o *self-made man* e o esquecimento do Deus *tudo em tudo*», in «*Constituíste-o acima das obras de tuas mãos*», Assis, 23-26 de março de 2023, pp. 10-16, clonline.org).

⁹ Já na primeira lição de Assis este facto é referido, embora apenas numa nota (cfr. «*Constituíste-os acima ...*», cit., p. 8, n. 7).

¹⁰ Cfr. *Ibidem*.

a imagem de Jesus a lavar, todo contente, os pés aos seus discípulos», disse-me alguém, «mas eu não sou Jesus – não vejo o Pai celeste ao fundo, quando tenho à minha frente o rosto do meu chefe no trabalho. Então, como é que eu entro neste *ponto de vista* de Cristo?».

É precisamente aqui, parece-me, que o tema da Jornada de Início de Ano vem em nosso auxílio. Podemos ler, no n.º 18 da *Lumen Fidei*, a encíclica do Papa Francisco sobre a fé:

A fé não olha só para Jesus, mas olha também da perspectiva de Jesus e com os seus olhos: é uma participação no seu modo de ver. [...] A vida de Cristo – a sua maneira de conhecer o Pai, de viver totalmente em relação com Ele – abre um espaço novo à experiência humana, e nós podemos entrar nele. [...] A fé no Filho de Deus feito homem [...] não nos separa da realidade; antes permite-nos individualizar o seu significado mais profundo [...], abre-se um novo modo de ver.¹¹

A fé, diz-nos o Papa, não é apenas uma forma de contacto com Jesus. A fé introduz-nos numa nova forma de ver toda a realidade. Gosto de o dizer da seguinte forma: entendida em todo o seu potencial, a fé é um pouco como aqueles óculos que nos dão no cinema quando vamos ver um filme em 3D. Sem os óculos, vê-se tudo plano e desfocado. Quando pomos os óculos, de repente tudo aparece nítido e tridimensional – tão tridimensional, de facto, que em certos momentos sentimos como se os objetos saíssem do ecrã e nos atacassem. Pois bem, a fé faz algo parecido: não muda a *superfície* daquilo que vejo – seja um rosto, uma circunstância, uma coisa a fazer. Mas faz-me vê-la de um ponto de vista novo – um ponto de vista a partir do qual é como se eu pudesse perceber melhor a sua “espessura”, o seu *pondus*. Talvez se recordem que em março dissemos que em hebraico a palavra *kabod* (*pondus*, peso) significa também glória, isto é, uma coisa grande,

¹¹ Francisco, Carta encíclica *Lumen Fidei*, 18, 22.

importante, densa de significado. O que significa: ver nelas uma profundidade de significado de outro modo impercetível.¹²

A resposta à pergunta-objeção do nosso amigo é, portanto: *a fé*. É a fé que nos faz entrar no ponto de vista de Cristo, que é o ponto de vista mais verdadeiro.

O que pressupõe (este é o reverso da medalha) que o ponto de vista a partir do qual se vê a realidade é geralmente parcial, ou seja, não necessariamente errado, mas sim menos penetrante.

De facto, não é precisamente deste défice da faculdade visual que depende a alienação de que falámos em março? Como Bento XVI gostava de dizer, a doença que mais aflige a humanidade atual (e, portanto, também nós!) não é uma doença da vontade, mas dos olhos:

*O homem contemporâneo [disse o Papa Ratzinger, numa mensagem enviada à escola onde agora ensino] está preso ao positivismo. [...] Parece já não ser capaz de perceber a profundidade da realidade que os nossos olhos vêem e tocam, quer se trate de uma flor ou de um rosto humano.*¹³

Torna-se aqui decididamente útil a famosa descrição do olhar positivista que Giussani dá n' *O sentido religioso*:

A atitude positivista é como a de alguém que, como um míope, levasse os olhos a um centímetro de um quadro e, fixando um ponto, dissesse: «Que mancha!». Se o quadro fosse grande, poderia percorrê-lo todo, centímetro por cen-

¹² Cfr. «Constituíste-o acima das obras...», cit., p. 14, n. 15.

¹³ Um exemplo emblemático desta “atrofia” da faculdade visual, parece-me, é a propagação da ideologia *de género* (pelo menos nas sociedades ocidentais – o fenómeno é significativamente irrelevante em África e na Ásia). Sem entrar em pormenores, é interessante notar como as várias teorias *do género*, embora diferentes umas das outras, assentam todas numa premissa inquestionável: o corpo humano *não revela nada de profundo* sobre o seu significado e finalidade. Pode dizer-se que o corpo é aqui considerado mais ou menos como uma máquina, da qual, graças às várias ciências (modernas), podemos aprender cada vez mais sobre as suas leis de funcionamento, mas nada mais. O facto de haver uma linguagem, uma música inscrita pelo Criador (ou pela natureza, para usar uma gramática mais secular) *no* corpo humano – uma música cheia de significado, beleza e bondade intrínseca – tornou-se, de facto, invisível para um número crescente de homens e mulheres.

tímetro, exclamando a cada momento: «Que mancha!». E o quadro surgiria como um conjunto sem sentido de diferentes manchas. Mas, se recuasse três metros, veria a pintura na sua unidade, na perspetiva apropriada.¹⁴

Espontaneamente, a mente regressa ao cego de nascença, sobre o qual nos debruçámos na Jornada de Início de Ano. Tentemos identificar-nos com este homem, que nunca tinha visto um rosto humano, que nunca tinha visto o seu próprio rosto refletido num espelho. Pois bem: a situação deste homem não é um símbolo adequado e pungente da condição do «*homo positivisticus*» contemporâneo, tal como o descrevem Ratzinger e Giussani?

Sempre me chamou a atenção o estranho gesto com que Jesus cura o nosso homem. Porquê esfregar-lhe lama (feita com o seu cuspo!) nos olhos (Jo 9,6)? Porquê curá-lo com um gesto tão estranho? Tal como Irineu de Lião já tinha compreendido,¹⁵ o gesto de Jesus remete para a criação de Adão narrada no Génesis: «*Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra*».¹⁶ Com o seu gesto, Jesus está, portanto, a dizer: «Eu vim para te recriar, ó homem, vim para fazer de ti uma nova criatura» (cfr. 2 Cor 5,17). E isto, mais do que qualquer outra coisa, significa o quê? Para dar-te olhos novos, capazes de ver tudo, a começar pela tua própria humanidade, no seu verdadeiro esplendor: «*Ele foi, lavou-se e regressou a ver*».¹⁷

Ora, o que são concretamente estes novos olhos que a fé dá, e o que é que a memória, que não é outra coisa senão a fé vivida,¹⁸ permite desenvolver?

¹⁴L. GIUSSANI, *O sentido religioso*, Tenacitas, Coimbra 2023, p. 180.

¹⁵Cfr. IRINEU DE LIÃO, *Adversus Haereses*, 5.15.2.

¹⁶Gen 2,7.

¹⁷Jo 9,7.

¹⁸Identifico *fé vivida* e *memória* porque a palavra *memória*, tal como a usa don Giussani, indica precisamente a fé, na medida em que tende a investir tudo o que entra no âmbito da nossa experiência. O quanto a palavra *memória* é central na compreensão que Giussani tem da vida de fé, basta o prólogo do estatuto da Fraternidade para o tornar claro, onde se lê, entre outras coisas: «*O sentido profundo do movimento é o chamado de atenção à memória de Cristo, vivida quotidianamente nas circunstâncias da vida*» (L. GIUSSANI, *A obra do movimento. A Fraternidade de Comunhão e Libertação*, Trad. de Cláudio Cruz, p.243; itálico meu).

No seguimento desta meditação, gostaria de tentar oferecer algumas pistas de resposta a esta pergunta. E, para isso, decidi tomar como figura de referência a mesma personagem evangélica sobre a qual fixámos o olhar no final do nosso primeiro encontro, na síntese de março. Estou a falar, evidentemente, do bom e velho Simão Pedro. De facto, como alguns de vós se recordarão, foi precisamente falando dele e da sua revolta contra a “estranha” iniciativa de Jesus a meio da Última Ceia que, já em março, tinha surgido o tema do caminho necessário para entrar no *ponto de vista* de Jesus:¹⁹ tal como a fé de Simão Pedro em Jesus, embora sincera desde o início, não levou *imediatamente* o nosso a “perceber Jesus”, assim acontece connosco.²⁰ *Last but not least*: que papel tem a nossa companhia nesta dinâmica? Para tentar abrir “pistas de resposta” a estas importantes perguntas, irei valer-me duma página do Evangelho de João muito querida à nossa história: Jo 21. Jo 21 apresenta-nos, de facto, um Pedro bastante diferente daquele a quem Jesus, no Cenáculo, tinha dito: «O que Eu estou a fazer tu não o entendes agora, mas hás-de *compreendê-lo depois*»;²¹ ou seja, um Pedro que finalmente *começou a perceber*, sobretudo graças a um facto que mudou irreversivelmente o seu

¹⁹ «“O que Eu estou a fazer tu não o entendes por agora, mas hás-de compreendê-lo depois”, responde-lhe Jesus. O que quer dizer: “Não é o meu gesto que é uma loucura. És tu que ainda não percebes”. E por que é que Pedro não percebe? [...]: porque se Pedro tivesse percebido tudo logo, então não teria tido necessidade de nenhum caminho atrás de Jesus, para entrar num ponto de vista novo sobre a realidade – aquele ponto de vista novo [...] no qual Cristo nos veio introduzir. Para entrar no ponto de vista de outro, para conseguir ver o mundo com os olhos de outro, eu tenho de mover-me, tenho de me deslocar do meu ponto de partida [...], para assumir o ponto de observação desse outro. [...] O que exige um caminho [...], uma viagem» («Síntese», em «Gli hai dato potere...», cit., pp. 64-65).

²⁰ «Se havia alguém que tinha feito um encontro, esse alguém era ele. [...] No entanto, aquele mesmo homem, Jesus de Nazaré, aquele homem que agora era o centro da sua vida, Simão não o percebia. Não o percebia! Ou melhor: percebia-o em parte. Percebia que aquele homem era o Messias [...] Porém – era de enlouquecer! – percebia também que não o percebia. O que é que não percebia? Não percebia o que queria mesmo dizer que Ele era verdadeiramente o Messias, não percebia onde queria ir parar, tão diferente era a Sua lógica da de todos, a tal ponto era diferente o Seu modo de agir do de todos (...): “O que Eu estou a fazer agora não o entendeis, ireis entendê-lo depois”. Como foi para Pedro, assim é para nós. Não se entra no ponto de vista de Cristo de repente. Reconhecemo-lo logo, mas entra-se no Seu ponto de vista aos poucos e nunca sem luta» (*Ibidem*, pp. 67-68).

²¹ Jo 13,7.

olhar: a revelação da grande hora Pascal, do amor do Senhor *em toda a sua glória* (cfr. Jo 13,1).²²

Começemos então.

2. E lançou-se à água: o “libertar-se” do homem novo

O primeiro ponto sobre o qual me quero debruçar é a mudança do *olhar sobre si mesmo* que a fé dá.

Voltemos ao *self-made man*. Uma das conotações do tema do desempenho, como dizíamos em março, é o *medo* do fracasso. Porque se, de facto, eu consisto naquilo que consigo fazer, é normal que viva num estado de ansiedade permanente para ser bem-sucedido, o que em negativo significa: *medo de falhar*. Daí o paradoxal «espírito de escravo»²³ de que falámos – dado que o escravo é, por definição, alguém que vive e age num regime de medo.²⁴

Ora, em que sentido é que a fé rompe as grades desta prisão da ansiedade e do medo? São Paulo di-lo bem:

E vós [ou seja, os que foram batizados em Cristo] não recebestes um Espírito que vos escravize e volte a encher-vos de medo, mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adotivos. É por Ele que clamamos: «Abbá, ó Pai!».
(cfr. Rm 8,15)

«Um espírito de filhos». Lembram-se, na lição de março, da passagem da condição de escravo à condição de filho? A fé liberta-me do medo, antes de mais, porque me dá um «espírito de filho», isto é, muda o conteúdo daquilo que vejo quando me olho ao espelho: já não um eu que tem de conquistar-se um nome (isto é, uma consis-

²² Pela importância deste ponto crucial, sobre o qual aqui não me detenho, ver aqui, p. 96: «*Síntese*, 1. Queremos ver Jesus».

²³ Rm 8,15.

²⁴ «O escravo vive no medo e na angústia de errar, porque sabe que se errar, se não fizer tudo aquilo que se espera dele, ficará frustrado. O sujeito de produção não tem medo do chicote dos outros, mas sim do chicote do seu próprio “ego” (ou melhor, “super-ego”), que lhe diz que, se não conseguir, não vale nada» («*Constituíste-o acima das obras...*», cit., p. 8; cfr. pp. 7-9).

tência, uma existência real) com o seu desempenho; mas um eu que se sabe *filho*, isto é, amado “*gratuitamente*”, antes e independentemente do resultado das suas tentativas;²⁵ e que, por isso, é capacitado e levado a dar-se por sua vez gratuitamente, com um coração alegre, como que para refletir o amor gratuito de que se reconhece objeto.

Pois bem, precisamente em João 21 há uma cena que, na minha opinião, mostra melhor do que qualquer outra esta mudança de perspectiva em ação – uma cena que é como que a antecipação dramática do famoso diálogo entre Jesus e Pedro que *don* Giuss nos ensinou a amar (voltarei a ela mais tarde). É a cena em que Simão, depois de ter sabido que o homem da margem é o Senhor, atira-se à água em direção a Ele, deixando barco, redes e tudo.

Relembro brevemente os acontecimentos prévios. O Senhor Jesus já ressuscitou. Já apareceu duas vezes aos doze reunidos no Cenáculo (cf. Jo 20, 19 ss). Em João 21, aparece aos seus pela terceira e última vez, e fá-lo ao amanhecer, na margem do mar de Tiberíades, no final de uma noite passada por Pedro e outros seis discípulos no barco a pescar. A certa altura, o Discípulo amado, mais perspicaz e mais rápido do que os outros, reconhece o Senhor e avisa Simão Pedro (Jo 21,7). E o que é que Pedro faz?

Simão Pedro, ao ouvir que era o Senhor, apertou a capa, porque estava sem roupa, e lançou-se à água, [em grego é gymnos, que quer dizer “nu”: em baixo estava nu!!], e lançou-se à água. (Jo 21,7)

Prestemos atenção aos pormenores, porque é precisamente nos pormenores mais materiais, como já vimos em março, que João esconde as *nuances* de significado mais profundas. É o que acontece

²⁵ A ideia é posta em palavras de forma magnífica por Claudel, no seu *Anunciação a Maria*, através da voz de Anna Vercors. Já prestes a partir para a Terra Santa, é assim que o agricultor se dirige à sua filha Violaine: «O amor do Pai [diz Anna Vercors a Violaine na *Anunciação a Maria*] não pede recompensa e o filho não precisa de o conquistar ou merecer. Tal como era com ele desde o princípio, assim permanece: o seu bem e sua herança, o seu refúgio, a sua honra, o seu título, a sua justificação. [...] Sabe apenas que eu sou, filha, o teu pai» (P. Claudel, *L'Annuncio a Maria*, BUR, Milão 2001, p. 66).

aqui: por que é que João faz questão de nos dizer que Pedro *aperta a capa antes de se lançar?*

Em primeiro lugar, há que assinalar a estranheza do facto: normalmente, quando uma pessoa se atira à água, despe-se, não se veste! Mas aqui Pedro faz o contrário. Porquê? João não o diz, convida-nos a adivinhar. Pois bem, a primeira resposta é bastante óbvia: o nosso Simão não quer aparecer *nu* diante de Jesus (eh, pois!). Mas será só isso? Não, não é tudo. Há outra personagem na Bíblia que, muito antes de Simão, se cingiu para cobrir a sua nudez: foi Adão, que, depois de ter cometido o primeiro pecado da história da humanidade, se cingiu com ramos para esconder a sujidade que o pecado tinha deixado nele e assim não sentir vergonha.²⁶

Compreendemos assim o significado profundo, por assim dizer “subliminar”, do gesto de Simão. Tal como Adão, também Simão está ainda todo cheio de vergonha pelo que fez: como arde ainda a memória daquela tripla negação...

Mas é aqui que é bonito. *Quando o Senhor apareceu no jardim à brisa do dia*, Adão, tomado por um movimento de medo, escondeu-se entre as árvores:

*Ouviram, então, a voz do Senhor Deus, que percorria o jardim pela brisa da tarde, e o homem e sua mulher logo se esconderam do Senhor Deus, por entre o arvoredado do jardim. Mas o Senhor Deus chamou o homem e disse-lhe: «Onde estás?». Ele respondeu: «**Ouvi a tua voz no jardim e, cheio de medo, escondi-me porque estou nu**».*

Quando o Ressuscitado aparece ao amanhecer na margem do lago de Tiberíades, Pedro faz o oposto, e atira-se de rompante em direção ao Senhor, como se fosse incapaz de conter a sua afeição:

²⁶ «Então, abriram-se os olhos aos dois e, reconhecendo que estavam nus, coseram folhas de figueira umas às outras e colocaram-nas, como se fossem cinturas, à volta dos rins» (Gen 3,7).

Os outros discípulos vieram no barco, puxando a rede com os peixes; com efeito, não estavam longe da terra, mas apenas a uns noventa metros. (Jo 21,8)

Como é bonito este outro pormenor: por que é que João faz questão de sublinhar que «estavam apenas a noventa metros da margem»? Para nos fazer perceber a pressa, o desejo irreprimível de Simão de chegar a Jesus, de ser novamente atravessado pelo seu olhar. Não podia esperar um pouco, já que estavam a poucos metros da margem? Não, não podia esperar, porque aquela impaciência é a marca do amor, quando é intenso e ao mesmo tempo livre de qualquer inibição, como é o amor das crianças. As crianças fazem assim, quando aparece de repente alguém de quem gostam muito: correm ao seu encontro alegres, sem vergonha.

Como é isto possível? Como é que é possível que Pedro reaja desta forma, precisamente quando teria todas as razões para se sentir mais “errado” do que nunca?

Aqui é fundamental reparar noutro contraste. Na verdade, esta não é a primeira pesca milagrosa feita por Jesus na presença de Pedro. Se passarmos do Evangelho de João para o de Lucas, vemos que Jesus já tinha realizado um sinal quase idêntico logo no início, mesmo antes de Simão ter largado tudo para seguir (Lc 5,11).²⁷ Mas a reação de Pedro, então, tinha sido diferente. De facto, tinha sido igual à de Adão, quando o Senhor apareceu no jardim:

Vieram e encheram os dois barcos, a ponto de se irem afundando. Ao ver isto, Simão caiu aos pés de Jesus, di-

²⁷ «Quando acabou de falar, disse a Simão: “Faz-te ao largo; e vós, lançai as redes para a pesca”. Simão respondeu: “Mestre, trabalhamos durante toda a noite e nada apanhámos; mas, porque Tu o dizes, lançarei as redes”. Assim fizeram e apanharam uma grande quantidade de peixe. As redes estavam a romper-se, e eles fizeram sinal aos companheiros que estavam no outro barco, para que os viessem ajudar. Vieram e encheram dois barcos, a ponto de se irem afundando. Ao ver isto, Simão caiu aos pés de Jesus, dizendo: “*Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador*”. Ele e todos os que com ele estavam encheram-se de espanto por causa da pesca que tinham feito; o mesmo aconteceu a Tiago e a João, filhos de Zebedeu e companheiros de Simão. Jesus disse a Simão: “Não tenhas receio; de futuro, serás pescador de homens”. *E, depois de terem reconduzido os barcos para terra, deixaram tudo e seguiram Jesus*» (Lc 5,4-11; itálico meu).

zendo: «Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador».

Perante a manifestação do poder do Senhor, precisamente no domínio em ele que se sentia competente (a pesca era a “sua” atividade; quantas vezes nos acontece a nós também recebermos ajuda e quase nos desagrada não termos conseguido com as nossas próprias forças), a reação de Simão fora um sentimento de desproporção, de inadequação. Quase como se a revelação da grandeza de Jesus expusesse a sua pequenez. E, por isso, tinha tido o impulso de recuar.

Então, por que é que Simão, precisamente quando teria todas as razões para se sentir ainda mais indigno, para se agachar na parte de trás do barco, atrás dos outros, se atira sem medo para junto dele? É que Pedro já não é o mesmo, mudou. E isto não no sentido de que a vergonha da sua pequenez tenha desaparecido por magia. Muitas vezes imaginamos a misericórdia como uma espécie de borrachinha que apaga a nossa memória. Em vez disso, a misericórdia é algo muito maior e mais maravilhoso do que isso. Como vimos, a vergonha de Pedro pelo que fez *não desaparece*. Mas é como se *já não vencesse*. E por que é que já não vence? Porque Pedro já não está centrado em si mesmo, nos seus méritos, mas na certeza de um amor que precede e ultrapassa qualquer mérito. Percebe-se então por que razão eu disse antes que a cena do mergulho de Pedro é, na verdade, a antecipação em forma dramática daquilo que o “sim de Pedro” exprime com palavras. Quantas vezes *don Giussani* nos convidou a identificarmo-nos com este homem, que ouve Jesus perguntar-lhe – ele, que há pouco O negara três vezes –: «Simão, filho de João, tu amas-Me?». E ele, em vez de se afundar na vergonha, “ouve-se” em vez disso a responder, como que movido por um impulso arrebatador: «Sim, Senhor, Tu sabes isso, Tu sabes que eu Te amo – e se mo perguntasses mil vezes, mil vezes te diria: sim, sim, sim...».²⁸

²⁸ «Tentemos identificar-nos com a alma daquele homem franco e rude: perante o Senhor, a sua alma estava cheia da recordação da sua traição. Mas a sua traição foi simplesmente a

Pois bem, esta é a *liberdade nova* que nasce da fé. Uma liberdade que não é laxismo ou desinteresse. Pelo contrário, é um compromisso que tem como que um “motor” novo: já não é a ansiedade de obter sabe-se lá que “resultado”, mas o desejo de responder com todo o seu ser ao Amor sem medida que se derrama daquele rosto – aquele rosto que só te pergunta uma coisa: «Amas-Me?».²⁹

Voltando à cena do mergulho, há um outro pequeno pormenor que diz isto dum modo algo subtil, mas grandioso. Logo a seguir a ter narrado o mergulho de Simão, João escreve:

Os outros discípulos vieram no barco, puxando a rede com os peixes. (Jo 21,8)

Também aqui, por que é que João, com uma mudança brusca da câmara, chama a nossa atenção para este pormenor?

O facto é que tinha sido de Pedro a iniciativa de ir pescar: «Eu vou pescar!»³⁰ – eu tinha dito que a pesca era a sua profissão, e o barco era certamente o seu, tal como as redes. Mas agora, mal se apercebe de que o homem na margem é o Senhor, deixa o barco, as redes e os peixes nas mãos dos outros, e atira-se à água em direcção ao Senhor.

epifania, o epifenómeno, a manifestação, num momento, de algo que ele tinha dentro de si, isto é, de uma aspereza, de uma ingenuidade, de uma teimosia, de um medo, de uma timidez, de uma cobardia, de uma maldade, que era ele – ele! –A sua alma estava cheia disso e, perante aquela pergunta, tudo vinha ao de cima. A traição foi como um ponto de revelação: a sua miséria, toda a sua miséria veio à superfície. [...] Simão sentiu-se em toda a sua mesquinhez, a sua pusilanimidade, a sua mesquinhez de homem. «Simão, amas-me mais do que os outros?» Quando ele respondeu: «Senhor, claro que te amo»; quando disse: «Senhor, tu sabes tudo: apesar de todas as aparências, apesar de todas as aparências de mim para mim mesmo, tu sabes que te amo, que te quero» – porque «amo-te» significa «quero-te», e «quero-te» significa «afirmo-te, reconheço o que és, reconheço o que és para mim e para todos» –, foi a convulsão do moralismo e da justiça feita com as nossas mãos. Aquele ali, de facto, era um pobre pecador como tu e eu, era um pobre pecador que tinha acabado de trair, entre outras coisas, de uma forma indecente, como na nossa memória – talvez – nunca ninguém o tinha feito tão descaradamente. Estava cheio de erros, mas amava-o; podia ter cometido cem mil erros mais, mas amava-o, e pôde dizer: «Senhor, Tu sabes tudo, Tu sabes que eu te amo». Então o Senhor disse-lhe: “Confio-te o meu testemunho no mundo”. Confio o seu testemunho, confiou o seu reino no mundo a esse pequeno pecador» (L. Giussani, *La verità nasce dalla carne*, BUR, Milão 2019, pp. 135-136).

²⁹ Jo 21,15-17.

³⁰ Jo 21,3.b

Estará então João a sugerir-nos que o amor a Cristo nos leva a desprezar os poucos ou muitos bens que nos são confiados? Estará a sugerir-nos que o amor a Cristo nos leva a esquecer tudo o resto, como se Ele fosse uma espécie de droga, que nos torna livres, sim, mas no sentido de sermos *indiferentes* a tudo e a todos? Evidentemente que não. O que João nos está a sugerir é algo de mais paradoxal. Mas para percebermos do que se trata, temos de passar à cena seguinte.

Os discípulos já chegaram todos à praia, onde Jesus os espera, junto a uma fogueira com peixe e pão. A certa altura, Jesus diz-lhes: «Trazei alguns dos peixes que apanhastes». E, mais uma vez, Pedro antecipa-se a todos:

Simão Pedro subiu à barca e puxou a rede para terra, cheia de peixes grandes: cento e cinquenta e três. E, apesar de serem tantos, a rede não se rompeu. (Jo 21,11)

Que bonito: o mesmo Simão Pedro, que, *no ímpeto do seu amor por Jesus*, se tinha esquecido da rede e dos peixes, quando é Jesus que lhe pede para o fazer, revela-se capaz de arrastar *sozinho* para terra uma rede cheia de 153 peixes grandes (ou seja, cerca de 100 kg. de peixe, segundo as estimativas).³¹ Como que a dizer: amar Cristo ao ponto de “esquecer” *a sua* rede cheia de peixes é, ironicamente, o que dá a Pedro a força para arrastar para terra *mais peixes* do que o mais experiente e robusto dos pescadores. O que, chegando a nós, significa: quanto mais começamos a amar Cristo mais do que as coisas e as pessoas que nos são confiadas, tanto mais o amor às coisas e às pessoas, isto é, o assumir coisas e pessoas, deixa de ser uma fonte de stress e torna-se, para usar a bela expressão de Jesus, um «jugo suave e uma carga leve» (cf. Mt 11,30).

³¹ Em vez de nos interrogarmos sobre o significado alegórico do número 153, como se faz habitualmente (e legitimamente), deveríamos, na minha opinião, perguntar-nos primeiro, em respeito pela *forma como* João entrelaça narrativa e símbolo: por que é que João, para além de nos dizer que havia 153 peixes, especifica que eram *grandes*? A resposta é clara: porque o que interessa a João é, *antes de mais*, deixar claro que a rede devia *pesar muito*!

3. Posse no desapego: rumo ao cêntuplo

Chegamos assim ao segundo aspeto dessa nova visão das coisas, que a fé introduz na nossa experiência. A memória de Cristo não muda apenas o modo como olhamos para nós próprios. Transforma também o modo como olhamos para o que está *diante de nós*, a começar pelas pessoas e coisas de que somos chamados a cuidar. Em que sentido?

De facto, já o dissemos, descrevendo este Pedro que, primeiro, por amor a Cristo, se esquece da rede, e depois, *também por amor a Cristo*, a puxa sozinho.

Pois bem: a memória de Cristo obtém em nós o mesmo efeito paradoxal. *Aparentemente*, é como se te afastasses do teu trabalho ou do rosto da tua mulher, porque se olhares para o rosto de Cristo não podes olhar para o rosto da tua mulher. *Na realidade*, porém, neste “mergulhares para Cristo”,³² tu não te afastas. Antes, é como se fosse levado para dentro, para o íntimo do rosto da tua mulher, porque és levado para o ponto de vista a partir do qual consegues vê-lo verdadeiramente, em “toda a sua verdade”.³³ O que quer dizer: já não como uma soma de traços que te agradam e traços que não te agradam (onde quanto mais passa o tempo, mais os segundos aumentam), mas como esta “ovelhinha”, que o Senhor te confia:

³² Aliás, é bonito que, *ao lançar-se em direção a Jesus*, Pedro acabe por *se imergir todo na água* – onde está patente a alusão ao batismo (*batismo = imersão*). Como que dizendo: a memória vivida “re-baptiza-nos”, *regenera-nos de cada vez*, o que também significa: “lavamos” os olhos, as mãos, etc.

³³ Vale a pena notar que esta dinâmica não é mais do que o aprofundamento, e por assim dizer a expansão pela fé, de uma dinâmica que, segundo Giussani, já é válida ao nível do conhecimento contemplativo natural: «Para conhecer um quadro não temos de chegar lá com o olho, a um milímetro. Senão diríamos: “Que manchas que aqui estão!” e, afastando-nos: “Que mancha!”. Num dia e meio, se te esfalfares, consegues vê-lo todo [...], só que: mancha atrás de mancha [...] tu só viste manchas, não o podes apreciar. Se alguém te puxar pelo pescoço e te puxar um metro para trás: ah, assim é que se vê o quadro! Sem este distanciamento não se conhece e, por isso, não se pode usar, nem apreciar» (L. GIUSSANI, *É possível viver assim? Vol II, Esperança*, Tenacitas, Coimbra 2009, p. 92). A este respeito, é sugestivo notar que a palavra usada em russo para designar tanto a castidade como a temperança é *celomodrie* (cf. o grego *sophrosyne*) – um termo que, para fazer justiça à etimologia, deveria ser traduzido por: ciência ou sabedoria (*mudrost'*) do todo, da totalidade (*celo = todo, total*). Como que a dizer: sem um certo *distanciamento*, não se pode *penetrar* nas profundezas da coisa nem, o que é a mesma coisa, percebê-la como um todo pleno de sentido.

Simão, filho de Jonas, amas-me? [...] Apascenta as minhas ovelhas.

Come já observava Santo Agostinho,³⁴ Jesus não diz a Simão «apascenta as *tuas* ovelhas», mas sim apascenta as *minhas* ovelhas. O que quer dizer: só se reconheceres que estas ovelhas não são tuas, mas *minhas* – só então as podes verdadeiramente apascentar, sobretudo porque começas a vê-las por aquilo que verdadeiramente são.³⁵

Pois bem, a memória é como o reacender contínuo em nós desta consciência – a consciência de que esta mulher que é *a minha* mulher, estas crianças que são os *meus filhos*, em última instância não são meus. São de Outro que mos confia, e assim faz-se mendicante do meu amor, “coloca-se na minha dependência”, diria Péguy:³⁶ «*Amas-me? [...] Apascenta as minhas ovelhas*».³⁷

Com uma nota crucial, irónica, que é o facto de, nesta aparente expropriação, neste despojamento que parece expropriar-me,

³⁴ «Aqueles que apascentam as ovelhas de Cristo com a intenção de as querer prender a si mesmos e não a Cristo, mostram que se amam a si mesmos e não a Cristo, movidos como são pela cobiça da glória, do poder ou do lucro, e não pela caridade que inspira a obediência, o desejo de ajudar e de agradar a Deus. Contra estes, a quem o Apóstolo censura, gemendo, o facto de procurarem os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo (cf. Fil 2, 21), a voz de Cristo ergue-se forte e insistente. Que outra coisa é dizer: *Amas-me? Apascenta as minhas ovelhas*, senão dizer: Se me amas, não penses em apascentar-te a ti mesmo, mas apascenta as minhas ovelhas, como minhas, não como tuas; procura nelas a minha glória, não a tua; o meu domínio, não o teu; o meu lucro, não o teu» (AGOSTINHO DE HIPONA, *In Evangelium Ioannis tractatus*, 123, 5; cf. também *Sermo* 147/A,2).

³⁵ É interessante, neste sentido, notar que um dos muitos modos com que *don* Giussani descreve a virgindade, entendida como experiência do espírito, é *relacionar-se com as coisas segundo a sua verdade* (é-me impossível dar a referência exata, pois a definição é retirada de escritos ainda não publicados e acessíveis apenas *pro manuscripto*).

³⁶ «Aquele que ama coloca-se, por isso mesmo, / Só por isso, na dependência / [...]. Dependente daquele que ama. / Mas é esta a situação, filha, em que Deus se colocou, amando-nos. / Deus dignou-se esperar em nós, pois quis esperar de nós, esperar de nós» (C. PÉGUÏ, *I Misteri*, Jaca Book, Milão 1997, p. 230).

³⁷ Comenta ainda Agostinho: «*Amas-me?* perguntou. *Senhor, tu sabes que te amo.* E ele: *Apascenta as minhas ovelhas.* Esta é a primeira vez, esta é a segunda, esta é a terceira; como se Pedro não tivesse outra maneira de mostrar o seu amor a Cristo senão sendo um pastor fiel ao Príncipe de todos os pastores. *Tu amas-me? Eu amo-te.* E qual será a tua correspondência ao amares-me? O que é que tu, homem, me vais oferecer ao teu Criador? Que prova darás do teu amor, tu redimido, ao teu Redentor, tu que és um soldado, ao teu Rei? O que darás? Só te peço isto: *apascenta as minhas ovelhas*» (Agostinho de Hipona, *Sermo* 147/A,1).

quem ganha sou eu, pois o fruto desta “re-entrega” é gozar cem vezes mais a relação com a mulher e os filhos – é um amar cheio de uma gratuidade, de uma atenção, de uma paciência e de uma fecundidade de outro modo impossíveis.

Se a tua resposta à graça é: «Aceito-Te. Sim, Senhor, eu amo-te». «Conduz na história o meu povo, respondeu-lhe Jesus, apascenta as minhas ovelhas». «Conduz na história o meu povo»: isto é mais do que o cêntuplo! Por isso, a ti, diz-te: «Se me fizeres o sacrifício de um amor sem retorno, serás decisivo para todas as pessoas que vão, que caminham para o seu destino, todas as pessoas que não sabes, que não conheces, que não sabes».³⁸

Assim, a resposta à belíssima pergunta que uma de vocês fez hoje: – como é que eu faço para ter um olhar não possessivo sobre as crianças que estão ao meu cuidado? – é esta: a memória. Mas a memória não como remédio para um medo: «Oh Deus, tenho medo de ser possessivo, por isso tenho de me lembrar que estes jovens não são meus»; mas sim a memória entendida como uma porta que me introduz numa posse mais verdadeira, mais pura, mas também mais intensa.

Don Giussani, como creio que muitos de vós sabem, deu o nome de *virgindade* a esta experiência de posse no desprendimento, que a memória de Cristo faz lentamente enraizar em nós. O que, entre outras coisas, significa: a virgindade, entendida *giussanicamente*, não é algo que só pode ser experimentado por quem é chamado à virgindade *no sentido estrito*, ou seja, no sentido vocacional do termo. Não, há um sentido em que a virgindade é o ideal de todos, mesmo daqueles que são chamados a constituir família, desde que a virgindade seja entendida no sentido acima referido³⁹ Ou seja:

³⁸ L. GIUSSANI, *Vivendo nella carne*, BUR, Milão 1998, pp. 213-214.

³⁹ «Uma pessoa começa a perceber que não pode amar – amar! – a pessoa da rapariga com quem estabelece uma relação de afeto, não pode respeitar a dignidade desse ser se não a olhar de uma certa maneira, com um desprendimento interior, se não viver a relação com um desprendimento interior, com um respeito interior, que tem o custo de rasgar, esperar,

não, antes de mais, um estado de vida, mas uma modalidade de relação com a realidade, que se abre a uma *posse mais plena desta*⁴⁰ – posse que é como uma antecipação do modo como Jesus via as coisas e as pessoas, as aves do céu e o lírio do campo, o rosto de João e o da samaritana.

Que modalidade? O próprio Senhor no-lo disse, na sua última grande oração ao Pai: «*Eles eram teus e Tu mos entregaste*».⁴¹

O que é que Jesus via, quando olhava nos olhos daquela mulher que chegou ao poço com a bilha na cabeça e o interpelava? No fundo do «poço profundo»⁴² daqueles olhos, cheios duma mal disfarçada melancolia, Jesus via o rosto do Pai, que Lhe confiava aquela mulher:

sacrificar, cortar, a coragem de parar, a coragem de favorecer a emergência de uma perspectiva mais global, em que o abraço que leva ao ser amado envolve o universo. Sentes o universo a apertar-te os cotovelos quando a abraças, porque é uma tarefa para o universo a tarefa que tens para com aquele ser, e se não tens nenhuma tarefa para com aquele ser, queres simplesmente dominá-lo, possuí-lo e mais nada (L. GIUSSANI, «La fede è un cammino dello sguardo», *30 Giorni*, n. 9/1995, p. 45).

⁴⁰ Por outro lado, uma leitura atenta dos textos (publicados) em que *don* Giussani fala sobre este tema (ver especialmente os volumes das *Quasi Tischreden*), mostra como a linguagem ousada de *don* Giussani não pretende de modo algum diminuir ou mesmo atenuar o aspeto de sacrifício que tanto a condição de vida celibatária como o matrimónio vivido cristãmente trazem consigo. Pelo contrário, o pensamento de Giussani sobre o assunto reflete – em perfeita fidelidade ao mais genuíno espírito evangélico e paulino – a lógica pascal, segundo a qual o *perder* e o *deixar* estão, no cristianismo, ordenados ao “encontrar multiplicado” – a mortificação à ressurreição: “Quanto mais se tem preferência, mais é preciso fundá-la no sacrifício, fundar essa preferência no Eterno, que é o Jesus de João e André. Porque o Eterno entrou no mundo onde existe aquilo que eu olho com preferência. Ele entrou no mundo com João e André, com Nossa Senhora, com José, da maneira que o evangelho descreve. Quanto mais se ama, quanto mais se prefere, mais se tem como que uma estranha necessidade de sacrifício. Que não é *por* Jesus! O sacrifício não é por Jesus, mas é pelas realidades deste mundo, para que sejam verdadeiras! Portanto, agora disse uma coisa bonita, que é a primeira vez que digo: quanto mais se ama, mais se tem preferência, mais se tem como que uma estranha necessidade de sacrifício para que surja o que vem “antes” na relação. E assim a relação mantém-se, torna-se verdadeira, cada vez mais verdadeira, e não desaparece mais, ou seja, torna-se eterna. E o Eterno, que entra na relação, na relação amada, faz dela um sinal, mas desta vez um sinal real, como um sinal mais próximo, por analogia, do sacramento, isto é, um sinal que traz em si a sua verdade. [...] Quanto mais se ama uma pessoa (ou uma coisa, o que é análogo), mais é preciso sacrificar, para que a pessoa amada se torne real, isto é, deixe um espaço no qual a presença que aconteceu – a presença do Jesus de João e André – entre na relação.» (L. GIUSSANI, *L'attrattiva Gesù*, BUR, Milão 2001, pp. 29, 33).

⁴¹ Jo 17,6.

⁴² Jo 4,11.

«*Eles eram teus e tu mos entregaste...*».⁴³ Daí o sobressalto, a emoção, o espanto que enchia os Seus olhos ao olhar para ela: uma emoção e um espanto como ela nunca tinha visto nos olhos de nenhum dos homens que a tinham amado – um espanto que penetrava no seu coração e era como se lhe saciasse a sede, como se lhe saciasse a sede, mesmo sem lhe dar “nada” (cf. Jo 4,10).⁴⁴ Aliás, não “como se”: saciou-lhe *efetivamente* a sede (como tinha sido prometido por Jesus: Jo 4,14!),⁴⁵ se foi verdade que a mulher «entretanto deixou o seu cântaro»⁴⁶ e correu para a sua aldeia a contar a todos o acontecido, como que esquecida da sede que a tinha levado ao poço...

*Jesus [observa Giussani em L'autocoscienza del cosmo] era como uma criança diante das pessoas: admirava a florzinha, admirava a erva, admirava o passarinho, admirava as crianças que brincavam, comovia-se com a mulher que chorava, compadecia-se de quem tinha feito mal. E foi certamente pelo modo como olhava para ela que Madalena veio ter com Ele. E foi certamente pela maneira como olhou para ela que Madalena veio ter com Ele. Ele olhava para as coisas como elas eram verdadeiramente: uma coisa é olhada como ela é, quando a vemos como Deus a vê.*⁴⁷

E noutro sítio acrescenta:

*Onde é que o eterno pode ser uma experiência do alguém?
No como te faz ver o teu pai, como te faz ver a tua mãe,
como te faz ver a mulher que amas, como te faz ver o*

⁴³ «Dei-te a conhecer aos homens que, do meio do mundo. Me deste. Eles eram teus e Tu mos entregaste e têm guardado a tua palavra» (Jo 17,6).

⁴⁴ «Respondeu-lhe Jesus: “Se conhecesses o dom que Deus tem para dar e quem é que te diz: “Dá-me de beber!” tu é que lhe pedirias, e Ele havia de dar-te água viva”» (Jo 4,10).

⁴⁵ «Replicou-lhe Jesus: “Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede; mas quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der há-de tornar-se nele em fonte de água que dá a vida eterna”. Disse-lhe a mulher: “Senhor, dá-me dessa água, para eu não ter sede, nem ter de vir cá tirá-la”» (Jo 4,13-15).

⁴⁶ Jo 4,28.

⁴⁷ L. GIUSSANI, *L'autocoscienza del cosmo*, BUR, Milão 2000, pp. 205-206.

homem que amas! Há um preço: um sacrifício interior, um abandono interior; parece um abandono, mas é um agarrar mais profundo que dá um resultado mais impressionante. [...] «Cem vezes mais» significa uma experiência mais intensa. Olhar para o objeto com respeito – com o respeito que nos mostra, pelo canto do olho, a presença de Cristo – faz-nos olhar, amar o objeto, «saltar» sobre o objeto a uma distância adequada, usar o objeto cem vezes melhor. Quem não fizer esta experiência não compreendeu o que é o cristianismo! Porque o cristianismo, dizia S. Paulo [Gl 2,20], é: «E a vida que tenho agora na carne [viver na carne significa pai, mãe, homem, mulher, filho, amigos;...], vivo-a na fé do filho de Deus [olho, sinto, uso a coisa como Cristo a olhou, sentiu, usou]». Isto traz uma utilização da coisa, um enriquecimento da coisa, uma luz sobre a coisa, um calor da coisa, uma calma da coisa, uma paz na coisa que é cem vezes mais do que todos os outros têm e do que eu teria tido.⁴⁸

Imagino que a maior parte de vocês nunca tenha tido a oportunidade de encontrar *don* Giussani ao vivo e de ter a experiência direta do seu olhar, do modo como nos olhava, do modo como olhava para tudo. Penso, no entanto, que todos ou a maior parte de vós já ouviu falar disto. Pois bem, se eu tivesse de dizer o que nele mais me *espantava*, diria que era *o seu espanto* – perdoem-me o jogo de palavras: o espanto com que nos olhava, com que olhava para tudo. O célebre exemplo do décimo capítulo d' *O Sentido Religioso* – imagina que abres os olhos pela primeira vez para o mundo com a consciência que tens agora – é, na verdade, um pouco o autorretrato de *don* Giuss. Vêm-me à cabeça as palavras com que Péguy descreve o génio de Victor Hugo:

Toda a força do seu génio vem quase exclusivamente dali: ele via o mundo não como um objeto conhecido, com um

⁴⁸ L. GIUSSANI, *Vivendo nella carne*, cit., pp. 187-188.

*olhar habituado, mas como o objeto primeiro de um olhar primordial.*⁴⁹

Não creio ser o primeiro nem o único a ouvir falar de como *don* Giussani, olhando para ti, te conseguia comunicar a sensação de seres, aos seus olhos, a coisa mais interessante e misteriosa do mundo – o primeiro e único rosto que ele tinha visto. Só que é demasiado fácil ficarmo-nos pelo simples golpe do facto, limitando-nos, na melhor das hipóteses, a atribuir a sua origem ao carisma “*extraordinário*” que Giussani recebeu de Deus. Sem dúvida que isto é em parte verdade. E, no entanto, como ele próprio me disse um dia, de forma quase mordaz, é uma experiência que pode ser feita por qualquer pessoa que viva seriamente a memória⁵⁰ – ou seja, quem quer que, olhando para o rosto da sua mulher, em vez de se deter na superfície do seu “bonito rostinho”, penetre até à raiz abissal de onde aquela face irrompe a cada momento, como um acontecimento sempre novo.

Uma anedota célebre diz tudo isto de forma admirável. Trata-se do encontro que Giussani teve, ainda jovem padre, com um ex-seminarista cínico que, tendo saído do seminário, tinha acabado por se apaixonar e depois casar. Permitam-me que vos leia um dos relatos do episódio que *don* Giussani nos deixou:

Lembram-se do meu amigo de Saronno? Havia um seminarista que era um tipo cínico, cético (já estávamos no liceu), tinha um riso sardónico estampado na cara, como dois pedaços de gelo, um riso sardónico com que gozava com toda a gente, desde o reitor até ao seu último companheiro, o único com quem falava debaixo das arcadas era comigo. De qualquer modo, no terceiro ano do liceu foi-se embora,

⁴⁹ C. PÉGU, *Véronique. Dialogo della storia e dell'anima carnale*, Piemme, Casale Monferato 2002, p. 26.

⁵⁰ «De facto, a palavra sacrifício não significa necessariamente dificuldade ou dor ou – melhor – renúncia, dificuldade enquanto renúncia. Não significa necessariamente isto. Significa fazer penetrar a memória de Cristo naquilo que se ama; então aquilo que se ama torna-se mais verdadeiro, porque penetrado pelo Eterno» (L. GIUSSANI, *L'attrattiva Gesù*, cit., pp. 33-34).

precisamente. Vinte anos mais tarde, eu estava em Saronno, na estação de Saronno [...], o comboio chega e, quando o comboio chega, sinto uma mão bater-me no ombro. Viro-me: era ele. Vinte anos mais tarde, com um sorriso um pouco mais atrevido: «Bom dia, professor, onde é que vai?» «Tenho de ir a Milão». «Olhe, eu tinha de ir a Varese, mas vou consigo a Milão, assim trocamos dois dedos de conversa». E veio comigo a Milão [...]. Ele estava ali, olhava lá para fora pela janelinha e eu observava que a sua silhueta estava diferente da de antes. E, de facto, começa exatamente assim: «Devo dizer-lhe que tinha razão – porque eu costumava dizer-lhe: «Mudas quando te apaixonares por uma rapariga» e ele ficava furioso quando eu lhe dizia isso no seminário – tinhas razão: apaixonei-me por uma rapariga de quem gosto muito há alguns anos, temos dois filhos; em suma, o que disseste tornou-se realidade: mudei». Mas, assim que disse isto – zás! – a máscara de ceticismo apareceu-lhe imediatamente na cara (de repente, porque se tinha tornado diferente) e disse: «Mas há uma coisa que, quando acontece, eu digo a mim mesmo: “Mas talvez eu tivesse razão”. Porque quando estou com a minha mulher e lhe repito certas palavras: “Adoro-te, para sempre, mais nenhuma, só tu, és a mais bonita do mundo”, dá-me para rir, dá-me para rir porque é mentira! É uma mentira: o senhor não tinha razão; não sei como resistir ao que diz, mas não é verdade porque é uma mentira, há alturas em que parece uma mentira!” E aí, num primeiro momento, fiquei um pouco atrapalhado. Logo a seguir, respondi-lhe qualquer coisa como isto: «Imagina que o rosto da tua mulher é como um ponto de fuga, um ponto que se abre no cenário do universo, e desse buraco vislumbra de onde vem a luz para tudo, que tudo ilumina e de onde vem o sopro que dá forma a tudo. Ou seja, olhas para a tua mulher como o sinal do Mistério, o sinal da outra coisa. Por isso, mantém o sentimento».⁵¹

⁵¹ L. GIUSSANI, *Si può (veramente?) vivere così?*, BUR, Milão 2020, pp. 556 e 557.

Percebe-se assim melhor por que é que para Giussani o drama da liberdade se desenrola, primeiro e mais do que em qualquer outro lugar, nas dinâmicas do conhecimento, tal como a Escola de Comunidade sobre o terceiro capítulo d' *O sentido religioso* nos fez recentemente reavaliar.⁵² Isto não significa de modo algum, como uma leitura descuidada dos nossos textos poderia sugerir, que Giussani não se preocupasse com a mudança, também ética, da pessoa. Significa, antes, que ele percebeu que o drama mais profundo da liberdade se situa sempre – e no homem de hoje mais do que nunca – no próprio ato de conhecer e de olhar, ou seja, precisamente ao nível daquilo que nos dá (ou não nos dá) a possibilidade de *conseguir ver*. Daí o facto de a ascese, para Giussani, ter a ver, antes de mais, com os olhos – é um caminho de apuramento do olhar⁵³ O resto é consequência.⁵⁴

4. «Uma nova fogueira»: a companhia vocacional

Último passo. «Padre Paolo, todas estas coisas são bonitas e desejáveis» – dizia-me uma de vós, com quem jantei há pouco tempo – «mas depois, quando me encontro no trabalho, diante da minha chefe, ou simplesmente a meio do dia, *sozinha* diante das circunstâncias, é como se me parecessem abstratas, isto é,

⁵²Cfr. L. GIUSSANI, *O sentido religioso*, cit., pp. 47-59.

⁵³«Para amar a verdade mais do que a nós mesmos, para amar a verdade do objeto mais do que a imagem que dele tivermos forjado, para essa pobreza de espírito, para esse olhar escancarado diante do real e da verdade (como o olhar da criança), é preciso um processo e um *trabalho*. Também aqui o processo fatigante se chama “ascese”» (L. GIUSSANI, *O sentido religioso*, cit., p. 59).

⁵⁴Não creio que seja um acaso, diga-se de passagem, que a vida hiper-tecnologizada e frenética típica das sociedades ocidentais contemporânea seja conotada com um pansexualismo proporcional à pobreza da educação para o silêncio e para a arte de contemplar. Com efeito, a castidade é um valor que só é compreensível para quem tem o gosto da contemplação, uma vez que é precisamente e só ao fazer este tipo de experiência que se aprende a *sentir* a distância como *meio de penetração* na profundidade das coisas e dos rostos, em vez de uma mera abstenção; como via para a posse saborosa em vez da amarga privação. Da mesma forma, o valor da virgindade não poderá ser senão um ultrassom para quem nunca foi iniciado por ninguém nesta experiência. Para aprofundar o assunto, permito-me remeter para: P. PROSPERI, «Do Not Hold Me: Ascending the Ladder of Love» – *Communio* ICR 45 n. 2 (Summer 2018).

impossíveis de viver». Nesse momento, tomei a liberdade de a interromper, para a impedir de perder pelo caminho a importância do que ela própria tinha dito: «Tens razão», disse-lhe eu, «*sozinha não vais a lado nenhum*». E, de facto, se lermos o prólogo dos estatutos da Fraternidade, que também incluímos na ordem do dia deste encontro, o que é que ali podemos ler? Qual é o objetivo da Fraternidade de CL?

A natureza específica do [...] carisma [di CL] pode ser assim descrita: [primeiro] – a insistência sobre a memória de Cristo como afirmação dos fatores dos quais nasce a experiência cristã, na medida em que dão origem à verdadeira imagem do homem [e disto parece-me que já falámos bastante]; [segundo] – a insistência sobre o facto de que a memória de Cristo só pode ser gerada pertencendo-se a uma comunialidade vivida.

Cá está: o olhar novo de que falámos não se aperfeiçoa vendo um *tutorial* no YouTube ou frequentando o curso de *self-coaching* deste ou daquele guru. A memória de Cristo, que é a verdadeira força motriz da mudança da nossa mentalidade, «não pode ser gerada» – diz Dom Giussani – «senão na imanência de uma comunhão vivida» (com todos os esclarecimentos feitos na assembleia).⁵⁵ Atenção: *don* Giussani não diz que a comunhão vivida gera a fé. A fé é-nos dada pela graça, por um acontecimento de graça que acontece como e quando Deus quer e que, objetivamente, se chama batismo.⁵⁶ Giussani diz, sim, que a imanência de uma comunhão vivida é necessária para gerar em nós *a memória*, ou seja, precisamente, como dissemos, a fé como princípio de um novo modo de estar na realidade.

⁵⁵ L. GIUSSANI, *A obra do movimento. A Fraternidade de Comunhão e Libertação*, cit., p. 243.

⁵⁶ Não é por acaso que o cego de nascença só recupera a visão depois de se ter lavado na piscina de Siloé (que significa *Enviado*, nota João: uma alusão ao Enviado do Pai, ou seja, Jesus?), Jesus «disse-lhe: “Vai lavar-te na piscina de Siloé” – que significa Enviado –. Ele foi, lavou-se e voltou a ver» (Jo 9,7). Como invariavelmente observam os comentadores de todos os tempos, há aqui uma clara alusão ao rito do batismo.

Em suma, é apenas no seio de uma comunhão vivida que a memória encontra o alimento e o apoio de que necessita para dar forma à vida.

Voltemos ao nosso “mergulho de Pedro”. É significativo que Pedro reconheça Jesus de pé na praia, não por si próprio, mas graças a um impulso do discípulo amado.

Que bonito: aquele que mergulha impetuosamente, como um amante que de repente vê a sua bela na multidão, é Simão. O ato de memória, o impulso do coração, é sempre pessoal: *é meu e teu*. Mas é como se não pudesse ser desencadeado sem a ajuda dos muitos Joões que o Senhor coloca ao nosso lado, como companheiros de caminho.

Outra passagem do quarto Evangelho, sempre com Pedro como protagonista, ilustra ainda melhor este ponto. Trata-se da famosa cena da tripla negação.⁵⁷ Entre os pormenores deste relato, convidamos a prestar especial atenção à fogueira junto da qual Pedro se encontra quando nega Jesus:

Disse-lhe a porteira: «Tu não és um dos discípulos desse homem?». Ele respondeu: «Não sou». Lá dentro estavam os servos e os guardas, de pé, aquecendo-se à volta de um braseiro que tinham acendido, porque fazia frio. Pedro ficou no meio deles, aquecendo-se também. (Jo 18,17-18)

Também neste caso, como é habitual, é bom e justo perguntarmos: por que é que João, depois de nos ter contado as duas primeiras negações, gasta um versículo inteiro a informar-nos de que os criados e os guardas estavam à volta de uma fogueira *por causa do frio* e que Pedro também estava ali com eles *para se aquecer*? O que é que isso nos interessa?

Torna-se claro, também aqui, que não se trata de um mero amor jornalístico. Não, João está mais uma vez a convidar-nos ler nas entrelinhas (com *os olhos da fé!*). Perguntemo-nos então: o que é que

⁵⁷ Curiosamente, João divide o relato do episódio em dois (não me alongo aqui sobre o porquê). Vamos deter-nos no primeiro “excerto”.

o fogo (ou mais precisamente a fogueira, ou seja, o fogo aceso pelo homem) representava na Antiguidade? A resposta, menos imediata para nós, modernos, é: a lareira é, para o homem antigo, sinónimo de casa. Onde há uma casa, há uma lareira, há fogo. Mas a casa é também o lugar onde o homem vive com a sua família, com os outros. O fogo passa então, imediatamente, a simbolizar aquele abrigo, aquela fonte de segurança que cada indivíduo encontra no seu clã. A verdadeira casa, a verdadeira lareira do homem, são os seus laços. O homem é relação, é um «animal social», dizia Aristóteles.⁵⁸ O que, pela negativa, significa: quando te encontras *sozinho contra todos*, quando não tens o apoio dos “*teus*”, para teres um lugar à volta da fogueira, vês-te, sem te dares conta, a negar até a tua própria mãe. Porque não consegues estar sozinho, faz demasiado frio. E o frio não só nos corta as pernas, como também nos tolda a vista...

Permitam-me uma breve *digressão* autobiográfica antes de terminar. Como alguns de vocês sabem, antes de ir para a América, passei cinco anos na Rússia. Pois bem, impressionava-me sempre, ao ouvir as histórias da minha velha professora de russo sobre os anos de Estaline, o facto de mesmo pessoas de elevada estatura – homens de letras, filósofos, cientistas – tivessem podido demonstrado tanto entusiasmo por Estaline e pelo seu regime. É claro que não se pode generalizar. E, no entanto, a ideia que eu tinha na altura era que pelo menos algumas dessas personalidades ilustres estavam de boa-fé. Algumas desempenharam certamente um papel por medo. Mas outras parecem ter sido sinceras. Como é que isto se explica? Na minha opinião, explica-se pelo facto de que, quando se está rodeado de pessoas que pensam *todas de* uma certa maneira, que nos dizem de manhã à noite que o verde é laranja, acabamos por nos convencer de que somos nós que estamos errados e que o verde é mesmo laranja, “laranjíssimo”! De tal modo é forte em nós não tanto o instinto de auto-preservação quanto a necessidade de comunhão.

Percebe-se assim a necessidade vital daquilo a que Giussani chama «imanência a uma comunhão vivida». Num mundo em que tudo conspira para nos convencer de que «os loucos somos nós» –

⁵⁸ Aristóteles, *Política*, livro I.

para citar o grande De Gregori,⁵⁹ é de facto impossível não acabarmos por nos adaptar e vivermos como toda a gente, se não tivermos uma “lareira alternativa”, capaz de aquecer com a sua chama o nosso coração até o fazer arder por amor de Cristo, custe o que custar; capaz de iluminar com a sua luz a nossa mente, de outro modo tão facilmente exposta a ficar à mercê de «qualquer vento de doutrina».⁶⁰

Não é por acaso que só existe outra lareira em todo o Evangelho de João, além daquela junto à qual Simão nega Jesus. É a lareira à volta da qual se reúnem os sete discípulos, convidados pelo Ressuscitado.⁶¹ Como que a dizer: aquilo que transforma Simão de vil renegado em intrépida testemunha do Senhor, capaz de dar a vida por Ele (cfr. Jo 21,18), não é apenas a “sua” fé individual no Senhor. É também a permanência naquela comunhão eclesial, que é o lugar concreto em que esta fé é continuamente atizada – o lugar concreto em que Ele continuamente se faz Presente, até ao dia do Seu Regresso.

Como devem ter reparado, o terceiro dos três pilares do carisma que estavam na ordem do dia não foi abordado. Por isso, gostaria de o lançar como uma provocação e um desafio (portanto, para ser meditado) também na preparação para a assembleia. Limito-me a lê-lo e a confiá-lo à vossa reflexão e talvez ao diálogo entre vós, até à assembleia de amanhã. Seria bom que surgissem também algumas ideias sobre este assunto. É como se nos mostrasse a outra face da moeda do ponto dois. O ponto dois era que a memória gera comunhão. O ponto três é a insistência no facto de que a memória de Cristo tende inevitavelmente a gerar uma comunhão visível e positiva na sociedade. Como que a dizer: a comunhão gera a memória e a memória, por sua vez, gera a comunhão.

⁵⁹ «Mas eu já não estou aqui», e os loucos são vocês / Todos pensavam com os seus botões / «O noivo enlouqueceu ou bebeu» (F. DE GREGORI, *Alice*, dall'Album *Alice non lo sa*, 1973 – It, ©Universal Music Publishing Group).

⁶⁰ Ef 4,14.

⁶¹ «Ao saltarem para terra, viram umas brasas preparadas com peixe em cima e pão. [...] Disse-lhes Jesus: “Vinde almoçar”. E nenhum dos discípulos se atrevia a perguntar-lhe: “Quem és Tu?”, porque bem sabiam que era o Senhor» (Jo 21,9.12).

Sábado, 25 de novembro

EXCEROTOS DA SEGUNDA ASSEMBLEIA

Giovanni. *Queria contar três coisas, a propósito do que se falou ontem, na assembleia e na lição. Faz hoje dois anos que nasceu o meu filho, o Matteo Enzo. Nasceu em condições desesperadas, porque a minha mulher, no oitavo mês de gravidez, teve um descolamento completo da placenta. Por milagre, ela salvou-se, mas para Matteo a situação era muito grave. Lembro-me de quando cheguei aos cuidados intensivos e o vi no berço, lindo, e a minha primeira reação foi: «O que te foi roubado!». Como médico, via o encefalograma, percebia um pouco qual era a situação e dizia: «Que injustiça que te foi feita!». Nessa noite, como não sabíamos como a situação iria evoluir, tínhamos dito ao médico-chefe: «Se ele piorar, batiza-o». Ele era ateu e estava sempre a dizer: «Não acredito, mas respeito. Está bem, está bem». Na manhã seguinte, conseguimos batizá-lo, o que foi uma coisa um tanto excepcional, porque estávamos no meio da segunda vaga de Covid. Veio batizá-lo um padre da San Carlo, o padre Luca Montini. Enquanto ele o batizava, eu estava a olhar para o eletroencefalograma e a minha visão era superficial, dizia: «Vá lá, faz o milagre. Vá!». Naquele momento, lembrei-me de um testemunho que ouvi nos meus anos de universidade: uma rapariga que, falando da sua mãe com um tumor, dizia que rezava pelo milagre da cura, mas depois tinha reconhecido que o verdadeiro milagre era a forma como a sua mãe tinha estado perante a doença e a morte. Então, ali, rezei para não perder nada, para ver tudo o que estava a acontecer. A graça foi esta: reparei na minha mulher que tinha dois olhos brilhantes (estava a ver o seu bebé pela primeira vez), em todos os amigos que tinham invadido a enfermaria, no meu filho que, nessa noite, quando me despedia dele (no dia seguinte íamos desligar as máquinas), pus o meu dedo na sua mão e ele apertou-o, e eu estava felicíssimo. Todos olhavam para mim como se eu fosse estúpido e eu dizia: «O meu filho apertou-me a mão!» Esta presença (nós, os nossos amigos)*

era tão forte que descobri que o médico ateu, agora, quando há uma família na mesma situação que a nossa, propõe o Batismo. A segunda coisa é que, quando nos lançamos no amor de Cristo, até o jugo é leve. Este ano descobrimos que estávamos à espera de um menino, o Manuel. A gravidez foi muito complicada desde o início; uma semana antes da possibilidade de vida extra-uterina, a minha mulher teve uma infecção no útero, daí a decisão de o retirar, porque senão teria morrido no espaço de meia hora. Lembro-me que nessa noite comecei a andar pela casa, para trás e para a frente, a toda a hora: pensava nela, no Manuel, no nosso filho Paolo, que tem quatro anos... Mas houve uma coisa que me marcou, porque naquela dor absoluta, eu ainda assim queria ser feliz e não conseguia, no torpor daquela circunstância, explicar isso a mim próprio, até que olhei para o meu filho Paolo. A minha mulher esteve acamada durante cinco meses e foram cinco meses pesados para o Paolo, pedimos-lhe muitos sacrifícios, mas tentámos de todas as formas que fossem para ele e não contra ele. Apercebi-me de que Deus fez exatamente a mesma coisa comigo, porque estava a olhar para os amigos do movimento que nos faziam companhia, e fazer companhia a pais que já perderam um filho, sabendo que podem perder outro, não é fácil. Mas nasceu este grupo de amigos, Memores Domini e padres, que nos pediam para vir jantar, em grupo ou sozinhos. E nesses jantares não falávamos da nossa situação, mas a minha mulher e eu dizíamos no fim da noite: «Respiremos». Porque eram tudo pessoas que olhavam para a mesma coisa que eu, eles na sua vocação, eu na minha. A minha vocação de pai, de marido, está em comunhão com a deles. Quando nos tinham dito que era necessário operar a minha mulher, ela, que estava clinicamente quase a morrer, apoiou-se sobre os cotovelos diante do ginecologista que a assistia e que a iria operar daí a pouco, com a consciência de que a criança que trazia no ventre iria morrer, agradeceu-lhe e disse-lhe: «Decidimos dar-lhe o nome de Diego como segundo nome, como tu, pela companhia que nos fizeste». Ver isto, para mim, já era um sinal de que Deus vence a morte. A última coisa, o que disseste sobre o grito. O nosso filho Paolo, quando a minha mulher chegou do hospital, nos primeiros vinte minutos contou-lhe todas as coisas boas que tinha feito enquanto ela esteve fora, depois

olhou para a barriga e disse: «Mas nasceu o meu irmãozinho?». E ela: «Sim, mas foi para a casa de Jesus». E aí foi como uma bofetada na cara dele, porque, depois da morte de Mateus, ele esperava, com a consciência de um menino mais crescido. Durante um mês, a raiva absoluta (o grito): começava a dar pontapés nas coisas, vinha e dizia: «Diz-me que sou mau!», «Mas tu não és mau», «eu preciso que me digas que sou mau, porque assim sei porque estou zangado». E ia ter com os outros e dizia: «Jesus fez uma coisa má: levou o meu irmão». Até que, uma vez, ele estava no sofá com a minha mulher e disse-lhe: «Mamã, pede a Jesus que me dê outro irmãozinho». E ela: «Olha, a barriga da mamã já não pode ter mais irmãozinhos». E ele: «Bem, ele há-de arranjar uma maneira». Então a minha mulher diz: «Por que não lhe pedes tu?» «Estou a ver os desenhos animados, estou ocupado». Como o assunto não se colocava, dois dias depois ela levou-o para a cama e ele disse: «Mamã, fica aqui». Foi até à nossa, onde há um quadro da Sagrada Família, e a minha mulher ouviu-o dizer: «Jesus, não faz mal que tenhas levado o meu irmãozinho, não faz mal, mas eu peço-te outro irmãozinho. Tu decides como e quando». Depois para e diz: «E obrigado por me teres trazido a mamã para casa!». Fiquei espantado porque o meu filho tinha uma clareza na sua relação com Deus de uma familiaridade, de uma paternidade, para a qual eu olhava, porque muitas vezes nos acontece escondermo-nos e dizer: «Sim, está bem, foi para junto do Senhor», como se fosse um lenitivo para a dor. Mas o meu filho tem esta liberdade de se zangar no seio de uma relação de filiação, que o fez dizer a verdade: «Tu é que decides» e «Obrigado por a mamã estar em casa».

Padre Paolo Prosperi. Obrigado, Giovanni. As crianças, que mistério são as crianças! Queria conhecer o teu filho. Também eu, quando era pequeno, me zangava assim com Jesus...

Belen. Ontem deixaste como pergunta para esta assembleia o terceiro ponto dos Estatutos da Fraternidade: «A insistência sobre o facto de que a memória de Cristo inevitavelmente tende a gerar uma comunialidade visível e propositiva na sociedade». A minha reacção foi: «Eu não tenho nada a dizer, porque me parece que não gero nada

na sociedade». Isto deixou-me com uma amargura e uma pergunta. Para mim, pensar na sociedade e no mundo significa, antes de mais, pensar no local onde trabalho: um fundo de investimentos que desenvolve projetos de energias renováveis. É um trabalho de que gosto muito, mas é um mundo onde tudo é performance e dinheiro. Eu, de manhã, digo sempre: «Deus, aqui estão as minhas mãos para que Te conheçam». É só por causa do olhar de Cristo que recebi e que recebo sobre mim, que todos os dias me apercebo que não estou ali para ganhar dinheiro, mas para a felicidade das pessoas. E isso dá origem a um novo olhar sobre as pessoas, por exemplo, faz-me partilhar o que sei com os outros, para que aprendam o trabalho, o que não é habitual. Verdadeiramente, da memória de Cristo nasce um novo olhar. Mas parece-me que isso não muda nada nos outros, nem gera uma comunialidade «visível e propositiva». O que é esta «comunialidade propositiva» na realidade em que cada um de nós se encontra? E qual é a ligação com a missão?

Padre Paolo Prospero. Ótima pergunta. Obrigado, Belen. Penso que esta é uma questão que muitos sentem.

Angelo. Ontem dissemos que a memória de Cristo não pode ser gerada senão na imanência de uma comunhão vivida. Portanto, é necessária uma comunhão para viver a memória. Isso para mim é muito verdadeiro, sobretudo em dois pontos: a relação com a minha mulher e o grupo da Fraternidade. Parece-me, no entanto, que muitas vezes a nossa comunhão não gera uma proposta visível e presente nos nossos ambientes, como já foi referido. Então, o que é que falta? Faço esta pergunta porque penso que o tema da “presença nos nossos ambientes” é uma das dimensões do nosso carisma que mais precisamos de recuperar. Sobre este aspeto, gostaria de ler uma passagem de Giussani tirada do livro que citaste no início, *Certi di alcune grandi cose*, que na minha opinião é uma descrição revolucionária do que significa estar presente: «A presença surge como uma humanidade mudada: a presença é algo que perturba a situação através de uma perturbação presente na nossa vida. É porque algo me perturba que eu mudo, e esta minha mudança perturba a situação em que me

encontro». E depois é lindíssima a forma como conclui, algumas páginas mais à frente: «A presença é o gosto com que vivemos a nossa experiência de fé» (p. 10). Impressiona-me que, ao contrário da nossa mentalidade, a presença não seja uma atividade, mas uma passividade. E isto, para mim, está também ligado àquele advérbio «inevitavelmente» do terceiro ponto da introdução (a memória de Cristo tende inevitavelmente a gerar uma comunialidade visível e propositiva na sociedade).

Padre Paolo Prospero. Desculpa, mas eu sou a favor do *et et* católico. Por isso, quando ouço dizer que «não é» uma atividade, torço imediatamente o nariz (desculpa: não estou zangado consigo, é apenas a forma como te exprimes que me incomoda...). Por que é que não é uma atividade? É *também* uma atividade, pelo contrário! Não se trata apenas de passividade. Caso contrário, somos luteranos, não católicos. É *sobretudo* passividade, claro, mas é *também* atividade. Melhor: é uma passividade ativa, um ativo que se torna passivo. Aquilo a que ontem chamámos “recetividade”, na verdade, é isso mesmo: um ativo abrir espaço em mim para a ação de Outro – em que o adjetivo *ativo* sublinha que há liberdade envolvida, uma *energia* de liberdade. O que é a fé – o que é *sobretudo* a esperança – senão um *ativo* dar espaço em mim para um Outro? A esperança é passiva? Sim e não! É passiva porque, quando esperas a ajuda de Deus, deixas que seja Ele a fazer. Mas este «deixar fazer» é ativo. De facto, por vezes é muito difícil! Ou estou enganado? Em suma, uma mulher, para receber a semente que a torna fecunda, não é de todo simplesmente passiva. Ela é ativa (espera-se!) nesse receber. *Et et*: é uma sinergia de graça e de liberdade. Deus permite-nos pôr algo de nós (e isso também é um dom). Talvez voltemos a este assunto.

Michela (nome fictício, ndr). *Antes de vir aqui para Assis, aconteceu uma coisa no trabalho que me comoveu e a lição de ontem fez-me novamente recordá-la. Trabalho em estreita colaboração com um juiz. Nos últimos dois anos, depois de se ter apercebido da seriedade do meu trabalho, começou a relacionar-se comigo e, de uma estima profissional, nasceu uma estima humana, pelo que cheguei até*

a convidá-lo para um encontro do nosso centro cultural. Não só veio, como convidou também outros colegas. Durante este tempo, apercebeu-se de que eu sou cristã. E ele é o mais afastado possível do cristianismo e de qualquer tipo de socialidade. No outro dia, marquei férias para vir aqui e, na quinta-feira (que é dia de audiência e ele faz especial questão de que eu esteja presente), a meio da tarde, tinha de me ir embora. Ele sabe e convida-me para almoçar, juntamente com uma estagiária. Pergunta-me onde é que eu vou desaparecer durante dois dias e eu digo-lhe que vou a um convívio com jovens de toda a Itália. A estagiária diz: «Sim, vai com os de Comunhão e Libertação». Então ele, como pessoa um pouco antissocial que é, diz-me: «Mas como é que consegues ir com toda aquela gente? Eu dava em doido!». Então eu digo-lhe: «Olha, eu vou porque para mim aquele lugar, a companhia do movimento, os meus amigos, são um lembrete para aproveitar verdadeiramente a vida». Depois ele pede-me para contar o que aconteceu aqui em março e eu começo a contar em geral. Ele interrompe-me: «Não, não, especificamente. De que é que falaram?». Tento falar-lhe do tema do trabalho, desde a escravatura do Egito até à escravatura de hoje, da sociedade do desempenho, do self-made man... A certa altura, diz-me: «Mas isso é a minha descrição, e não é só do trabalho, é de todas as áreas, das relações, da conceção de mim, da relação com os colegas». E depois acrescenta: «E então, como é que nos libertamos desta escravatura?». Eu começo a balbuciar...

Padre Paolo Proserpi. Vem e vê!

Michela. Eu começo a balbuciar qualquer coisa e, a certa altura, lembro-me de um episódio que tinha acontecido no trabalho e que tinha envolvido o escritório e a ele também. Conto-lhe o que me ajudou a abrir bem os olhos em relação a uma colega e a reconquistar, dia após dia, o prazer de ir trabalhar. Falo-lhe desta companhia, dos meus amigos e do trabalho que ajudamos uns aos outros a fazer e a viver. Ele exclama: «Que coisa, eu gostava de ser como tu!». E a estagiária, que até ao segundo anterior parecia querer apenas pôr-me na berlinda, diz: «Eu também». E o juiz continua: «Mas eu perce-

bo isso em ti porque és...», e a estagiária diz: «Ela é otimista». E o juiz: «Não, não é otimista, é algo mais, é realmente uma posição em relação à vida. Mas isso, para alguém como eu, é impossível». Eu tento dizer-lhe: «Olha que não é uma capacidade minha, não é um esforço de positividade», mas ele acaba a conversa assim: «Eu tenho uma propensão para o mal». Portanto: esta coisa é boa para ti, mas não tem nada a ver comigo. Voltamos ao gabinete, e passados dez segundos ouço o juiz a gritar o meu nome. Vou ter com ele e ele fala-me de um problema de trabalho que acabou de acontecer: «Estou tramado. Agora, tendo em conta o almoço que tivemos e a posição que tens, diz-me como é que eu devo encarar isto». Aquilo comoveu-me, por várias razões. A primeira reação foi: «O que encontrámos é realmente para todos, porque até tu, que até à um segundo atrás, me dizias que não é para ti, em relação ao problema concreto não pudeste senão voltar para onde viste uma posição desejável e atraente». No dia seguinte, era quinta-feira, e a meio da audiência despedi-me e ele olhou-me de forma séria: «Bom Assis». Isso impressionou-me bastante. Volta-se para mim e diz-me: «Depois tens de me dizer como correu». Comove-me, porque cada vez mais nos apercebemos que aquilo que encontrámos é verdadeiramente para todos, tem um alcance verdadeiramente infinito. E depois, pela gratidão pelo sítio aonde pertença. Isto deu-me o gosto de voltar aqui. A verdadeira beleza deste sítio é também um novo desejo. E penso que tem a ver com a comunidade, porque esta comunidade gera cada vez mais em mim uma liberdade de ser quem sou. Parece-me que este é o maior fruto e aquele que vejo crescer ao longo do tempo. E através dessa liberdade há alguém que se torna presença e proposta para todos.

Padre Paolo Prospero. Só um breve comentário. A primeira resposta que se deve ter diante dum facto tão bonito, é olhá-lo com espanto. Há, no entanto, naquilo que ela disse também a descrição de uma dinâmica que, a meu ver, ajuda a esclarecer a questão colocada pela.

Passo a explicar. Poder-se-ia dizer, depois de ouvir o discurso de Belen e este: «Bem, a Michela tem sorte, a Belen um pouco menos. À Michela correu bem, à Belen não. Tudo depende um pouco das

circunstâncias, um pouco da vontade inescrutável do Mistério de nos usar ou não. Ponto». final”. Mas será que é só isso que há para dizer? Ou será que a nossa liberdade também está em causa e, em caso afirmativo, em que sentido? Obviamente, não é preciso dizer que não somos nós que podemos produzir um acontecimento como o que aconteceu com a Michela. A questão, porém, é outra. A questão é saber se a nossa liberdade pode colaborar com a Graça, “criando” as condições para que tal acontecimento se produza (voltando ao *et et* católico!). Ora, parece-me que naquilo que a Michela contou há também, não só a história de um “pequeno milagre” (também), mas também uma interessante indicação de método. De facto, primeiro passo: o que é que desencadeou toda esta escalada? O que desencadeou a escalada foi o facto de a Michela ter decidido vir a Assis, deixar o seu trabalho por dois dias e vir para cá. Foi isso que provocou uma inevitável “perturbação” no ambiente de trabalho da Michela, para usar a expressão do nosso amigo de há pouco. A perturbação é o facto de haver uma rapariga “que faz carreira”, aspirante a magistrada, que pega em si e se vai embora, correndo o risco de se expor à incompreensão do seu chefe. Bem, segundo passo: o que é que tornou possível esse risco? O que é que o tornou possível? Foi ela própria que o disse: o que a libertou do medo e a levou a correr o risco foi a sua *estima por este lugar*, a sua ligação a um lugar que reconhece como precioso para a sua vida – tão precioso que decidi tirar um ou dois dias de férias para vir aqui: “A primeira experiência de Assis foi para mim uma tal fonte de novidade”, disse a Michela a si própria, “que percebi que ir lá está certo, não é tempo tirado ao trabalho. Eu preciso de ir a Assis precisamente para ser mais eu própria aqui no trabalho. Por isso, vou e logo se vê.

Terceiro passo: o que é que isto tem a ver com a frase de Giussani sobre a qual incidia a pergunta de Belen? Tem tudo a ver, porque nessa frase Giussani não só fala de dois frutos distintos da *memória*, mas também os ordena. Primeiro diz que a memória de Cristo tende inevitavelmente a gerar uma *comunhão visível*, e depois diz que essa *comunhão visível* se torna *propositiva na sociedade*. Os adjetivos seguem-se: primeiro diz “visível” e depois diz “propositiva”. Aqui está: a intervenção da Michela é como se nos ilustrasse em ação a pro-

gressão e a relação de “causa-efeito”, por assim dizer, que liga os dois aspetos da comunhão gerada pela memória. A *memória* do convívio de março (primeiro momento) fez com que a Michela decidisse vir aqui, ou seja, afirmar *visivelmente* a sua pertença à nossa comunhão (segundo momento); e esta afirmação, sem que ela o quisesse, traduziu-se espontaneamente numa proposta, numa “perturbação” do seu local de trabalho. A intencionalidade, portanto, não foi inicialmente algo acrescentado ao facto de ela ter afirmado visivelmente uma ligação, mas foi o fruto espontâneo da sua “confissão”, por assim dizer, dessa ligação. «Vou-me embora», disse a Michela no escritório. E eles: «E onde vais?». Então ela começa a contar-lhes...

E há um segundo ponto que gostaria de salientar, porque também me chama a atenção. Por que é que a Michela começa a “contar”? Porque é que não se limita a inventar uma desculpa qualquer? E sobretudo: porque é que a sua história impressiona quem a ouve? Pela mesma razão pela qual a Michela decidiu ir a Assis: porque tem a certeza do valor daquilo que viveu e sentiu no nosso primeiro convívio, a tal ponto que se põe a falar do “lava-pés” ao seu chefe, que, se bem entendi, nem sequer é católico...

Voltamos assim à questão da relação entre espanto e generatividade. Tornamo-nos testemunhas na proporção do espanto que nos preenche. Não há nada a fazer, é assim: «A boca fala do que está cheio o coração», dizia Jesus.

No entanto, o que eu queria sublinhar é que “ser proativo” não é, antes de mais, uma questão de fazer coisas, de inventar sabe-se lá que iniciativas (sem diminuir em nada a importância das iniciativas, se as houver, melhor!). A primeira maneira de ser proativo é afirmar corajosamente a nossa pertença, aquilo a que estamos ligados. Num mundo dominado pelo individualismo e pelo cálculo, não será esta coragem o testemunho mais perturbador?

Francesco Cassese. Não percebi se estás a sublinhar a afeição ou o estarmos prontos a deixarmos o trabalho para...

Padre Paolo Prosperi. São as duas faces da mesma moeda, não é? Por que razão é que Pedro deixa o barco, as redes e os peixes?

Porque Jesus está na margem. É o afeto por Cristo que leva Simão a deixar o barco. O que não quer dizer que o barco não lhe interessa. Quer dizer que Cristo lhe interessa mais, porque Cristo é Aquele que salva e dá sentido a tudo, incluindo aquilo que ele faz quando está no barco. O que me permite voltar ao ponto da relação entre atividade e passividade, que antes deixámos um bocadinho de lado: «Não é só passividade, é também atividade», dizíamos. Pois bem, a experiência vivida pela Michela lança uma luz interessante também sobre esta relação, sobre este entrelaçar de passividade e atividade, que é como que a trama da nossa relação com Cristo. De facto, no início da decisão da Michela de vir a Assis, o que é que está? Está um convite recebido e, ao mesmo tempo, a recordação de ter sido tocada pelo que tinha vivido em março. No início, há, portanto, uma “passividade”. Mas, neste momento, entra em jogo a liberdade, a energia ativa da liberdade: a Michela também podia decidir não vir. Podia dizer a si própria: “Seria bom ir, mas desta vez seria melhor ficar no escritório, dado o ambiente que se respira”. Em vez disso, não o fez. Decidiu o contrário, mesmo sabendo que a sua decisão poderia ter consequências desagradáveis. De facto, o seu chefe, instigado pela colega, poderia ter-lhe dito: «Ei, olha que não estamos aqui a brincar...».

Por isso: passividade e atividade não se opõem. Pelo contrário, uma “desperta” a outra. A admiração gera o afeto e o afeto dá asas à liberdade, dá-lhe a vontade de arriscar, mas sem a obrigar a levantar voo. A decisão da liberdade continua a ser uma decisão da liberdade. Uma pessoa diz sim, outra diz não. Uma pessoa diz sim num dia. No dia seguinte, diz não. É o drama da liberdade.

Salvatore. *Primeiro facto. Nestes últimos tempos, o trabalho está numa confusão, no sentido em que temos de concluir uma série de obras no prazo previsto, e fui vi-me obrigado a contratar pessoas novas, incluindo estrangeiros. Apercebi-me de um facto, até olhando para outros empreiteiros, que há uma forma diferente de olhar para estes novos contratados, porque como a questão é concluir os trabalhos a tempo, eles podem tornar-se “carne para canhão”: «Têm de trabalhar. Não importa como, têm de trabalhar». Mas eu descobri*

continuamente um grito: perante os novos, é-me pedida paciência para lhes ensinar italiano, ou para me meter precisamente a ensiná-los o ofício. Para mim, não são carne para canhão, mas alguém que me é dado, porque tudo isto é fruto de uma educação que eu recebo continuamente nesta história. Segundo facto. Fizemos a Recolha de Alimentos e houve uma apresentação, onde o presidente do Banco Alimentar da nossa região nos leu uma carta de uma voluntária que, no ano passado, tinha ficado muito impressionada com a relação que teve com um homem negro que estava à porta do supermercado. No final do dia, esse homem, tocado pelo olhar desta voluntária, começou por abraçá-la e depois também ele ofereceu algo para a Recolha. No sábado, também fui fazer a Recolha e encontrei uma mulher negra que estava ali a pedir esmola. Tendencialmente, isso é um aborrecimento para mim... Mas desta vez, tive mesmo o desejo de lhe perguntar como se chamava, de onde vinha, e acabei por convidá-la para fazer a Recolha. São dois factos muito banais para mim, mas apercebo-me de que o ponto essencial que estou a descobrir este ano é o tema da pertença, respondendo continuamente à pergunta: «Mas eu, de quem sou?». E quando digo «de quem sou», tenho bem presente o exemplo que o Padre Paulo dava ontem em relação a Pedro, que corre deixando as redes, de tal modo que sou continuamente obrigado na minha vida a dizer a mim mesmo: «Para quem corro, deixando tudo para trás?» Isto é um tema dos meus dias, e é por isso que consigo dizer que toda a experiência que faço no movimento é a proposta de um aumento de uma afeição por Aquele que verdadeiramente me devolve a minha pessoa e o meu coração. Depois, surge em mim uma coisa muito interessante, tanto que me envolve nos factos da realidade. Parece-me que o tema – mesmo hoje em dia – não é a experiência da comunidade, mas a experiência da comunhão. Não nos é pedido um certo nível de agregação, mas a experiência da comunhão, que não é ditada pelo facto de tu e eu estarmos juntos, mas sim de nos redescobrimos juntos. Isto para mim é libertador, porque diante dos meus trabalhadores, mais do que diante daquela senhora que pedia esmola, estou eu, mas o que é que me permite estar assim, senão a comunhão? Esta experiência de comunhão abre-nos à descoberta de que a realidade é algo que me é dado, precisamente a mim,

pelo que a relação com o instante se torna relação com o Mistério através das circunstâncias.

Federica. *Nas férias, provocada por uma conversa com o meu pai que me dizia: «Ninguém bate Deus em generosidade», perguntei ao Padre Paolo: «Se isto é verdade, então porque é que ele não me realiza no lugar onde eu estou?». A pergunta surgiu do facto de que, para seguir a carreira que tinha iniciado, teria de passar muito pouco tempo em casa, o que tornava a família e a carreira incompatíveis. Respondendo à minha pergunta, depois de citar o episódio contado por Pier Paolo Bellini, o Padre Paolo indicava que eu tinha de viver o que me era dado: «A prioridade é a família, por isso é-te pedido que faças esse sacrifício, começa por aí, depois, se o Senhor quiser, dar-te-á também a oportunidade de voltares a fazer o trabalho de que gostas...». Ao princípio, fiquei zangada com esta resposta, porque não era a que eu esperava. Claramente, isso não me resolvia a questão, mas a posição de raiva era a mesma que eu tinha mantido durante todo o ano e, seguramente, não me tinha ajudado a viver. Decidi então olhar para esta possibilidade que o padre Paolo me sugeria e comecei a empenhar-me ainda mais naquilo que tinha de fazer, que era cuidar da casa. Um dia, ocupada com várias tarefas, fui atravessada por um pensamento: há dois anos, vivia e trabalhava no estrangeiro, estava no centro do mundo, e agora estava na humildade das pequenas coisas quotidianas. Isto impressionou-me sobre mim, porque me confrontou com a minha capacidade de ser humilde, algo que eu pensava não ter dentro de mim. E assim ganhava força, talvez pela primeira vez, o facto de eu não coincidir com o que faço e que, paradoxalmente, uma “não carreira” me dava mais de mim do que um emprego me poderia dar. Depois lembrei-me do testemunho de dois amigos que nos contaram, nas férias, que na sua vida conjugal, que também era marcada pela doença da filha e pela dureza do trabalho, ao fim do dia perguntavam a si próprios: «Onde é que O encontraste hoje?», para se ajudarem no casamento e nas dificuldades, para verem o Seu sustento. E eu tentei fazer o mesmo. Quando o meu marido chegou a casa do trabalho, fiz-lhe a mesma pergunta.*

O meu marido gere a quinta da família, por isso tinha regressado bastante cansado, e fiquei muito surpreendida porque ele respondeu apontando para mim com a cabeça. Naquele momento, vislumbrei os sinais da minha conversão: através de um desmoronamento do meu ego, mas não do meu eu, apercebi-me da grandeza da graça que me estava a acontecer. Percebi que era capaz de ser humilde (no sentido franciscano da palavra) e que amar é servir. Num jantar com amigos, senti a necessidade de lhes dizer isto. E eles perguntaram ao meu marido o que achava de tudo aquilo, e ele, que é realmente de poucas palavras (além disso, aproximou-se do cristianismo recentemente, no casamento comigo), respondeu: «O que é a divindade se não alguém que te espera e se prepara para ti?». E assim, esta ferida em relação ao trabalho (que não é isenta de dor, na verdade ela está sempre lá, viva e ardente) está a tornar-se a possibilidade de uma relação, algo que antes me dilacerava; agora dá-me a possibilidade de não voltar a vociferar: este grito é dirigido a Alguém.

Padre Paolo Prospero. Obrigado.

Michele. Queria contar uma experiência que me parece ter algo a ver com o facto de que a memória de Cristo e, portanto, a consciência renovada de ser filho, colocando-nos naquela posição de que o Padre Paolo falou ontem, de vulnerabilidade e de humilde recetividade à escuta, conduz a uma forma de presença. Sou médico de família, trabalho numa pequena cidade e todos os meus doentes têm como língua materna o alemão. Este ano, por acaso, fui cantar ao funeral de um dos meus doentes e apercebi-me de que tudo isto era simplesmente seguir o que estava a acontecer. Era um doente que eu acompanhava para controlos muito simples; o seu cancro tinha-se agravado, pelo que, nos últimos dois meses, estive em sua casa quase todas as semanas a acompanhá-lo com cuidados paliativos. Uma vez, foi na terça-feira antes da Páscoa, fui vê-lo porque tinha de lhe mudar o cateter, coisa que já tinha feito tantas vezes, só que tentei muitas vezes e começou a sangrar, por isso disse: «Espera, vou chamar uma enfermeira para me ajudar». Enquanto estou à espera da enfermeira, sinto vontade de lhe cantar qualquer coisa. Chega a enfermeira,

eu mudo o cateter, vou para casa e pronto. Na terça-feira depois da Páscoa, regresso ao trabalho e as enfermeiras dizem-me que ele morreu. Nessa mesma manhã, aparece uma doente que me diz: «Sou muito amiga da mulher dele. Ela disse-me que cantou para ele e que tem uma voz muito bonita». No caminho para casa, ligo à minha mulher e digo-lhe: «Gostaria de propor aos familiares cantar aquela canção no funeral». No dia seguinte, na Escola de Comunidade, falo com um amigo, peço a um guitarrista se me pode acompanhar e ele diz-me logo que sim. À noite, envio o texto da canção a um amigo de língua alemã; na manhã seguinte, acordo e tenho o texto traduzido. Preparo as folhas para entregar na igreja a todos os presentes. No dia seguinte, seria o funeral, ligo à família, faço-lhes a proposta, dizem que sim. Assim, canto no funeral e foi uma coisa impressionante: estavam lá muitos dos meus doentes e apercebi-me de que passei a vê-los como irmãos e irmãs e parece-me que a forma como olham para mim também mudou. Alguns dias depois, a mesma enfermeira do cateter veio à clínica e disse-me: «Voltei àquela casa, contaram-me o que aconteceu e desatei a chorar». E ali nasceu um belíssimo diálogo sobre o coração: «Mas o que é que te comoveu tanto que te fez chorar?». Quando estamos diante da verdade.

Padre Paolo Prospero. Obrigado.

Francesco Cassese. Esta cadeia de amigos que nos dizem “sim”, o guitarrista, o tradutor, e depois vamos ao funeral e cantamos, e depois novamente a enfermeira que se desfaz em lágrimas... Bem, quando ouvimos estas histórias, é importante compreender que não são histórias normais. Estamos tão imersos nesta companhia que corremos o risco de considerar normais episódios que não o são de todo. Esta iniciativa e depois a cadeia de pessoas, de disponibilidade, de afirmação do outro: porque é que isto é importante? Porque o que seria terrível era sermos o meio através do qual o Mistério chega à enfermeira – que se apercebe desta “estranheza” e, de facto, desata a chorar, comove-se diante desta excepcionalidade – e perdermos nós o gosto e o espanto que surgem quando O vemos em ação. Tu não fizeste nada, a não ser dizer este “sim”, dar

esta disponibilidade. Mas a história que contaste é extraordinária, fala-nos de uma Presença muito maior do que nós. A isto chama-se *fé*, ou seja, a um certo ponto podemos dizer: «Mas quem és Tu, que geras uma experiência assim?».

Paola. Tudo o que dissemos uns aos outros dá-me um sentido de responsabilidade que, por um lado, cria também aquela ansiedade do desempenho... por exemplo, agora, na dinâmica daquilo que o Michele nos contou, há tantos “sins” e não é normal... porque muitas vezes nós dizemos “não”. E isso deixa-me particularmente ansiosa, porque penso em tantos na nossa história que a dada altura se foram embora, e em quantos, pelo contrário, estão nesta história precisamente por causa desse espanto, dessa humanidade diferente, dessa coisa que “não é normal”. Isto está a questionar-me muito. Sinto esta responsabilidade sobre mim e, no entanto, digo: é verdade, muitas vezes estou diante do meu marido, dos meus colegas, dos meus filhos com o rosto transfigurado, mas outras vezes não. Compreendo que estar imersa na companhia me ajuda a ter o rosto transfigurado, mas também é verdade que há alturas em que não é assim e isso incomoda-me. Quero perceber bem o que é esta responsabilidade. Tu falaste um pouco disso quando falaste de passividade e de atividade, mas não quero ser a moralista do costume, do “tens de”, mas sinto este anseio.

Padre Paolo Prosperi. Claro que sim.

Marco. Ontem, na passagem sobre a criatividade, dizias que «é o fruto espontâneo e o resultado imprevisível da tua abertura». E isso é claríssimo. O exemplo sobre a preparação à distância também é muito claro, por isso lê as leituras não para pregar, mas porque te serão úteis. Mas depois dizes: «Quando temos responsabilidades, a preocupação de querer comunicar destrói tudo». Mas há alturas em que temos responsabilidades: estou a pensar nos filhos, no trabalho... Como é que estas duas coisas se conjugam?

Padre Paolo Prosperi. Ele diz: não há problema em não nos preocuparmos com o resultado imediato daquilo que fazemos, mas

se nos é dada uma determinada responsabilidade, se me é dada a responsabilidade de um certo assunto, de uma certa pessoa, então é inevitável que eu sinta todo o peso dessa responsabilidade. Aliás, se não o sentir, se não sentir algum medo e tremor perante essa responsabilidade, se não sentir também uma justa “vontade” de fazer bem, isso significa que não estou interessado no bem da coisa (ou da pessoa), nem me preocupo muito com Quem me confiou essa responsabilidade. Por isso, tudo bem com essa história do espanto e da preparação remota. Mas depois, perante a tarefa – que é, por exemplo, um filho que não quer estudar – não se pode deixar de sentir vontade. Então, como é que se sai desta situação? Era este o ponto?

Marco. É isso.

Padre Paolo Prosperi. Muito bem.

Francesco Cassese. Vou tentar, desajeitadamente – aviso desde já –, resumir um ponto emergente. Trata-se de uma questão que não surge apenas da extemporaneidade da assembleia de hoje. Parece-me, antes, uma questão que está a fazer o seu caminho ao longo destes meses, como um fruto inesperado – pelo menos no que me diz respeito – da experiência que estamos a viver. Sentimo-nos objeto de uma preferência. Assim, fomos introduzidos na experiência da memória do Senhor. Esta preferência e esta memória estão de alguma forma a fazer vir ao de cima a palavra *responsabilidade*. Sentimos que a experiência que estamos a viver traz consigo uma promessa: a promessa de realização da nossa vida, mas também a promessa para o mundo todo. Este é o primeiro elemento que sublinho, porque o considero um belo sinal: este desejo de que a Presença que encontrámos seja conhecida por todos. No entanto, esta *responsabilidade* confronta-se com o facto de que a nossa presença raramente “perturba” o ambiente de trabalho, a nossa presença nem sempre gera comunhão à sua volta. E assim, aparentemente, parece que chegámos ao fim da linha com um fracasso lamentável. Esta *responsabilidade* – nascida do encontro que tivemos – encontra-nos ineficazes e esgotados na comunicação.

Por isso, padre Paolo, coloco-te estas questões: o que é a responsabilidade? E o que é que essa responsabilidade tem a ver com a vocação? O que significa que essa responsabilidade faz parte do caminho, faz parte deste chamamento?

Padre Paolo Proseri. Então, tendo em conta as horas e o cansaço de todos nós, limitar-me-ei a dar algumas ideias sobre o assunto, e amanhã talvez volte à questão que colocas, depois de pensar um bocadinho sobre ela.

Queria partir da provocação do Marco. Fiquei muito impressionado com a sua pergunta, porque descreve a experiência de uma “armadilha” em que também eu me vi muitas vezes enredado, *mutatis mutandis*. Vou reformulá-la com palavras minhas: como é que o *pondus*, o peso da responsabilidade no seu aspeto concreto (tu deste exemplos e penso que todos nós temos cem mil exemplos, a nossa vida é feita destes fardos que nos apertam, que se agarram aos nossos flancos) se conjuga com esta primazia do espanto de que falávamos, com o “cultivar do espanto” de que falávamos?

Parece-me um bom ponto de partida. É evidente que, ao dizer o que disse sobre este assunto, sobretudo na primeira assembleia, quis exagerar um pouco (e portanto simplificar) as coisas, para tentar fazer sobressair o ponto de fundo, a lógica subjacente. No concreto da vida, as coisas são mais complexas e intrincadas, se quisermos. Eu quis, em polémica com o pragmatismo narcisista do *self-made man*, digamos assim, insistir na ideia de que a nossa fecundidade, a nossa generatividade é verdadeiramente tal se resultar de um acolhimento, dessa primazia dada à graça de Outro, à ação de Outro que, investindo-me, me torna generativo. Não foi por acaso que insisti na imagem da maternidade. Na maternidade das mulheres, esta dinâmica aparece em ação de uma forma clara e paradigmática.

Partamos então desta imagem e vejamos se ela nos pode ajudar a deitar alguma luz sobre a questão colocada pelo Marco. De facto, parece-me que pelo menos três ou quatro das vossas intervenções, estou a pensar na da Belen, na da Paola e noutras, implicam uma espécie de equação que corre o risco de se insinuar entre nós. Como

se dissessem: «Se eu não gero, se sou estéril (no sentido duma produtividade visível, de dar à luz algo visível), isso significa que não vivo o espanto, não amo Jesus, não vivo a memória. Se não gero, significa que não vivo a experiência do carisma. Ao passo que aquele que dá fruto – no sentido visível, perceptível, mensurável do termo – esse sim, vive a fé, esse sim, faz experiência de Cristo». Um pouco como as mulheres estéreis do Antigo Testamento, que pensavam ter pecado por serem estéreis, no sentido físico do termo. Mas elas não tinham razão, atenção! A *fertilidade* não deve ser confundida com o resultado visível e imediato da dedicação de uma pessoa. Como sabemos, uma pessoa pode ser a mais santa entre nós e passar toda a vida doente na cama, oferecendo o que vive para a salvação dos homens. Em vida, talvez nunca veja o bem que fez aos outros. Paciência, irá vê-lo no Paraíso! Aqui não verá nenhum fruto? Aqui verá, diria eu, sobretudo um: a sua humanidade que muda (e que, precisamente assim, se torna inevitavelmente luminosa...).

Há, porém, uma outra face da moeda – e é na realidade sobre esta outra face da moeda, se bem entendi, que o Marcos dizia que estava bloqueado. Eu reformularia a questão do seguinte modo: o facto de o amor a Cristo me libertar do resultado significa que não tenho de me preocupar, por exemplo, se o meu filho crescer torto em vez de direito? Quer dizer, por outras palavras, que a minha relação com Cristo me torna *indiferente* ao resultado do meu empenho?

É aqui que está, parece-me, a verdadeira questão: o que significa exactamente ser livre do resultado? É errado preocupar-me com o meu filho, que pode estar a começar a frequentar más companhias – é errado eu sentir *todo o peso* da minha condição de pai, da minha condição de mãe? Não, não pode ser errado. Eu não amaria o meu filho se não sentisse o “peso” que uma palavra ou uma decisão minha pode ter sobre ele. “Uma vez que não tenho de me medir, uma vez que a minha relação com Cristo me liberta da chantagem do resultado, então já não me preocupo”. Eh, não! Claramente, nesta posição, há também alguma coisa que não está bem.

O que é que não está bem? Embora possa ser óbvio, digo-o na mesma: o que não está bem é o facto de que, na verdade, entre o amor a Cristo e o amor ao destino do meu filho, não pode haver

qualquer distância, sendo que cuidar do meu filho é a *missão que Cristo me deu*. Voltamos assim ao sim de Simão Pedro: «Amas-me? Apascenta as minhas ovelhas». É na palavra *missão* que se encontra o ponto de união entre o amor a Cristo e o desejo de que o meu esforço seja bem-sucedido. Porquê? Simplesmente porque educar o meu filho coincide com a missão que Cristo me dá. Melhor ainda: coincide com a *forma como* Cristo me chama a participar na *Sua missão*, que é a de conduzir o mundo ao seu destino. Saber isto, fazer memória disto, não reduz, é verdade, o peso da responsabilidade; mas permite-me, certamente, vê-la de outra perspectiva, decididamente mais “épica”.

Em suma, o ponto não é o peso ou o não peso. O ponto é a forma como vê este peso – o que se vê “dentro” deste peso.

Os que me conhecem sabem que sou fã d’ *O Senhor dos Anéis*. Pois bem, podendo ser Frodo, ou seja, o portador do grande “Fardo” (é assim que Tolkien chama muitas vezes ao anel), quem preferiria ser um hobbit qualquer, um daqueles que ficam no Shire?

A questão não é, portanto, o “peso” da responsabilidade, mas a forma como olhamos para este fardo. Sem memória, vemo-lo como um fardo e pronto. Viver a memória, pelo contrário, levamos a vê-la precisamente como parte do “*Fardo*” com F maiúsculo, ou seja, como o modo *só teu* (esta missão é-nos confiada a nós, a mais ninguém – diz Elrond a Frodo) de servir o Todo, o teu modo *pessoal* de dar a vida pela salvação do mundo. É uma perspectiva completamente diferente (e mais correspondente!). Ou não?

É justo, então, sentir o *pondus*. É o sinal de que reconhecemos que existe uma ligação entre a realização da nossa existência e o resultado ou “sucesso”, passe o termo, da missão que nos é confiada. O problema é que não nos fixamos no que consiste esse sucesso (embora seja inevitável imaginá-lo). É justo que uma mulher casada que não pode ter filhos sofra? Claro que sim, porque é da natureza da sua vocação ter filhos e criá-los. Mas isso não significa que ela esteja destinada ao fracasso. Significa, sim, que essa vocação terá de ser realizada de outra forma, a descobrir. Pelo meio, há todo a dificuldade do sofrimento, o peso do sofrimento de um caminho que não é como a pessoa esperava.

O que nos leva a um segundo ponto que gostaria de abordar, que tem a ver com a razão *histórica* pela qual a responsabilidade é sempre *também* peso. Peso não só no sentido de “kabod”, isto é, de “glória”, mas também no sentido de fardo, de cansaço. De facto, não é só a mulher sem filhos que sofre. A mulher que dá à luz também sofre! Ambas sofrem, ainda que por razões opostas. Não há nada a fazer, onde quer que vamos, sofremos. Porquê?

Já o dizíamos esta manhã: porque existe *o pecado original*.

De facto, dar à luz, isto é, dar fruto, exige suor e trabalho, porque toda a realidade, a começar pela do nosso coração, traz em si como que um germe de “resistência” ao bem, à ordem, ao destino para o qual foi feita. A Bíblia diz isto logo a seguir à história da queda (ajudando-nos assim a completar o discurso sobre o trabalho, iniciado em março, quando citávamos o Salmo 8):

«[18] [A terra] Produzir-te-á espinhos e abrolhos (...).

[19] Comerás o pão com o suor do teu rosto».

Houve a queda. E, desde então, já não se pode ser “sub-criador”, já não se pode gerar sem suar sete camisas. Mas atenção, não é que Deus tenha feito as coisas assim desde o início. Como dizíamos em março, citando o relato de Gn 2, no início, o trabalho devia ser “alegria” pura, puro dom.⁶²

Obviamente, teremos então de nos perguntar (e fá-lo-emos dentro de momentos) se é apenas uma “desgraça” que as coisas sejam assim, ou se, pelo contrário, Deus o permitiu porque tinha os seus próprios planos. Mas, antes de mais, temos de tomar nota do *facto*, senão já não compreendemos nada. *De facto*, quer queiramos quer não, a nossa vida é toda feita de sacrifícios. Se lerem o capítulo sobre o sacrifício em *É possível viver assim?*, aperceber-se-ão de que *don* Giuss, como formidável realista que era, parte precisamente daqui: tudo está cheio de sacrifício. Quer queiramos quer não, é assim.⁶³ E tu estás ali, tu que fazes tudo bem, não fazes nada de mal... e o teu filho revolta-se.

⁶² Cfr. «Constituíste-o acima das obras...», cit., p. 12.

⁶³ L. Giussani, *É possível viver assim? Vol. III Caridade*, Tenacitas, Coimbra 2007, pp. 67-96.

Dá-te um murro – sem mais nem menos, sem motivo. Mas como? Porquê? Não fazes nada de errado, gostas dele, fazes tudo o que está ao teu alcance... e ele dá para o torto. Como é que se explica isso? Explica-se pelo facto de haver o pecado original. Por isso, se queres que o teu filho cresça direito, tens de suar três vezes mais, tens de lutar, tens de passar muitas e muitas noites sem dormir, porque não sabes como o ajudar... e porque sabes que, mesmo que faças tudo bem, não é certo que tudo corra bem. Não o sabes. É esta a condição humana, a condição humana pungente... Tudo está cheio de imperfeições, tudo. Até a cara da tua mulher, que achavas tão bonita aos vinte anos, está agora cheia de rugas e tu não gostas dessas rugas. Por isso, tens de passar por elas, tens de atravessar “o deserto” daquelas rugas, se quiseres reencontrar o espanto de que falava na lição. E essa travessia é um sacrifício, tal como é um sacrifício consumir-se para criar filhos, criar uma empresa, gerir um escritório...

Claro, como se disse antes, há também uma atração neste esforço, há também uma “glória” em carregar o fardo dos outros. E, no entanto: se uma pessoa tiver um mínimo de consciência, aliás, quanto mais a tem, mais, ao olhar para a sua própria fragilidade, não pode deixar de tremer ao pensar que o bem dos outros depende de si. Se não treme, se não sente nenhum “peso” e até gosta de pensar nisso, então não quer dizer que é livre, mas que é um sociopata (como há tantos por aí). Quem não sente nenhum peso em carregar o fardo dos outros, não é livre. É um inconsciente, um narcisista patológico. Quanto mais se ama, pelo contrário – como Péguy tão bem diz, no seu *Portal da Esperança* – mais se treme.

Ora, depois de tudo isto, que talvez nos ajude a afastar-nos de uma interpretação demasiado romântica do ícone do mergulho de Pedro, a questão que se coloca é a seguinte: que as dificuldades existem, é um facto. Mas será que esse *facto* é puro azar? Esta parece-me ser a verdadeira questão: será que as dificuldades são apenas uma coisa que atrapalha, que impede o meu desejo de felicidade, de realização, de vida plena? Ou será que não?

Há tanta coisa que gostaria de dizer sobre esta fascinante questão. Mas a hora do jantar aproxima-se e estamos todos cansados, por isso limito-me a duas simples notas.

A primeira não é mais do que um aprofundamento do que já disse na lição, falando de Pedro, que primeiro mergulha deixando ficar os peixes, e depois puxa para terra cerca de 100 kg. de peixes. No final, para mim, a chave para a questão da relação entre “amor a Cristo” e “assumir responsabilidades” está toda aqui: como é que o fazer memória, ou seja, este mergulho em direção a Cristo, modela a forma como carrego os fardos que me são dados? O que significa, a partir da metáfora, que consigo carregar 100 kg. de peixes como se não fossem 100 kg? Em que consiste esta *leveza nova*?

O que dissemos até agora, também com a ajuda da intervenção do Marco e de outros, ajudou-nos a esclarecer o que não quer dizer: não quer dizer que, magicamente, o medo de dizer a coisa errada ao meu filho, por exemplo, desapareça. Esse medo mantém-se, aliás: é bom que se mantenha!

O que é, então, esta liberdade? Esta liberdade consiste no facto de que, na raiz da nossa ação, já não está o nosso desejo de fazer o bem, mas está a *caridade*, isto é, o nosso desejo de *dizer o bem que quereis a Cristo e ao nosso filho*. E isso faz mais do que tirar a apreensão ou o cansaço: transforma-os num *sinal concreto* da “extensão” do nosso amor por Cristo e pelo nosso filho. Podemos dizê-lo por outras: como é que a memória, ou seja, a vivência da responsabilidade como resposta a Cristo, transforma a minha relação com a responsabilidade que tenho? Transforma-a no sentido em que dá uma nova finalidade à minha ação: a finalidade *primeira da minha ação* é o meu sim a Cristo. O que não exclui, como já foi dito, que eu queira fazer o bem. Mas este desejo de fazer o bem é como se fizesse parte de um horizonte maior, no centro do qual está este grande motivo: tudo o que faço, faço-o por Ti, ó Cristo. Ora, que efeito tem este novo objetivo, ou esta nova raiz, sobre o aspeto de risco e de esforço que toda a “missão” contém?

Tem um efeito muito importante. Porquê? Porque se o que me leva a agir é, *em primeiro lugar, dizer o amor*, então o objetivo principal da minha ação já não está *no fim, depois da ação*, ou seja, no resultado material da ação (que me interessa, claro!). Mas está *dentro da ação*, isto é, precisamente *no dar-me, no dar-se*. É claro que quero ser bem-sucedido, e é claro que me custa se obtenho um

mau resultado. Mas não é *tudo*! Não é *tudo*! Há um valor e, portanto, um gosto na minha entrega que não depende do resultado visível da minha entrega. Que valor? Que sabor? Já o disse: o gosto de “dizer” o meu amor. É isso que alivia o fardo e, de facto, transforma-o em valor, em algo interessante.

Explico-me com um exemplo: imaginemos que uma das nossas amigas que nos está a ajudar a cantar esta noite tinha de cantar uma canção a solo, à frente de todos nós. E imaginemos também que ela não se estava a sentir muito bem, devido a uma dor de garganta que a impede de cantar como é capaz. Bem, como é que acham que a nossa amiga se sentiria, enquanto espera pela sua vez, se a *única* coisa que lhe interessa é sair-se bem e ser apreciada pelos presentes?

É claro que é justo que ela queira cantar bem e dar-nos a ouvir algo de belo. Se ela foi escolhida para cantar, é porque é boa a cantar, obviamente. E no entanto: se atingir este objetivo é o seu *único* (e sublinho: *único*) interesse, então é evidente que a nossa amiga não terá outra escolha senão subir ao palco toda dominada pelo terror de que a sua voz lhe falhe. E assim – cá está a ironia – ela acabará, por um lado, por não desfrutar de um segundo da sua *atuação* e, por outro lado, por não comover ninguém (mesmo que a sua voz não falhe uma única vez).

Bem, imaginemos agora outro cenário. Imaginemos que a nossa amiga, antes de subir ao palco, se recolhe um momento nos bastidores. Ela não está bem, sabe que o estado da sua voz não é o habitual. A sensação de que vai fazer asneira não tarda a assaltá-la, ela cora de vergonha com a ideia da figura que está prestes a fazer. De certeza que alguém se vai rir, *Oh Meu Deus...* Mas lá está: de repente, “outro” pensamento invade-a: “Mas... e então? No fundo, o que me importa? Senhor, é por Ti que faço isto. Infelizmente, esta noite não há mais ninguém que possa cantar no meu lugar. E então... mas sim, Senhor, eu faço-o. Faço-o por Ti. Por Ti. Faço-o porque Tu mo pedes. E se a minha voz não for a melhor, que seja. De facto, sabes que mais? Se alguém se rir, melhor: poderei mostrar-Te quem Tu és para mim...”

Para dizer a verdade, devo confessar que este exemplo é um pouco autobiográfico. O Camu lembra-se, de certeza. Estávamos no

CLU, há muitos anos, no Pime de Milão. Havia uma assembleia (muito concorrida) na Universidade Católica e *don* Giussani estava presente (foi uma das últimas vezes, se não a última, em que veio). Infelizmente, coube-me a tarefa de cantar uma canção russa – *Vecernyi svon* – diante de *don* Giussani e de toda a assembleia. O coro atacou e eu, que devia ser o solista, atacaria logo a seguir. Só que eu estava tão emocionado que a voz não me saía, não me saía... e quando saiu... um desastre! Risos... em suma, eu parecia um peixe cozido. No entanto, apesar do meu amor-próprio, não senti qualquer vergonha enquanto a minha atuação desajeitada se “desenrolava”. Porquê?

É difícil de explicar. Eu diria o seguinte: porque enquanto cantava, não estava a pensar em mim. Não estava concentrado em mim próprio (aliás, digamos que tinha estado até há pouco!). Não sentia vergonha porque sentia que, no final de contas, o que mais contava aos meus olhos, naquela minha tentativa desajeitada, era dizer àquele homem à minha frente o meu afeto e gratidão. Corrijo: para ser sincera, não é que a vergonha não estivesse lá. É mais paradoxal do que isso: é que a onda de emoção foi como se tornasse o meu canto desajeitado ainda mais belo aos meus ouvidos (só aos meus, porém!) do que se tivesse cantado na perfeição.

Já é tarde e o Camu ainda tem de falar. Por conseguinte, reduzo ao mínimo a segunda nota, que não é mais do que um breve comentário ao discurso da Federica.

Se repararem, a Federica contou-nos, com um exemplo tão simples quanto belo, como se dá esse processo em que um “jugo” que antes era sentido como um fardo, a certa altura torna-se “doce”. Ora, o que mais me impressionou no seu discurso foi o facto da Federica ter chegado a esta experiência através de um caminho muito humano – um caminho em que ela não renunciou de todo à sua razão, ou seja, ao seu desejo humano de realização. Pelo contrário, aceitou alargar a sua razão, abrindo espaço em si mesma, com um ato de fé, para uma hipótese de realização que estava para além da sua medida, apenas para ser surpreendida como verdadeira na sua experiência. E assim pôde “saborear” o cêntuplo, ou seja, fazer uma experiência de verdadeira satisfação. Claro que não uma satisfa-

ção tal como o mundo a entende. Que mulher “de hoje”, fora desta sala (e talvez mesmo nesta sala), diria que a Federica tinha razão em fazer a escolha que fez? *A priori*, talvez nenhuma. No entanto, ouvimo-la e sentimos, pressentimos que o que Federica descreve é desejável, é correspondente. Cá está: o paradoxo da experiência cristã está todo aqui. A fé realiza o humano – mas só o faz se a pessoa estiver disposta a “deixar-se levar” para além do meramente humano, isto é, para além do que a sua razão por si só poderia captar e experimentar. A fé é isto, ela realiza isto em nós. E, de facto, a Federica pôde entrar nesta experiência porque confiou, isto é, porque levou a sério as palavras que lhe tinham sido ditas. E assim essas palavras tornaram-se o caminho para uma experiência nova, que ela nunca tinha tido antes.

Termino sublinhando que, precisamente aqui, tocamos numa das tónicas características do nosso carisma: «É, se muda», dizia *don* Giussani. A fé cristã só se revela “conveniente” e, portanto, persuasiva, se e na medida em que já permite a quem a vive no presente centuplicar a relação com as realidades deste mundo, ou seja, com aquilo que interessa a todos. Com uma nota, porém: o cêntuplo – é isto que temos mais dificuldade em compreender, dizia muitas vezes Giussani – não é a multiplicação quantitativa do gosto que todos experimentam. Não é o ter “cem vezes mais” o que toda a gente já tem. É antes a posse, o “saborear e ver” as mesmas coisas de outro modo, de um modo novo – um modo de que a história de Federica, na sua simplicidade, nos ofereceu um belíssimo exemplo.

Francesco Cassese. Também eu partilho de bom grado esta minha experiência. Hoje, depois de tantos anos, surgiu no meu coração e chegou aos meus lábios esta expressão: «Como Bach é grande!». Esta manhã, os frades franciscanos pediram-nos para celebrarmos juntos a Santa Missa e animaram a parte dos cânticos. Durante a comunhão, um frade organista tocou o segundo andamento da *Suite n.º 3* de Bach. O organista era bom, mas não ótimo... E enquanto tocava, por vezes eu dizia para mim mesmo: «Esperemos que ele acerte o acorde com a mão esquerda», porque

as passagens eram estranhas e eu tinha medo que ele se enganasse. Ultrapassada a passagem com a mão esquerda, a preocupação passava para a mão direita, onde há duas melodias sobrepostas. Eu estou habituado a ouvir esta peça executada na perfeição. No entanto, ao ouvir as outras interpretações, aquele «Como Bach é grande!» nunca me ocorreu. O frade organista, com toda a sua inadequação, na sua imperfeição e insegurança, fazia-me suster a respiração: «Vamos, força, estou contigo». Pela primeira vez, apercebi-me do quanto ansiava por aquele acorde certo, do quanto desejava poder ouvi-lo. Nenhum de nós, hoje, seria capaz de escrever a música de Johann Sebastian Bach e aqueles que tocam as suas peças comunicam algo maior, algo para além de si próprios. E eis que, de repente, se instala um novo pensamento: somos todos como este organista, ou seja, nenhum de nós é capaz de viver, transmitir e comunicar na perfeição o que recebemos. Bach é desproporcionado em relação a qualquer tipo de intérprete, assim como é desigual a relação que temos com o Senhor.

Mas que esta imperfeição, esta incapacidade possa coincidir exatamente com a glória de Cristo, que através da minha pequenez a glória de Cristo possa brilhar ainda mais, isso, hoje, comoveu-me até às lágrimas. Penso que isto nos ajuda a compreender que, no fim de contas, o tema da missão não é um tema de *desempenho*. A trajetória que percorremos desde a escravidão da “sociedade do cansaço” poderia levar-nos tragicamente a medir-nos pela nossa capacidade ou incapacidade. A missão é o mergulho de Pedro que deseja alcançar o Senhor e se esquece de si mesmo, como acontece com as crianças. É apenas este amor que nos mantém em movimento, talvez balbuciando o seu nome. Estamos também dispostos a cometer alguns erros de concordância (audácia ingénuas) para afirmar essa Presença. O que nos agarrou foi a história de um Deus que quis comunicar-se através da pequenez humana.

Domingo, 26 de novembro

SÍNTESE

padre Paolo Prospero

Chegámos ao último ato. O que vou dizer, adianto para não haver dúvidas, não tem nenhuma pretensão de resumir a riqueza do que surgiu nos últimos dias – estou a pensar sobretudo nas assembleias. Pretende, antes, ser uma espécie de reação a quente ao que surgiu nos últimos dias, com o objetivo de “atirar a bola” para a frente.

Para introduzir o que quero dizer, queria partir da canção que pedi aos nossos amigos para tocarem para nós – não sei quantos de vós a conhecem: é *All That I Want*, dos Rival Sons. Esta canção é-me muito querida por duas razões. A primeira é que quem ma deu a conhecer foi uma grande amiga minha, a Giuditta Zola – filha de Adriana Mascagni, para quem não a conhece (e que por isso percebe de canções). A segunda é que, quando a ouvi pela primeira vez, fiquei imediatamente arrebatado, não tanto pela música, mas pelo facto de ter pensado imediatamente nas palavras da canção não como se fossem ditas por um apaixonado qualquer à sua amada, mas por Cristo a mim, a cada ser humano (*by the way*: quando disse isso à Giuditta, ela respondeu logo: «Olha, eu dei-ta a ouvir por isso mesmo: eu ouço-a da mesma maneira»!)

*Se eu pudesse fazer com que me visses / como eu te vejo, /
tenho a certeza (espero) que irias adorar o que vês / [...]
Se pudesses sentir a dor no coração que eu sinto / de cada
vez que te vais embora, / nunca te irias embora....⁶⁴*

⁶⁴ «If I could help you see me / The way that I see you / Hope you like what you see / [...] If you could feel my heartache / Each time you walk away / You would never leave» (Rival Sons, *All That I Want*, dall'album *Hollow Bones*, 2016, © Earache Records).

Ao longo destes dias, falámos muito dos novos olhos que a fé dá, tanto nas lições como nas assembleias. Ouvimos muitos testemunhos que documentaram a mudança do nosso olhar sobre a realidade que vem da fé viva. Mas ontem à noite, pensando sobretudo na segunda assembleia, a certa altura disse a mim mesmo: é como se em tudo o que foi dito, mesmo nas coisas que eu disse primeiro, faltasse algo de essencial. É como se houvesse um ponto genético que corre o risco de dar por adquirido e que, pelo contrário, é a chave que coloca tudo no sítio certo. Que ponto? Eu diria assim: qual é o *primeiro objeto* que a fé me permite focar? O primeiro objeto, a primeira realidade que começamos a ver “no seu verdadeiro esplendor” graças ao acontecimento da fé, é o próprio Jesus, a *pessoa de Cristo*. Quantos ouviram falar dele! Mas, para muitos, Jesus é apenas um nome sem interesse. Quantos olham para o Crucifixo, sem que aquela figura de um homem pendurado na cruz suscite qualquer “perturbação”, para citar a expressão usada por um de vocês ontem na assembleia.

Percebe-se então qual é a primeira e grande função do carisma na nossa vida. O que é um carisma eclesial? Um carisma é aquele dom da graça que permite a quem o recebe perceber o esplendor do Homem Jesus Cristo com uma força e uma tônica particulares – uma força e uma tônica que depois são iluminadores também para os outros. Dizia *don* Giussani: o carisma é «*uma janela para a totalidade do dogma*»,⁶⁵ Ou seja, para o mistério de Cristo. Que bonito! O carisma é uma janela para Cristo, o que quer dizer: é o dom dado a um homem com um olhar tão penetrante sobre o mistério de Cristo, que se torna como que uma «janela» através da qual também os outros podem participar do seu próprio espanto.

⁶⁵ Cfr. L. GIUSSANI – S. ALBERTO – J. PRADES, *Gerar rasto na história do mundo*, Paulus 2019, p. 118; itálico meu.

1. «Queremos ver Jesus»

Introduzi já assim o primeiro ponto desta manhã, a que chamaria assim: «Queremos ver Jesus».⁶⁶

Como alguns de vocês se devem lembrar, João põe estas palavras na boca de um grupo de gregos que, tendo ido a Jerusalém para a Páscoa (provavelmente eram tementes a Deus, ou seja, simpatizantes da religião judaica), ouviram falar de Jesus. De facto, depois de ter ressuscitado Lázaro, em Jerusalém só se falava dele, ou com entusiasmo – ou com hostilidade.⁶⁷ Daqui a curiosidade dos gregos e o pedido feito a Filipe e André: «Queremos ver Jesus».

Cá está: queremos ver tantas coisas. Mas, no fundo, haverá alguma curiosidade maior do que esta? «*Queremos ver Jesus*».

«Queremos ver Jesus». Como é importante manter vivo em nós este desejo! Porquê? Porque é que é importante?

Ainda ontem, estava precisamente a pensar nisto, no final da assembleia, quando nos debruçávamos cada vez mais sobre o tema da responsabilidade e do peso, do cansaço que ela introduz inevitavelmente na nossa vida de adultos (quer se trate de responsabilidades ligadas à vocação pessoal – família, trabalho – ou do envolvimento na construção do movimento: no fundo, é a mesma coisa). Como dizíamos ontem, é um facto de realismo reconhecer que o cansaço e o sacrifício são dimensões inelimináveis da nossa vocação (pelo menos neste planeta). Por outro lado, parece-me que há um risco em nós, quando falamos deste assunto (e ontem tive a confirmação disso): o de tendermos, sem nos apercebermos, a dissociar o discurso sobre a responsabilidade do discurso sobre a fé, tal como o estabelecemos. Como se disséssemos: por um lado, há a fé, a minha relação pessoal com Cristo; por outro lado, *depois*, há as minhas responsabilidades, a missão, concebida como um acrescento, como um “dever” a cumprir apertando os músculos. E

⁶⁶ «Entre os que tinham subido a Jerusalém à Festa para a adoração, havia alguns gregos. Estes foram ter com Filipe, que era de Betsaida da Galileia, e pediam-lhe: “Senhor, nós queremos ver Jesus”» (Jo 12,20-21).

⁶⁷ «Entretanto, as pessoas que tinham estado com Ele quando chamou Lázaro do túmulo e o ressuscitou dos mortos testemunhavam o que viram. E a gente, ao ouvir dizer que tinha realizado aquele sinal milagroso, veio ao seu encontro. Então, os fariseus disseram uns para os outros: “Não vedes que não estais a conseguir nada? Olhai como toda a gente se foi com Ele!”» (Jo 12,17-19).

as coisas não são assim. Se ainda as vemos assim, isso significa que talvez tenhamos de nos concentrar um pouco mais na relação que une as duas coisas – o mecanismo, por assim dizer, que faz de uma o “motor” da outra. Que mecanismo? Na verdade, já o dissemos: o que dá asas à nossa liberdade, o que liberta a nossa liberdade de todos os cálculos, do medo, da auto-medição contínua, que torna tudo pesado, é a descoberta de sermos amados. Melhor: a consciência cada vez mais clara de *quanto e como* somos amados: «Se pudesses sentir a dor no teu coração que eu sinto cada vez que te vais embora, nunca te irias embora». É este “*sentimento*” que, despertando em nós, nos torna “responsáveis”, isto é, (etimologicamente) *habilitados a responder*, como Dante disse melhor do que ninguém (embora o tenha dito pela negativa!): «Amor, que a nenhum amado amar perdoa» (*Inferno*, c. V, v. 103): O amor que impede o amado (quem se descobre amado) de não retribuir o amor.

É o facto de nos vermos amados que faz ressurgir em nós o impulso da dedicação. O que nos leva de novo à primazia «*desejo de ver Jesus*». Se o que foi dito é verdade, então a primeira responsabilidade – a responsabilidade que funda todas as outras, poderíamos dizer – é a de não apagar o desejo de ver cada vez melhor este Amor, ou seja – para voltar a uma bela expressão de *don Giuss* que já citámos – de «*aprofundar o espanto*»:

*Não devemos preocupar-nos em exprimir-nos, devemos preocupar-nos em aprofundar o espanto, porque o aprofundar o espanto conduz a uma expressão adequada de nós próprios; ao passo que, se nos esforçarmos por encontrar a expressão de nós próprios, encontraremos cada vez mais dispersão de nós próprios [...]. Não nos é pedido que procuremos a nossa expressividade, é-nos pedido que aprofundemos o espanto de onde brota a expressividade. A expressividade, ou seja, a fecundidade, nasce de um amor; e o amor é o espanto de um presente que é acolhido e abraçado, reconhecido e aceite.*⁶⁸

⁶⁸L. GIUSSANI, *L'autocoscienza del cosmo*, op. cit., pp. 204-205.

Porque é que Pedro mudou? Se bem se lembram, na lição insistimos que o Pedro de Jo 21 não é como o Pedro de Lc 5. O que é que o fez mudar?

Mudou-o *ter visto*, ter experimentado a *extensão do amor* de Cristo por ele. O que mudou em Simão depois da Páscoa é que Simão está agora como que “imbuído” de espanto – espanto por este Amor sem limites, que nas feridas ainda abertas do Ressuscitado ele agora viu e tocou. Do mesmo modo, só podemos arder com um amor por Cristo semelhante ao de Pedro de Jo 21 – um amor que prevalece sobre o sentimento de inadequação, sobre o medo, sobre a auto-medida – na medida em que começamos realmente a ver e a saborear, ou pelo menos a sentir o perfume da *realidade*, da “*res*” do Amor de Cristo por nós.

É uma lei que conhecemos bem. *Nihil desitum quin precognitum*: não se deseja senão aquilo que se conhece. Não nos apaixonamos senão por uma beleza que vemos. É a visão do Belo que apaixona, que comove, que chama, como dizia – com um delicioso jogo de palavras – o grande Dionísio: «*Tò kalòn kalei*», que em grego significa: o belo chama, atrai para si. É ver a *beleza de Cristo*, aquilo que nos atrai para fora de nós mesmos e nos impele a entregarmo-nos a Ele e por Ele. Daí a minha insistência naquilo a que chamei o «desejo de ver» cada vez melhor, ou de aprofundar o nosso espanto (o que é o mesmo). Este é o primeiro trabalho: desejar Cristo.⁶⁹ Ou melhor: olhar para Cristo (memória), *pedindo* que se aprofunde em nós o espanto por aquilo que Ele é, a admiração por aquilo que Ele é. Porque é disso que depende, em última análise, para nós como para Pedro, a irrupção em nós de um ímpeto de resposta que torna doce qualquer outro trabalho.

⁶⁹ Nos primeiros Exercícios da Fraternidade, em 1982, don Giussani disse: «O objetivo pelo qual vos reunis é serdes ajudados a desejar Cristo e a acreditar em Cristo, e isso é tudo. A força do nosso movimento nos primeiros anos era esta. Enfrentámos problemas culturais e sociais pelo menos tão intensos como os que enfrentamos agora, mas metodologicamente éramos mais claros, mais nítidos (os meus amigos dos primeiros anos podem dizê-lo): o ponto de partida era Cristo, era o espanto, era a simplicidade do reconhecimento desse Acontecimento, daquilo que acontecia, tinha acontecido e acontecia no mundo: Cristo» (L. GIUSSANI, *Una strana compagnia*, BUR, Milão 2017, pp. 65-66).

Há uma outra passagem no Evangelho de João que diz tudo isto, talvez de forma ainda mais forte do que em João 21. Não está no fim, mas no centro do Evangelho (e com razão, na minha opinião!). No centro do Evangelho de João, ou seja, no ponto de transição entre o relato do ministério público de Jesus e o grande drama da paixão, não há um gesto de Jesus, como seria de esperar. Em vez disso, há o gesto de uma mulher: Maria, irmã de Lázaro e de Marta, que deita uma libra de nardo nos pés de Jesus e depois os enxuga com os seus cabelos (Jo 12,1-3):

Seis dias antes da Páscoa, Jesus foi a Betânia, onde vivia Lázaro, que Ele tinha ressuscitado dos mortos. Ofereceram-lhe lá um jantar. Marta servia e Lázaro era um dos que estavam com Ele à mesa. Então, Maria ungiu os pés de Jesus com uma libra de perfume de nardo puro, de alto preço, e enxugou-lhos com os seus cabelos. A casa encheu-se com a fragância do perfume.

Duas palavras sobre o contexto: estamos provavelmente em casa de Lázaro, em Betânia, para onde Jesus se dirigiu secretamente, porque agora é um homem procurado, tendo os chefes do povo decidido prendê-lo, precisamente por causa da ressurreição do seu amigo (Jo 11,1-54). Lázaro, Marta e Maria estão presentes no jantar, o que nos leva a supor que se trata de um banquete de ação de graças pelo regresso de Lázaro à vida. A certa altura, Maria, como que tomada por um impulso incontável, pega numa libra de nardo muito precioso (uma libra romana tem cerca de 327 gramas!) e “esguicha-a” sobre os pés de Jesus. O unguento, tão precioso que, segundo Judas, poderia ter sido vendido por 300 denários (o salário anual de um operário!), começou evidentemente a pingar no chão e, por isso, Maria inclinou-se e começou a enxugar os pés de Jesus com os cabelos, em parte para exprimir ainda mais a sua devoção ao Mestre, em parte talvez também para se impregnar do preciosíssimo perfume, que certamente tinha em grande estima. Quem sabe as dificuldades que teve para o arranjar!⁷⁰ Porém,

⁷⁰ Segundo os estudiosos, o nardo «verdadeiro» (*pistikòs*) era uma especiaria muito rara na

neste momento isso não lhe importa, não pensa nisso. Aliás, talvez pense, e muito: e é precisamente por isso que o deita todo nos pés de Jesus...

Pois bem, no centro do quarto evangelho, está o gesto de dedicação total, como que irrefletido, quase louco, desta mulher, que derrama o melhor que tem sobre os pés de Jesus. O «nardo é puro e muito precioso»⁷¹ diz João. O que quer dizer: não apenas uma quantidade exorbitante, mas também de qualidade superior: o melhor que tem. De onde nasce um gesto assim?

A resposta é simples: este gesto não é senão o retorno da onda de espanto de Maria perante o amor com que foi amada. É fundamental, neste sentido, registar uma ligação, uma evocação a que normalmente não prestamos a devida atenção. Se prestarmos atenção, na sua primeira vinda a Betânia, Jesus não se limitou a ressuscitar o irmão dela (o que já não é pouco). Não, João diz-nos ainda outra coisa. Diz-nos que Maria, instigada por Marta, vai ter com Jesus quando ele ainda está à entrada da aldeia, e lançando-se *aos seus pés* (*pés de novo*, como em João 12,3: aqui está a lembrança...), desata a chorar diante dele. Então, o que é que Jesus faz? Como é que reage, como é que responde à dor de Maria? «Ao vê-la chorar [...] suspirou profundamente e comoveu-se»,⁷² e por fim «começou a chorar».⁷³ «*Edàkrusen o Iesous*»: Jesus chora. É o versículo mais curto de todo o Novo Testamento. Mas está lá tudo.

Ao ver Maria a chorar, Jesus desata a chorar. E Maria não o esqueceu. Este movimento de emoção do Senhor perante ela, por ela – não o conseguia tirar do olhar do seu coração. E é por isso que, na ceia, ela faz o que faz. O seu gesto é como o regresso da onda de memória, cheia de espanto, que a enchia.

Permitam-me então um último *zoom*, que dá a toda esta questão a “quadratura do círculo”, por assim dizer. Se repararem, há um

Palestina (aparece apenas duas vezes na Bíblia, sempre, de forma significativa, no *Cântico dos Cânticos*: cf. Ct 1,12; 4,13-14). Segundo alguns, a especiaria provinha mesmo dos vales dos Himalaias, na Índia.

⁷¹ Cfr. Jo 12,3.

⁷² Jo 11,33.

⁷³ Jo 11,35.

gesto (apenas um!) no quarto evangelho que tem traços semelhantes aos de Maria. É o sinal realizado por Jesus nas bodas de Caná, a transformação da água em vinho (Jo 2,1-11). Também aqui, efetivamente, temos uma dádiva que apresenta a mesma dupla “excessividade” do gesto de Maria: *quantidade exorbitante* (mais de 600 litros de vinho: cf. Jo 2,6!) e *qualidade demasiado superior* (cf. Jo 2,10: que necessidade tinha Jesus de fornecer vinho de superior qualidade, uma vez que os convidados, já embriagados, como nota o mestre de mesa, nem sequer o podiam apreciar?) «Porquê este desperdício?», pergunta Judas, escandalizado com o gesto de Maria. Pois bem, este desperdício, na realidade, não é senão o reflexo, o espelho de outro desperdício. Esta dedicação não é senão o efeito produzido em Maria pelo espanto «pelo comprimento, a largura a altura e a profundidade»⁷⁴ do amor de Cristo – aquele amor que o levou a “esvair-se” por nós.⁷⁵

«Não nos é pedido que procuremos a nossa expressividade, é-nos pedido que aprofundemos a admiração da qual surge a expressividade». Se não amamos, se ficamos presos, como é normal, é simplesmente porque ainda estamos a caminho – é porque este espanto ainda é imaturo em nós. Ora, o que é que nos ajuda neste caminho de aprofundamento do espanto?

2. Então o discípulo amado disse a Pedro: «É o Senhor!».

Permitam-me que volte ao mergulho de Pedro por um momento. Se bem se lembram, no último ponto da lição, salientámos que Pedro mergulha por causa de uma exclamação de João. É o discípulo amado que reconhece no homem que está na margem o Senhor e depois abre os olhos também a Pedro.

Ao que já foi dito, queria agora acrescentar um pormenor, que me parece interessante no nosso contexto: quem é o discípulo amado no quarto evangelho? É a testemunha ocular do Amor «até ao extre-

⁷⁴ Ef 3,18.

⁷⁵ É evidente que, aos olhos de João, o vinho «desperdiçado» em Caná não é, na realidade, mais do que um símbolo de um outro desperdício chocante: o do sangue livremente derramado por Jesus na cruz, por amor de cada mulher e de cada homem.

mo»⁷⁶ do Senhor – o único que tinha ouvido bater o Seu coração na hora em que Ele tinha abraçado o Seu destino no Cenáculo; o único que estava diante d’Ele quando a glória do Seu amor finalmente irrompeu do Seu peito dilacerado na cruz. Por isso, é justo que seja ele o discípulo que abre os olhos de Pedro – aquele que o “coloca de novo” na presença do Ressuscitado. É justo porque é disso que Pedro precisa continuamente, de ser regenerado e relançado na sua tarefa de pescador, na sua tarefa de pastor: ser colocado perante o esplendor do amor de Cristo, de que João é a testemunha por excelência. Assim é também para nós. Não conhecemos Cristo sozinhos, através de uma experiência meramente individual. Aprofundamos o nosso conhecimento de Cristo por intermédio daqueles que viram e ouviram antes e mais do que nós, daqueles que fizeram uma experiência mais profunda e mais completa de Cristo do que nós.

Isto leva-nos ao segundo ponto que quero abordar – um ponto que surgiu na primeira assembleia e que, tanto quanto me foi dado perceber, suscitou alguma discussão. Por conseguinte, vale a pena voltar a ele.

Se bem se lembram, na outra manhã eu disse, a certa altura, reagindo a uma das últimas intervenções, que muitas vezes somos tentados a interpretar de forma redutora o segundo ponto do prólogo dos estatutos da Fraternidade, onde Giussani diz que a experiência vivida da *comunhão* (ou da *comunionalidade*) é necessária para gerar em nós a memória. O que é que eu queria dizer? Ontem voltei a falar sobre isto com um de vocês: queria dizer que me parece que muitas vezes somos tentados a pensar que a função educativa da companhia é simplesmente a de me despertar para a consciência de algo que já está todo em mim, que no fundo «já sei», um pouco como faz o Sócrates platónico com os seus discípulos. Como se dissesse: por um lado, há o meu eu, que tem esta capacidade de relação direta e imediata com o Mistério; por outro lado, há a companhia da Igreja, que é uma ajuda, sim, mas só no sentido de me despertar para a consciência de algo que já está todo em mim. Pelo contrário, a intermediação da companhia eclesial, entendida

⁷⁶Jo 13,1.

no sentido católico do termo, é muito mais do que isso: é o *verdadeiro intermediário* para mim de algo novo, ou seja, precisamente o conhecimento de Cristo. De facto, quer eu goste quer não, não posso conhecer Cristo, não posso chegar a “saborear e ver” Cristo como *Ele é realmente* (e não como eu o imagino), senão através da intermediação daqueles que já O conhecem, daqueles que já estão imersos n’Ele.

No sentido mais estrito e objetivo, isto significa duas coisas: primeiro, que nenhum de nós pode aceder a Cristo senão através do testemunho dos apóstolos, que nos chega através da mediação da autoridade da Igreja; segundo, que nenhum de nós pode experimentar Cristo sem a mediação dos sacramentos (Batismo, Eucaristia, etc.). Ora, a ênfase particular de Giussani está em sublinhar – aliás, em perfeita consonância com o Concílio Vaticano II (voltarei a este ponto daqui a pouco) – que aquilo que é verdade para a Igreja no sentido institucional do termo, é verdade *no sentido analógico* (mas existencialmente não menos essencial) da companhia vocacional, entendida como «companhia guiada para o destino». Por outras palavras, é justo dizer que a comunhão vivida, no tipo de experiência cristã a que *don* Giussani deu vida, tem um carácter que podemos chamar “quase” sacramental.⁷⁷

O que é que quer dizer sacramental? Quer dizer que é veículo de conhecimento e experiência de Cristo. Não conseguimos «ver

⁷⁷ A expressão é de Giussani, mas refere-se significativamente *ad litteram* àquilo que o famoso primeiro parágrafo da *Lumen gentium* diz sobre a Igreja (a expressão *uti sacramentum* é de facto traduzida por alguns como «como um sacramento», por outros «quase sacramento»): «O que estabelece o meu rosto e a minha personalidade é o que me cria, o que me ama a ponto de me criar. Portanto, é Cristo! E Ele até se colocou na nossa companhia: «Um novo hóspede se junta à nossa reunião». Portanto, o que dá fisionomia à vida é a pertença a algo que já existe, a Cristo, e eu pertença a Cristo dentro das formas históricas, concretas, com que Ele se deu a conhecer a mim, de forma madura, portanto persuasiva e operativa. O que dá fisionomia à vida é a pertença àquela companhia que é o seu sinal efetivo, quase sacramental» (L. Giussani, *Certi di alcune grandi cose. 1979-1981*, BUR, Milano 2007, p. 464). Na sua última carta a João Paulo II, em 2004, *don* Giussani diz depois da nossa amizade: «A nossa companhia – reconhecida como dom do Espírito, precioso e particular – torna-se parte sacramental na sua pertença à Igreja» (A. SAVORANA, *Luigi Giussani. A sua vida*, Tenacitas, Coimbra 2017, p. 1167).

Jesus» *sem mediação*. Conseguimos vê-Lo entrando nos olhos de outros que já O viram e O veem – ou seja, como dizíamos na lição,⁷⁸ através do método da fé.

Mas pensem nesta coisa vertiginosa: o que quer Jesus dizer quando, apontando para João, no final de Jo 21, diz a Pedro: «Se eu quero que *ele fique até eu vir*, a ti que te importa?». Uma frase enigmática, sem dúvida. Mas a maior parte dos estudiosos concorda hoje que o sentido mais provável é o seguinte: até ao fim dos tempos, até ao regresso de Jesus, João está destinado a *permanecer* através do testemunho do seu Evangelho. É esse o seu dom, o seu carisma. O que significa: até ao fim dos tempos, quem quiser ver Jesus, fá-lo-á entrando nos olhos deste discípulo. Que coisa! Jesus está, portanto, a dizer: «Querido Pedro, sim: todos os cristãos de todos os tempos, milhões e milhões, para me verem, passarão pelos olhos daquele rapazinho ali, que nos segue. É esse o dom que Eu lhe quis conceder, por isso fica sossegado e segue-me».

É isto o catolicismo: o mistério deste Deus tão apaixonado pelo homem, que quer confiar à intermediação de homens de carne e osso, pecadores como tu e eu, a revelação do Seu rosto.

E a experiência “pessoal”, onde é que fica? E a riqueza dos carismas, que o Espírito distribui livremente a quem quer, onde é que fica? O Ressuscitado não é soberanamente livre de se manifestar a quem quer? Não é verdade que um São Francisco, já que estamos em Assis, teve uma experiência autêntica, mas de algum modo “nova” e inteiramente “pessoal” de Jesus?

Sem dúvida: mas isso não significa uma experiência que o tenha levado para *além do* Jesus de João e de Pedro. Certamente que, como diz o próprio Jesus, o Espírito introduz aos poucos a Igreja «a toda a verdade»,⁷⁹ e neste sentido, pode haver “traços particulares” do único Jesus, que São Francisco ou *don* Giussani conseguiram ver melhor até do que os apóstolos (!). Mas isto não significa que o Espírito nos leve além *daquele Jesus* que disse de Si: «Eu sou o

⁷⁸ Cfr. FRANCISCO, Carta encíclica *Lumen Fidei*, 18. Ver aqui, p. 44.

⁷⁹ Jo 16,13.

caminho, a verdade e a vida».⁸⁰ A ação do Espírito não acrescenta uma vírgula ao Jesus de João e de Pedro. Antes, faz com saboreemos e vejamos cada vez melhor «o comprimento, a largura, a altura e a profundidade» do Jesus de João e de Pedro. Daí o paradoxo de que mesmo um carismático como São Francisco, que teve uma experiência pessoal de Cristo que não podia ser mais excepcional, para *aprofundar o conhecimento* daquele Jesus que lhe falara pessoalmente em São Damião, precisou também de passar pelas palavras e pelos olhos de João, Pedro e Paulo; precisou também de beber dos sacramentos e da sabedoria da Igreja.

Pois bem, parece-me que algo semelhante se aplica a nós em relação não só à Santa Madre Igreja, mas também à nossa companhia. Quando Giussani fala de uma necessária «imanência a uma comunhão vivida», não está a falar apenas de uma muleta à qual nos apoiamos quando não conseguimos chegar lá sozinhos. A companhia vocacional é muito mais do que isso: é o lugar através do qual – *por osmose*, dizia *don* Giussani – nos é comunicada a mentalidade nova e a vida nova de Cristo. Uma das constituições dogmáticas mias importantes do Vaticano II, a *Lumen Gentium*, dedicada precisamente ao mistério da Igreja, no seu primeiro parágrafo diz precisamente isto aqui, textualmente: que a Igreja é «de algum modo o sacramento [*veluti sacramentum*], isto é, o sinal e o instrumento da íntima *união* com Deus e da *unidade* de todo o género humano».⁸¹

⁸⁰ Jo 14,6.

⁸¹ Constituição dogmática *Lumen Gentium*, I; itálico meus. Ainda que não seja este o lugar para o fazer, seria interessante, a este propósito, aprofundar no futuro a ligação entre a primeira e a segunda parte da explicação que a *Lumen Gentium* nos oferece do sentido em que a Igreja é um sacramento. Qual é a relação entre a *união com Deus* e a *unidade entre os homens*, da qual a Igreja é, em igual medida, sinal e instrumento? Limitar-me-ei aqui a algumas observações: em primeiro lugar, como já foi dito no primeiro encontro de Assis e como depois o Padre Lepori ilustrou com muito mais profundidade na segunda meditação dos Exercícios da Fraternidade (cfr. M.-G. LEPORI, *De olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé*, pp. 62-68), não se trata de facto de dois fins justapostos, ou apenas vagamente ligados entre si, como se se pudesse dar uma *união com Deus* que não fosse ao mesmo tempo *unidade com os irmãos*. O facto é que o Deus ao qual me une a minha relação *pessoal* com Cristo não é um “mistério” genérico, um Deus desconhecido e sem rosto. Pelo contrário, é um Deus cuja vida abençoada é a comunhão, a reciprocidade do amor. Daí que (segundo sublinhado) o fundamento decisivo para verificar a autenticidade da experiência de Cristo

Um esclarecimento importante: ao dizer isto não estou de modo algum a negar que o Senhor seja livre de “acontecer”, ou seja, de se manifestar como e onde quiser. O facto de o Senhor ter ressuscitado significa, pelo contrário, precisamente isto: que para Ele o tempo e o espaço já são limites, como o *don* Giuss gostava de dizer, e que, portanto, Ele é soberanamente livre para se manifestar a quem quiser, usando as circunstâncias que quiser, mesmo as mais improváveis, até uma grande dor (como nos testemunharam pungentemente alguns amigos nestes dias).

Um exemplo: como o Camu bem sabe, tenho uma paixão especial pelos animais. Por isso, quando estava em Washington DC, ia muitas vezes rezar num bosque perto de casa, que estava cheio de animais (nos Estados Unidos, mesmo perto das cidades, a natureza é muito mais virgem do que aqui): veados, guaxinins, falcões, pica-paus, corujas, patos-reais, etc. etc. Bem, havia um colega de casa meu que era adepto da adoração eucarística. Eu também fazia adoração eucarística, note-se, com os meus irmãos (uma vez por semana: era a regra). No entanto, se tiver de dizer qual o lugar que mais me ajudava a viver a memória de Cristo, não é a adoração eucarística que me vem à mente, mas os bosques de Cabin Jones: o grito do falcão, o salto do veado, o voo majestoso do bufo-real. Atenção, não estou a dizer que tem de ser

de um batizado seja e só possa ser, *segundo* S. João, a caridade para com os irmãos. Se a vida de Deus é caridade (1 Jo 4,8.16) – mais: *caridade recíproca* –, então é evidente que quem conhece *verdadeiramente* o Deus de Jesus não pode deixar de amar o seu irmão e *desejar* a comunhão com ele (mesmo quando, por mil razões, é difícil manter vivo este desejo). Caso contrário, diz João, o Deus que ele diz amar *não é o Deus de Jesus*: «Quem não ama não conhece Deus, porque Deus é amor. [...] Ninguém jamais viu Deus; se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor é perfeito em nós. [...] Reconhecemos e acreditámos no amor que Deus tem em nós. Deus é amor; aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele. [Se alguém disser: “Amo a Deus” e odiar o seu irmão, é um mentiroso. Porque aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. Este é o mandamento que recebemos dele: quem ama a Deus deve amar também o seu irmão» (1Jo 4,8.12.16.20-21). Até que ponto é verdade que a comunhão fraterna é, na vida de fé, não um meio, mas um fim (cf. “*Deste-lhes poder...*”, op. cit), torna-se ainda mais evidente a força das palavras com que se abre o grandioso final da oração sacerdotal de Jesus: «E a glória que me deste, eu lhes dei, para que sejam um, como nós somos um. Eu neles e tu em mim, para que eles sejam perfeitos na unidade e para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste como me amaste a mim» (Jo 17,22-23).

assim para *todos*. Aliás, tenho alguma vergonha de o dizer. Mas para mim era assim, o que é que eu posso fazer! De facto (não porque eu o tivesse decidido), nada me ajudava a fazer memória de Cristo, nada me evocava tanto os seus «traços inconfundíveis» como rezar vendo os veados saltar, ouvindo os gritos dos falcões. Mistério da liberdade de Deus!

Com uma nota crucial: para poder ver os traços inconfundíveis de Jesus no *veado que salta*, tenho de ter presentes os *traços inconfundíveis* de Jesus. De que outra forma poderei vê-los no veado, no falcão, no rosto da minha mulher? Se o rosto de Jesus é para mim esse grande desconhecido, como posso *reconhecê-lo presente* aqui ou ali? Para reconhecer a presença da tua filha no meio da multidão, tens de ter os traços fisionómicos dela gravados na tua mente. Se não, como é que fazes? Falta-te o critério de comparação. Mas o critério de comparação é *o coração* – objetará alguém. O coração, como diz o próprio *don* Giussani, é o critério de comparação para *reconhecer Cristo*.

Respondo: sem dúvida que a comparação com o coração é o critério para compreender que Cristo é Aquele que o meu coração espera, *quando e se O encontrar* (como aconteceu com João e André), pela correspondência que experimento entre Ele e a minha pessoa. Mas o critério para reconhecer Cristo *presente na realidade*, seja ela um veado ou um pobre na rua, *não é nem pode ser apenas* o coração. Mais exatamente: o critério é o *coração*, mas só na medida em que *o próprio Cristo já* “fez resplandecer” nele os traços inconfundíveis do Seu rosto (2 Cor 4,6!),⁸² através da comunidade cristã, como sublinha *don* Giussani no primeiro ponto da estrutura da experiência cristã, que nos foi proposta novamente na Jornada de Início de Ano.⁸³ Em suma, o critério para dizer se um determinado rosto me

⁸² «E Deus, que disse: «Das trevas resplandeça a luz», *brilhou nos nossos corações*, para que o conhecimento da glória de Deus resplandeça na face de Cristo» (2 Cor 4,6; itálico meu).

⁸³ «*O encontro* com um facto objetivo, originalmente independente da pessoa que vive a experiência: facto cuja realidade existencial é uma comunidade sensivelmente documentada, tal como acontece com qualquer realidade integralmente humana». No segundo ponto, depois, Giussani sublinha: «O valor do facto em que embatemos» Cristo, o Seu rosto «transcende a força de penetração da consciência humana [do coração humano], e requer, por conseguinte, um gesto de Deus para a sua compreensão adequada. De facto, este mesmo gesto com que Deus se torna presente ao homem no acontecimento cristão exalta também

faz lembrar ou não o senhor X é a *memória do rosto do senhor X* que trago *dentro de mim*, parece-me claro. O que pressupõe, no entanto, que alguém me tenha introduzido ao conhecimento do Sr. X.

Daí uma conclusão importante: não faz sentido opor a imprevisibilidade do acontecimento de Cristo, ou seja, a liberdade de Cristo de vir ao meu encontro sob “roupagens” sempre surpreendentes e inéditas, ao facto de se conhecer Cristo através da imanência na companhia eclesial. Se eu pensar na minha própria experiência, foi e é verdade o contrário: é verdade, isto é, que precisamente a *familiaridade com Cristo*, que adquire gradualmente permanecendo “de molho”, por assim dizer, na companhia vocacional, com o passar do tempo me tornou capaz de intercetar a Presença de Cristo também em lugares, até mesmo em regiões da minha experiência, nas quais *jamais imaginaria* poder encontrá-lo.

Antes de passar ao terceiro e último ponto, um último esclarecimento, sem o qual o discurso corre o risco de ficar monolítico. Penso que é claro para todos que, quando Giussani fala de *imanência*, não se refere a uma imersão *passiva* na companhia, como se essa imersão realizasse *mecanicamente* o aprofundamento do espanto. Como bem sabemos, uma pessoa pode estar mergulhada na companhia e não aprofundar nenhum espanto. O que é que faz então a diferença? Alguém o mencionava ontem: o facto de que esta minha imersão está cheia de todo o grito, de toda a sede e fome do meu coração. O facto de eu *estar* – mas estar nele com um coração desperto, um coração que pede, um coração que suplica, um coração que grita. Então, toda a riqueza do que está dentro da companhia começa a brilhar: «Faz com que eu te veja! Deixa-te ver: que eu te conheça melhor neste lugar!».

Parece-me justo dizer, neste sentido, que a segunda condição para aprofundar o espanto é a humildade – mas humildade entendida no sentido em que o Papa Francisco usou esta palavra, no discurso

a capacidade cognitiva da consciência, adequando a agudeza do olhar humano à realidade excepcional que a provoca. É o que se *chama a graça da fé*» (L. GIUSSANI, *Educar é um risco*, Paulus, Lisboa 2018, pp. 120-121). Em *Gerar rasto na história do mundo* reitera: «Como Cristo se dá a mim num acontecimento presente, também assim vivifica em mim [por graça] a capacidade de O apreender e de O reconhecer» (p. 40).

que nos dirigiu a 15 de outubro do ano passado. Humildade, isto é, como não presunção já ter percebido tudo, tanto de Cristo como do carisma que nos tomou. Precisamente no final do Evangelho do cego de nascença, a certa altura Jesus dirige-se aos fariseus e diz-lhes estas palavras, tão amargas e ao mesmo tempo irónicas: «Eu vim [...], para que os que não veem vejam [fala evidentemente do cego de nascença, que não só recuperou a vista, mas também acreditou logo a seguir nele à *primeira vista*], e os que veem [ou pensam que veem, isto é, já sabem tudo o que há para saber sobre Deus: os fariseus], fiquem cegos».⁸⁴ Terrível! Como se dissesse: a condição moral para conseguir «ver Jesus» cada vez melhor, qual é? Uma só: que reconheças que ainda não vês *bem, que reconheças que*, pelo menos em parte, ainda és cego, que reconheças que ainda tens um infinito por descobrir – que reconheças que há um mar de beleza e de verdade que está diante de ti e que ainda não exploraste. Ao passo que, se pensas que já sabes tudo sobre Cristo e o carisma, então já te alinhaste com os fariseus.⁸⁵

3. «A casa encheu-se com a fragância do perfume»: dar a vida pela obra de Outro

À luz de tudo o que acabo de dizer, penso que podemos também perceber melhor o terceiro e último ponto desta síntese, que gostaria de dedicar à reflexão sobre o terceiro “pilar”, se assim lhe quisermos chamar, da descrição do carisma de CL que encontramos no prólogo dos estatutos da Fraternidade, e que volto a citar:

A memória de Cristo inevitavelmente tende a gerar uma comunionalidade visível e propositiva na sociedade.

⁸⁴ Jo 9,39.

⁸⁵ Reparem: no quarto evangelho, o único homem em Jerusalém que confessa publicamente a sua fé em Jesus é o cego de nascença. Enquanto os fariseus, que são aqueles que supostamente veem melhor do que ninguém, quando se trata do Messias, não o reconhecem! A coincidência não é, evidentemente, órbita de mensagem. O cego de nascença é, paradoxalmente, quem está em melhor posição para receber a nova revelação que Jesus traz, precisamente porque ninguém como ele tem consciência de que precisa de nos ver melhor do que ele próprio...

Bem, toda a ênfase na primazia do espanto que colocámos até agora, creio que ajuda a desfazer a ambiguidade, mas também a mostrar a importância destas palavras. É da memória, já se disse, ou seja, da contínua renovação e aprofundamento do espanto, que nasce a “generatividade”. O teu e o meu gerar comunhão, seja dentro ou fora do círculo dos nossos amigos, não é mais do que o transbordar de um amor continuamente recebido. Lembram-se da imagem do parto? Uma mulher gera se, antes de mais, se abre para receber, se abre espaço em si mesma para o outro.

Voltemos a Maria de Betânia. O que é que acontece depois de Maria ter derramado o nardo nos pés de Jesus? Quem é que se lembra?

A casa encheu-se com a fragância do perfume.

O grande Orígenes comenta: esta é a imagem da difusão da fragância do Evangelho através da obra missionária da Igreja, personificada por Maria.⁸⁶ Que bonito! Quais são as obras que nascem na e da nossa história? Não são mais do que este perfume de nardo que se espalha por toda a casa. Ou seja, não são senão o efeito sensível, “perceptível” ao mundo, da dedicação generosa com que tantos e tantos dos nossos amigos responderam ao Amor que, através do encontro que fizeram, os investiu; não são senão o “perfume” da paixão por Cristo que, através do encontro com *don* Giuss, os incendiou. Claro, somos todos pecadores. E é fácil perder o rumo quando se põe as mãos na massa. No entanto, se pudéssemos abraçar num só olhar todas as obras que surgiram da nossa gente, é impossível não nos perguntarmos: mas o que é que gerou tudo isto? A resposta que me ocorre é: um amor, ou mais exata-

⁸⁶ «Maria tomou uma libra de nardo precioso e genuíno, ungiu os pés de Jesus e enxugou-os com os seus cabelos; e toda a casa», diz o texto, “encheu-se com o cheiro do seu perfume”. Isto indica que o odor da doutrina que vem de Cristo e a fragância do Espírito Santo encheram toda a casa deste mundo ou a casa de toda a Igreja. [...] E como este perfume estava cheio de fé e de afeto precioso, também Jesus dá testemunho, dizendo: “Ele fez uma boa obra para comigo» (ORÍGENES, *Commento al Cantico dei Cantici*, II, 9, [5.7], in: ORIGENES-GREGÓRIO DE NISSA, *Sul Cantico dei Cantici*, Bompiani, Milão 2016, pp. 415-417). Cf. também ORÍGENES, *Hom. in Cant.*, II, 2.

mente, aquele mesmo ímpeto amoroso que há dois mil anos levou Maria, sem sequer pensar nisso, a “derramar” todo o nardo que tinha sobre os pés de Jesus. Em que estava Maria a pensar quando deitou o unguento nos pés de Cristo? Em quantas divisões da casa chegaria o perfume do nardo? Não. Maria pensava em exprimir o seu amor por Jesus, em dizer o *melhor que podia* quem era aquele homem para ela. Mas, precisamente ao fazê-lo, eis a ironia, «a casa encheu-se com a fragância do perfume». O que é uma *obra*, no sentido cristão do termo? É a mesma coisa: é o efeito espontâneo – «*inevitável*», diz Giussani – daquela dedicação sem cálculos que se afirma no coração de quem vive a memória de Cristo.

Não há, portanto, nenhuma oposição entre a primazia da relação pessoal com Cristo e o compromisso social, o compromisso cultural, o testemunho público. Pelo contrário, uma gera o outro.⁸⁷

Por isso, é correto dizermos que há algo que vem antes das nossas iniciativas, porque se não forem movidas pelo amor a Cristo e, portanto, pela caridade para com os homens, estas iniciativas serão «como um bronze que soa ou um címbalo que retine», como diz São Paulo.⁸⁸

Por outro lado, devemos também dizer a nós próprios – sem nos flagelarmos, pelo amor de Deus – que se o “cheiro não se espalha”, se as obras e a presença pública definham, então talvez o amor comece também a definhar. Para evitar qualquer mal-entendido: não estou de modo *algum a falar da eficácia das* nossas iniciativas (caindo assim na lógica do *desempenho*, da qual nos queríamos libertar). A iniciativa pode ser desajeitada, imprecisa, imperfeita... não importa! O que importa, quando se ama, é dar-se. Como se pode, como se consegue – não importa. Mas dar-se, sabendo que, *mais cedo ou mais tarde*, essa dádiva dará frutos. Porquê? Porque o fruto, a “fragância do perfume”, não é senão o efeito inevitável (*inevitável!*) dessa entrega total em que consiste o ato de amor. O

⁸⁷ Dizia don Giussani em 1969: «O início da presença no ambiente não é o ambiente, mas algo que vem previamente. [...] O anúncio não vem da nossa inteligência em resolver as questões, mas vem antes, é algo que nos é dado e em que damos connosco incluídos, de que partimos continuamente» (A. SAVORANA, *Luigi Giussani. A sua vida*, op. cit., p. 434).

⁸⁸ 1Cor 13,1.

que conta no cristianismo é dar-se gratuitamente. O resto é deixado a Deus. Uma pessoa dá-se generosamente, como a nossa amiga espanhola, e nada acontece à sua volta, parece que não “se espalhar nenhum perfume”. Não importa! Continua, querida Belen, continua! E se não acontecer nada durante dez anos, continua na mesma! Porque o que nos move não é a chantagem do resultado do nosso empenhamento. É o amor a Cristo. É isso que nos torna incansáveis, livres e incansáveis, mesmo quando os frutos não vêm. Claro que não é óbvio viver o nosso empenhamento desta forma. É um caminho. Um caminho onde caímos continuamente numa outra lógica, a antiga, e então tudo se torna um “fardo”. Mas não é o peso das coisas que é o problema. O problema é a ausência de um “fogo” adequado. Temos então de nos ajudar a manter aceso o “fogo”. E nisso ajuda-nos o testemunho daqueles que nos são dados como companheiros de caminho.

A este ponto, não consigo deixar de dizer uma coisa um pouco pessoal, que me aconteceu na outra noite, enquanto ouvia os testemunhos da Terra Santa. Todos eles me impressionaram. Mas houve um que me comoveu verdadeiramente. Foi o último, o do Jack. Não por ser mais comovente do que os outros. Mas porque eu conheço o Jack desde que era pequenino – peguei nele ao colo quando ele era um miúdo (o pai dele foi meu professor na escola primária e fomos amigos toda a vida). E assim, na outra noite, ao ver no que se tornou aquele rapazinho que eu trazia ao colo; ao ver a sua dedicação imprudente (porque continua a ser um rapazinho); ao ver os seus olhos negros a brilhar, ali no meio do desastre – a brilhar de paixão pelo bem daquelas pobres pessoas, fiquei comovido. Porque, quero dizer, quem de nós não sentiu, pelo menos um bocadinho de inveja santa ao ouvi-lo? E está certo. Está certo não porque o Jack “é um grande”. Está certo porque qualquer um de nós podia ver nos seus olhos e nas suas palavras uma paixão pelas pessoas e por aquilo que está a fazer, que qualquer um de nós gostaria de ter. E mais: está certo porque o Jack se encontra agora a viver o que está a viver, pelo simples facto de ter dito toda uma série de sins, que são aquilo que nós também podemos dizer e tantas vezes não dizemos. Ele deixou-se agarrar, não opôs resistência à grande História que o

“agarrou”. E assim, agora encontra-se a fazer coisas grandes, coisas que em pequeno nunca teria sonhado fazer.

Mas quero terminar com o reverso da medalha.

Dissemos que este amor nos leva a fazer coisas grandes. Mas não é só isso. Este amor faz um milagre que, de certa forma, é ainda maior: torna grande o que parece pequeno a toda a gente. Como foi bonito, neste sentido, ouvir ontem o testemunho da Federica. Bonito porque instrutivo, corretivo. Ela não o disse diante de toda a gente, mas o trabalho a que a Federica renunciou (espero que temporariamente) para seguir o seu marido não é um trabalho qualquer. É um trabalho que a Federica ama apaixonadamente. No entanto, ao dar crédito à perspectiva que a nossa companhia lhe sugeriu, ao dar crédito à nova lógica nascida da fé, ela descobriu o cêntuplo. E deu-nos testemunho disso. Testemunhou-nos que, ao vivermos tudo com este ímpeto de oferta interior – quer seja, como para a Federica, lavar os pratos, ou ir para a Síria, como para o Jack, começamos a saborear uma experiência que é exatamente o oposto da experiência do ego performativo, da qual partimos. Para o ego performativo, tudo é sempre pouco e “a relva da vizinha é sempre mais verde do que a minha”. Quem vive na presença de Outro, pelo contrário, vê tornar-se grande entre as suas mãos até o gesto mais pequeno, até o lavar os pratos.⁸⁹ Mais: precisamente porque mais sacrificado, aquele gesto torna-se o maior, porque é mais expressivo daquilo de que depende verdadeiramente a nossa grandeza. De que depende a nossa grandeza? Como disse um sábio, no cristianismo “vence” quem ama mais.

Francesco Cassese. Pensemos no Evangelho e na Bíblia, este livro “estranho” de que falámos no início. Não conseguiríamos perceber nada do Evangelho, a não ser por força de um acontecimento presente, se não tivéssemos alguma coisa no presente, se não estivesse a acontecer hoje. Da mesma maneira, não conseguiríamos perceber nada daquilo que nos está a acontecer hoje sem voltar a olhar para o Evangelho. Existe assim um círculo virtuoso entre passado e

⁸⁹ Cfr. L. GIUSSANI, *L'avvenimento cristiano*, op. cit., pp. 31-33; Id., *Il senso di Dio e l'uomo moderno*, BUR, Milano 2010, pp. 130-131.

presente, um diálogo passado-presente, pelo que se torna cada vez mais interessante ler e compreender o Evangelho. Através da leitura do Evangelho, Paulo ajuda-nos a compreender o que nos está a acontecer hoje. Neste sentido, gostaria de reler o que ele nos disse a luz do que aconteceu nos últimos dias. Faço três observações.

1) Antes de entrar, estava sentado ao lado de um amigo que me dizia: «Olha, nos últimos anos afastei-me um pouco do movimento e reaproximei-me precisamente nestes dias». E acrescentava: «Foi como atravessar o deserto. Mas nestes dias, para mim, foi como voltar a casa do meu pai e da minha mãe». Quando Paulo diz que para reconhecer é preciso conhecer, quer dizer que só podemos reconhecer o pai e a mãe porque os conhecemos antes. É isto a fé: reconhecer uma Presença. A fé é reconhecer aqueles traços inconfundíveis que nos permitem dizer: «Estamos em casa, aqui estás Tu».

2) Padre Paolo, no último ponto, disseste-nos que esta fé, esta memória, a consciência de uma Presença gera uma comunhão. Mas não foi talvez o que aconteceu nestes dias? Sem que nos apercebêssemos ou procurássemos com insistência, nasceu entre nós uma comunhão imediata. Este é o sinal da presença do Senhor. O Senhor está presente entre nós e devemos ter a audácia de O chamar pelo nome. O Senhor está aqui.

3) O último ponto que gostaria de abordar diz respeito à responsabilidade. Porque a responsabilidade, como dizia o Paulo agora – ou seja, a tarefa, a missão, as obras – é a tentativa de corresponder a este amor. Estou surpreendido porque foram dias extraordinários, e penso que a todos nós tremem um pouco as pernas: apercebemo-nos de que algo de grande está a acontecer, não só para nós, mas para todos, até para os nossos amigos para junto dos quais voltaremos. Há como que um tremor perante a iniciativa do Senhor e, como dissemos no início desta convivência, não sabemos ainda onde nos levará. A nossa responsabilidade é responder a esta iniciativa. Responder a esta iniciativa significa que, de alguma forma, nos ajudaremos cada vez mais a compreender como é que esta história pode continuar, que tipo de forma pode servir melhor o que está a acontecer entre nós, prontos a corrigir-nos assim que nos apercebermos de que a forma não é a adequada.

Vimo-nos em março e agora, seis meses depois, excluo a possibilidade de nos voltarmos a ver antes do verão, até porque teremos os Exercícios da Fraternidade e os Exercícios dos Jovens Trabalhadores. Por isso, não sei o que é que poderá significar para nós continuarmos com o que começou e que tipo de forma, talvez até uma nova, poderá nascer para acompanhar isto. Devo dizer que, entre almoços e jantares, surgiram algumas ideias e sugestões, cuja exequibilidade poderemos verificar nas próximas semanas. Dou um exemplo que, precisamente, precisa de ser verificado. Ontem estava a almoçar com alguns de vocês e, a certa altura, surgiu uma necessidade, que exprimiram desta forma: «Não vemos a hora de chegar a casa para contar aos nossos amigos da Fraternidade o que aconteceu nestes últimos dias». Eu não sei como é que o que está a acontecer entre nós poderá chegar aos outros amigos que não estão aqui. Sugeriram: «Localmente, poderíamos fazer um fim de semana de convívio, nós que viemos aqui, dando-nos algum tempo para verificar os conteúdos que surgiram nestes dias, e depois ter um momento de diálogo convidando alguns de vocês». Em suma, haverá espaço para a criatividade e a inventividade. Vamos ver como corre esta história. Certamente, o que começou é uma história que já não podemos deixar passar.

Introdução

Francesco Cassese

Quinta-feira, 23 de novembro

4

Excertos da primeira assembleia*Sexta-feira, 24 de novembro*

7

Lição

padre Paolo Prospero

Sexta-feira, 24 de novembro

42

Excertos da segunda assembleia*Sábado, 25 de novembro*

68

Síntese

padre Paolo Prospero

Domingo, 26 de novembro

94

Tradução do italiano de Maria Inácia Ramos Ascensão

© 2023 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de P. Prospero e F. Cassese.

Na capa: © shutterstock

